

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARCELA ARANTES RIBEIRO

NO ESPELHO DAS ÁGUAS

Um lugar Ribeirinho no Rio Madeira

PORTO VELHO
2010

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

NO ESPELHO DAS ÁGUAS

Um lugar Ribeirinho no Rio Madeira

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM GEOGRAFIA, DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA-PPGG/UNIR, PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM GEOGRAFIA – LINHA
DE PESQUISA: POPULAÇÕES
AMAZÔNICAS E CIDADANIA, SOB A
ORIENTAÇÃO DO PROF. DR.
JOSUÉ DA COSTA SILVA.

PORTO VELHO
2010

BEIRADÃO

Zezinho do Maranhão e Ronald

Às seis da tarde
Quando me encontro só
Lampiões se acendem do lado de lá do rio
Terra de Boi-tatá, Curupira, Mãe - da mata
Onde chove mais forte
Lá onde o vento é mais frio

Quem dera mãe, poder estar lá
Poder contemplar
A Deusa Lua, o luar e ter o seu brilho no olhar
E ser o Boto, e a mocinha encantar
E ter o seu brilho no olhar
E ser o Boto, e a mocinha encantar

Queira ou não queira
Se ouve o som do baião
Beira, beirada de rio beira, beiradão
Fogueira queimando cachaça, espantando o
frio
Mistérios do lado de lá do rio

Menina olha o Boto, Menina olha o Boto
Menina olha o botão de rosa que eu trouxe
pra ti
Menina olha o Boto, menina olha o Boto
Será que é Boto cor-de-rosa ou Boto tucuxi.

AGRADECIMENTO

Para chegarmos em algum lugar é uma longa caminhada com altos e baixos, durante a caminhada para realização deste trabalho convivemos com muitas pessoas, algumas só passam por nossas vidas, outras passam e deixam contribuições, outras passam e ficam e ainda tem aquelas que não lembramos, mas que por algum motivo fizeram parte de nossa vida. Todas contribuíram, diretamente ou indiretamente, para o amadurecimento do meu ser e a minha formação acadêmica. Na impossibilidade de listar todos os nomes agradeço a todos deixando registrado o pedido de perdão aqueles que se sentirem magoados pelo esquecimento de uma memória que está envelhecendo.

Aos professores e professoras, familiares e amigos que me agüentam há tanto tempo.

A professora Maria das Graças, carinhosamente Gracinha e ao Professor Josué, meu orientador, por todas as oportunidades proporcionadas durante o período do mestrado, as quais traçaram o caminho de minha vida, pela confiança e credibilidade depositada em mim. Com eles foi possível realizar este trabalho como esta sendo apresentado e disponibilizado.

E principalmente aos meus narradores que sem eles tudo isto não seria possível, e, ao boto, a cobra-grande, curupira e o matinta-perera que me ensinaram a compreender as diferenças culturais tão próximas a mim.

RESUMO

Esta dissertação objetivou fazer uma leitura geográfica do lugar ribeirinho em três localidades do Rio Madeira – Cachoeira de Teotônio, Vila de Calama e São Sebastião - o que chamamos de um viver refletido nas “águas” com representações e simbolismos característicos do espaço do grupo pesquisado. Para esta compreensão fizemos uso fundamentalmente dos pressupostos da Geografia Cultural e alguns teóricos da antropologia e da sociologia, onde construímos o nosso “pensar” as relações entre o ribeirinho com seu lugar marcado pela presença do rio e da mata. Através da interpretação dessa relação foi desenvolvida outra forma de compreender o lugar do ribeirinho atualmente. O conceito de lugar utilizado neste trabalho foi elaborado por Tuan (1980 e 1983) aplicado juntamente com outros teóricos da Geografia Cultural. Na busca de compreender a vida ribeirinha buscamos Loureiro (1995) e Silva (1994) como ponto de partida, quanto à formação das localidades ribeirinhas considerando o processo migratório Nascimento Silva (2000) e Santos (2002) nos ajudou no momento que acreditamos a cultura está enraizada em gerações passadas. O diálogo entre os conceitos de cultura está fundamentado na concepção de Claval (2007). Essas leituras nos possibilitaram enfocar e compreender como ocorre a relação do ribeirinho com o rio e a mata a partir de uma das representações da cultura ribeirinha - os seres encantados - demonstrando um modo de viver subjetivo o que nos levou a apresentar, neste trabalho um espaço ribeirinho cultural. O espaço ribeirinho apresenta-se embutido de representações tornado-o complexo aos olhos daqueles que não fazem parte do grupo. Destacamos que, assim como todos os outros espaços, este também está sujeito a dinâmica da vida passando por re-leituras de representações, re-significações dos elementos simbólicos presentes na cultura e espaço ribeirinho. Ao apresentarmos a temática do espaço ribeirinho enfocando o Boto, a Cobra-Grande, o Curupira e o Matinta-Perera como representações simbólicas que inter-ligam o homem/rio/mata abrimos caminhos para compreender diferentes modos de vida que permitem a sobrevivência da organização de grupos sociais como os ribeirinhos do Rio Madeira. Interpretar o espaço ribeirinho pela cultura implica “navegar” pelas intersubjetividades do espaço vivido. Neste sentido aplicamos como metodologias de pesquisa as propostas de Frémont (1980) de espaço vivido e a de Meihy (2005) história oral. Onde foi possível perceber o lugar na fala dos nossos narradores repleto de representações tipicamente ribeirinhas que, por meio dessas, os encantados, quando interpretados em maior dimensão, fizeram e ainda fazem parte da vida e espaço ribeirinho. Assim, compreender o modo de vida ribeirinho por meio da cultura deste grupo é adentrar em um espaço simbólico com representações e seus significados, valores afetivos e experiências de vida que tentamos apresentar neste trabalho.

Palavras Chave: Geografia Cultural; Espaço Simbólico; Lugar; Representação; Ribeirinho; Seres encantados.

ABSTRACT

This thesis aims at making a geographical interpretation of three coastal cities by the Madeira River – Teotonio Waterfall, Calama Village and Saint Sebastian. By using the assumptions of Cultural Geography and theorists of Anthropology and Sociology, we developed our thinking on the relationship between the coastal population (*ribeirinho*) with its appointed place by the river and the forest. Through the interpretation of this relationship another way of understanding the place of the *ribeirinho* has been developed recently. The concept of place used in the present study was prepared by Tuan (1980 and 1983) applied along with other theorists of Cultural Geography. In the quest of understanding the life of a *ribeirinho* we looked into the works of Loureiro (1995) and Silva (1994) as starting points and into the works of Nascimento Silva (2000) and Santos (2002) for the formation of riverside towns considering the migration process and to help us when we believed in the culture that rooted in past generations. The dialogue between the concepts of culture is based on the design of Claval (2007). These readings enabled us to focus and understand how the relationship between the *ribeirinho* and the forest and the river happens if we consider representations from their culture - such as enchanted beings - demonstrating a subjective way of life, which led us to present this work showing their cultural area. The “ribeirinho” area presents built-rendered representations, complex in the eyes of those who are not part of the group. We emphasize that, like all other spaces, this too is subject to the dynamics of life through re-readings of representations, re-signification of the symbolic elements present in the culture and coastal space. In presenting the theme of the “ribeirinho” area focusing the Dolphin, Cobra Grande, Curupira and Matinta-Perera as symbolic representations of connection between man / River / forest paths open to understand different ways of life that allow the survival of the organization of social groups as those bordering the Rio Madeira. Interpreting the *ribeirinho* area of culture involves “surfing” for Intersubjectivity of lived space. In this sense we applied research methodologies proposed by Fremont (1980) of living space and the Meihy (2005) oral history. Where it was possible to see the place in the speech of our storytellers filled with representations typically “ribeirinhas”, through these, the enchanted, when interpreted in larger, made and still make part of life and coastal space. Thus, understanding the *ribeirinho* way of life through the culture of this group enters into a space with symbolic representations and their meanings, affective values and life experiences that we try to present this work.

Keywords: Cultural Geography; Symbolic Space, Place, Representation, *ribeirinho*, enchanted beings.

ÍNDICE DE MAPA

Mapa 01 – Localização das Localidades Ribeirinhas de Teotônio, São Sebastião e Calama no rio Madeira _____	69
--	----

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01: Organograma Metodológico _____	60
Fig. 02: Fluxograma: Etapas da confecção do texto em História Oral _____	66
Fig. 03: Ilustração da Vila de Calama _____	75
Fig. 04: Ilustração do Povoado da Cachoeira do Teotônio _____	78
Fig. 05: Ilustração da Localidade de São Sebastião _____	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: A Fartura _____	123
Quadro 02: Relação dos seres encantados por comunidade _____	128
Quadro 03: Relação dos elementos da floresta com os seres encantados _____	130
Quadro 04: Cobra-Grande e as localidades _____	135

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: REVISITANDO O ESPAÇO AMAZÔNICO	22
1. <i>Seringueiros na Amazônia: o começo das localidades ribeirinhas</i>	25
2. <i>Do seringueiro ao caboclo ribeirinho</i>	28
CAPÍTULO II: NAS LEITURAS DA GEOGRAFIA	34
<i>A Geografia Cultural como ponto de partida</i>	34
<i>O Espaço Simbólico: buscando compreender a vida ribeirinha</i>	42
<i>Representação nas águas ribeirinhas</i>	46
<i>O Lugar na Cultura Ribeirinha</i>	51
CAPÍTULO III: “NAVEGANDO” NOS RECURSOS METODOLÓGICOS	56
CAPÍTULO IV: AS LOCALIDADES RIBEIRINHAS	68
1. <i>Vila de Calama</i>	71
2. <i>Teotônio</i>	76
3. <i>São Sebastião</i>	80
CAPÍTULO V: AS NARRATIVAS O ESPELHO DA VIDA RIBEIRINHA	85
<i>M. R. D. S.</i>	85
<i>M. S. P.</i>	97
<i>J. T. D. F.</i>	103
<i>D. M. M.</i>	109
<i>M. D. J. P.</i>	113
CAPÍTULO VI: “NAS ÁGUAS” DA INTERPRETAÇÃO	118
1. <i>O Lugar na Cultura Ribeirinha</i>	119
2. <i>Os Seres Encantados no Lugar Ribeirinho</i>	126
3. <i>O Rio na Vida Ribeirinha</i>	140
4. <i>Perdendo o Lugar ribeirinho</i>	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

APRESENTAÇÃO

A vida é um espelho daquilo que sonhamos e conquistamos, corresponde à suavidade e transparência de uma água límpida que percebemos somente depois que passamos pelas experiências vividas desta forma, apresento como foi a caminhada para a chegada ao Mestrado e ao tema desta dissertação.

Graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, de 2002 a 2006, dentre as disciplinas afins com a Geografia, destaco aquelas que envolveram o pensamento social crítico o que facilitou para compreender durante o Mestrado o espaço geográfico, o homem enquanto sujeito que constrói e reconstrói o espaço onde vive, podendo ou não considerar suas antigas vivências, sustentadas nas lembranças que acumulou e resistiu durante a vida. Não ignoro as disciplinas que envolveram a Amazônia e Rondônia com enfoque na formação da cultura, política e economia do nosso Estado, as quais contribuíram especificamente na construção desta dissertação. Por fim, as disciplinas que envolveram a Antropologia que possibilitou o contato com as discussões teóricas sobre cultura. As experiências e o conhecimento desses quatro anos foram refletidos neste trabalho.

Foi durante a graduação que surgiu o interesse por esta temática com a participação como Pesquisadora Colaboradora do PIBIC/CNPq/UNIR, 2004/2005. Uma pesquisa que foi realizada com alunos da escola municipal de Ensino Fundamental Santo Antônio, na localidade ribeirinha de Santo Antônio, onde se propunha investigar quais as representações do imaginário da comunidade de Santo Antônio faziam parte do contexto educacional dos alunos.

Para tanto, observei a maneira como a realidade e particularidades locais eram trabalhadas em sala de aula; essa pesquisa de iniciação científica considerou a proposta de integração interculturais sendo as principais concepções teóricas aplicadas do trabalho no campo da Educação. Sendo norteadas por questionamentos que envolveram a possibilidade de desenvolver uma educação com elementos e vivências dos alunos da localidade de Santo Antônio.

Durante esse período, comecei a ler sobre modo de vida e cultura ribeirinha, sendo a obra de Loureiro (1995) “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário” que fundamentou a compreensão da formação da organização e vida nos grupos ribeirinhos. A importância dessa pesquisa consistiu na abordagem de uma cultura

característica da Amazônia aplicada no processo educacional da criança, incentivando a ação de educar através do lugar onde a criança está inserida.

Na localidade de Santo Antônio, há vestígios da História como o casarão, construído pelos holandeses no início do século XX, a pequena igreja católica de Santo Antônio, além dos trilhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré; são elementos com pouca ou nenhuma representatividade para o grupo. Somando a essas paisagens os moradores convivem com o cemitério de Santo Antônio que, além de ser fonte de renda para muitos moradores, contribuía para enriquecer o imaginário local. Assim, aprendi a observar e analisar a representatividade das coisas materializadas na cultura de um grupo social.

Durante essa pesquisa fiz o primeiro trabalho de descrição, tratando da relação da escola com a localidade, desenvolvi atividades com os alunos, as quais tinham como principal objetivo levá-los a narrarem as representações dos seres encantados ribeirinhos. Essas narrativas foram interpretadas no campo teórico da educação. Não houve resistência dos alunos diante das atividades da pesquisa, foi respeitada a liberdade e a maneira de expressão de cada aluno na forma de organizar a fala. Em exemplo, uma aluna da 2ª série narra: *“Minha vó namorava com um boto [...] todo dia fazia festa lá na praia aí o boto pediu ela em namoro e ela aceitou aí ela viu que o boto tinha um buraco na cabeça dele ele usava um chapéu”*.

Nessa minha primeira vivência, observei que na localidade de Santo Antônio existia, e ainda existem, seres encantados os quais são representações do espaço ribeirinho e do lugar desse grupo, tanto que foram naturalmente narrados, escritos e representados também por imagens pelos alunos. Em Santo Antônio, identifiquei duas narrativas característica desse lugar - a narrativa do Pé de Bode e a do Homem de Branco.

A primeira referente a um menino que aparece na mata próximo aos trilhos da Estrada de Ferro, o menino certa vez pediu carona a um rapaz de moto, ao perceber o peso elevado da moto olha para traz e vê o pé da criança igual à pata de um bode. Essa narrativa, juntamente com a do Homem de Branco que circula entre as casas, apareceram com maior frequência na fala dos alunos, demonstrando uma relação subjetiva interligando-os ao lugar onde vivem, por meio da cultura.

Nessa particular realidade de Santo Antônio, observei que essa representação cultural é resultado de experiências individuais que no decorrer dos

anos formaram traços característicos dessa cultura que sendo desenvolvida em sala de aula na perspectiva da diversidade cultural, levaria a compreensão por parte dos alunos do conhecimento institucionalizado - a escola - através da percepção do lugar onde cada aluno vive. Essa maneira de pensar e agir do grupo conservaria a cultura e o modo de vida tempo necessário para que as mudanças ocorressem gradativamente, considerando que a cultura é dinâmica e instável.

Ainda no período do PIBIC, foi desenvolvida uma atividade no Povoado da Cachoeira do Teotônio, no ano de 2004, com todos os integrantes do projeto de pesquisa. Durante essa atividade, conheci e conversei com um morador e pescador chamado Marcelo, este contato foi fundamental na decisão quanto à temática e o caminho a seguir para desenvolver uma pesquisa futura. Essa primeira conversa me instigou em saber se existe, como seria e o que há de diferente na vida ribeirinha em relação à minha vida, por exemplo, desde esse momento foi possível perceber o valor atribuído a um lugar de vivência, pois, durante a conversar, enfatizou o quanto gosta de morar ali.

Nessa época, a Empresa FURNAS – Centrais Elétricas - já estava fazendo negociações com os moradores para o deslocamento dos mesmos em virtude da construção das usinas hidrelétricas no Rio Madeira e conseqüentemente o alagamento do local.

Nas conversas com um morador, uma parte de sua fala me chamou a atenção, quando este disse que a *COBRA GRANDE* não permitirá que as turbinas das usinas funcionem, ela irá quebrá-las. Foi então que comecei a me questionar: que tipo de “coisa” é essa capaz de quebrar uma turbina? E ainda, o que proporciona para que ela exista no grupo?

Nessa pesquisa de iniciação científica, houve o primeiro envolvimento com esse modo de vida e suas especificidades, o qual foi apaixonante. O desejo de desenvolver uma nova pesquisa com esses grupos sociais, voltada para suas representações culturais, juntamente com a vontade de fazer o mestrado, favoreceu a proposição de um projeto de pesquisa com vista à seleção do Mestrado em Geografia na Universidade Federal de Rondônia com esta temática, objetivando principalmente compreender como os seres encantados característicos das comunidades ribeirinhas estão inseridos na produção do espaço ribeirinho.

Com a aprovação na seleção, turma/2008, passei a dedicar todo o tempo e a atenção ao mestrado e suas atividades. Dessa forma, participei do grupo de estudos e pesquisa GEPCULTURA - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vida e Cultura Amazônica – o qual proporcionou leituras e orientações no campo teórico da Geografia Cultural, trabalhando desde o seu surgimento até sua aplicação nas pesquisas.

A participação das reuniões e discussões do grupo possibilitou-me, além de estreitar laços teóricos com a Geografia Cultural, aproximar de alunos que desenvolvem trabalhos com este campo teórico; tal situação foi fundamental para meu amadurecimento e compreensão teórica. Destaco as discussões e diálogo com o pesquisador e geógrafo Gustavo Henrique, situação que ajudou no processo de aprendizagem e construção do trabalho.

Durante o estágio docência, o pesquisador Gustavo Henrique e eu trabalhamos sob orientação do Professor Josué da Costa Silva, uma disciplina optativa do curso de graduação em Geografia, “Mito e Lugar”, onde desenvolvemos leitura e análise da Geografia Cultural, a qual se tornou gradativamente a base fundamental desta dissertação.

Desta experiência do estágio docência surgiu a oportunidade de co-orientar alunos da iniciação científica, ao lado do Professor Josué da Costa co-orientamos pesquisas de estudantes da graduação pertencentes ao grupo de pesquisa GEPCULTURA, totalizaram quatro pesquisas, todas voltadas para a análise dos dados a partir da Geografia Cultural, que resultaram nos relatórios parciais e finais. Além da produção técnica, foi possível perceber e acompanhar o amadurecimento acadêmico dos alunos pesquisadores.

Quanto às disciplinas do mestrado, procurei cursar as que fossem fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Cursei sete disciplinas durante o Mestrado. As três primeiras disciplinas cursadas foram introdutórias no campo da Geografia, principalmente a Teoria da Geografia, a qual possibilitou compreender a base teórica da Geografia Crítica que foi fundamental para o entendimento acadêmico considerando principalmente que sou historiadora de formação e esta disciplina introduziu-me no campo da Geografia.

Ainda no primeiro semestre, cursei a disciplina Espaço Rural, podendo perceber como se constrói e como podemos analisar as relações formadas nos

espaços rurais; essa percepção pode ser aplicada em outras situações; no caso desta pesquisa, foi aplicada nos grupos ribeirinhos.

Por fim, cursei a disciplina Métodos Qualitativos na busca pela compreensão e aplicação de uma metodologia para o trabalho de campo. Compreendo o meu trabalho como qualitativo na medida em que enfatizo o indivíduo e não a quantidade de indivíduos diante da proposta da pesquisa.

No segundo semestre de 2008, tive a oportunidade de cursar as disciplinas nas Universidades Federais de Santa Catarina e Paraná quatro disciplinas, sendo duas em cada instituição.

Mantendo a mesma regra de escolha das disciplinas e considerando a temática da pesquisa, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC cursei Estudos Culturais e Educação. Esta escolha ocorreu na pretensão de atualizar o conhecimento no campo teórico da cultura, e a disciplina Migrações, Construções Sociocultural e Meio Ambiente, enfatizando o processo migratório e a influência na formação das culturas.

Na Universidade Federal do Paraná, foi cursada a disciplina Abordagens e Técnicas da Geografia Social e Cultural, fundamental para a produção do trabalho, uma vez que este está fundamentado na Geografia Cultural. Ao trabalhar todo o processo e as abordagens de pesquisa da Geografia Cultural; esse aprendizado foi adaptado à pesquisa. A outra disciplina escolhida foi Geografia: Mito e Lugar por ser a temática central desta dissertação, a essência da proposta de pesquisa, perceber o mito a partir do olhar geográfico.

A experiência do intercâmbio acadêmico foi possível pela existência do convênio entre as instituições acima citadas, o PROCAD/Amazônia – Projeto de Cooperação Acadêmica. Este objetiva desenvolver pesquisas no campo teórico da Geografia Cultural, envolvendo questões e discussões da realidade na Amazônia.

Nesses dois anos correspondentes ao período do mestrado, participei de diversos e diversificados eventos, principalmente durante o intercâmbio acadêmico realizado no segundo semestre de 2008, onde foi possível apresentar, inclusive em alguns deles publicar trabalhos com o tema central, o modo de vida ribeirinho, enfocando múltiplas interpretações conforme a temática de cada evento. Assim, foram trabalhos que envolveram educação, cultura, modo de vida, representação,

identidade e diversidade cultural, todos norteados pelas concepções teóricas da Geografia Cultural.

Com as sete disciplinas cursadas, cumpriram-se os créditos exigidos pelo Programa de Mestrado, as quais nortearam, orientaram e possibilitaram o direcionamento e compreensão da pesquisa. O conhecimento adquirido e construído durante as aulas orientou a realização do trabalho de campo que iniciou desde o começo do mestrado, intensificando-se ainda mais no segundo ano.

Sua essência correspondeu às entrevistas coletadas com narradores das localidades ribeirinhas do povoado da Cachoeira do Teotônio, da localidade de São Sebastião e da Vila de Calama. A partir das entrevistas desenvolvemos o presente trabalho.

Foi durante a execução do trabalho de campo, ano de 2008/2009, que se intensificaram os questionamentos envolvendo a vida desses moradores, a curiosidade de compreender que lugar é esse onde vivem os narradores e que os envolvem a tal ponto que a possibilidade de sair do lugar torna-se inexistente. E como aparecem os valores simbólicos e representativos do grupo os quais proporciona a relação entre o narrador e o lugar. Na tentativa de compreender parte deste lugar pelo olhar da cultura, de um lugar com representações e pela existência de um espaço ribeirinho, desenvolveu-se este trabalho.

Por fim, as mudanças e escolha do título final que acabou surgindo a partir das primeiras leituras das entrevistas, o qual simboliza um dos elementos de maior representatividade na vida dos narradores envolvidos na pesquisa, o rio. Mais do que isso, pretende refletir, assim como um espelho, o lugar desses narradores e compreender a amplitude e complexidade de um espaço repleto de representações, cada qual com símbolos e significados, que são diluídas em um modo de vida dos grupos sociais existentes as margens do rio Madeira em Porto Velho / RO.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta como objetivo principal interpretar as relações espaciais do lugar ribeirinho a partir da cultura, apresentando uma compreensão do espaço ribeirinho pela Geografia Cultural através das narrativas predominantes nas localidades da Vila de Calama, povoado da Cachoeira do Teotônio e localidade de São Sebastião, todas localizadas no município de Porto Velho e nas margens do rio Madeira. Por meio dessas narrativas buscamos compreender a relação de vivência e construção dos narradores / moradores com o seu lugar.

Sendo o lugar o objeto principal dessa pesquisa, direcionamos, então, os objetivos específicos para a relação: narrador – lugar - cultura, onde, foi possível identificar uma relação subjetiva e afetiva do narrador para com seu lugar e como esta se apresenta na vida do ribeirinho. Foi possível demonstrar que tal relação está fundamentada em sentimentos que envolvem sobrevivência, como a gratidão, segurança e liberdade.

Identificamos e analisamos os seres encantados como representações culturais característica do modo de vida ribeirinho que ainda fazem parte do lugar ribeirinho. Nesse sentido, apresentamos uma interpretação dos símbolos e significados do lugar para os narradores, do lugar, dos encantados na cultura ribeirinha, do rio na vida dos narradores e, por fim, o valor do lugar para o ribeirinho.

Compreendemos que todos os lugares apresentam representações sociais e culturais e cada uma delas correspondem a determinados símbolos e significados que o homem cria para se legitimar e identificar no seu lugar; é neste sentido que fazemos uso da Geografia Cultural, por nos proporcionar a possibilidade de compreender o espaço e o lugar através de uma determinada cultura.

A justificativa desta pesquisa está centrada na pretensão de contribuir para as pesquisas sobre a temática de cultura Amazônica onde enfoca-se a diversidade e os processos de inclusão social. Neste sentido, o tema foi proposto partindo de dois pressupostos: o primeiro corresponde ao fato de existirem diferentes maneiras do homem interagir no mundo, identificando e explicando as relações entre ele, o lugar onde vive e os acontecimentos do cotidiano.

O segundo é de que em todos os grupos sociais existem representações religiosas, políticas e culturais que explicam e moldam suas vidas, são essas representações que caracterizam e formam a essência da cultura de um povo, um grupo, uma comunidade e até mesmo uma sociedade, pois as representações são criações humanas e uma forma de conhecimento e explicações de todas as relações, envolvendo o ser humano com o lugar de vivência.

Considerando ainda este autor, em cada representação há símbolos, signos e significados que são atribuídos pelo homem e estão diretamente ligados à cultura de cada grupo. Nesse sentido, os grupos estudados apresentam suas próprias representações as quais são pontos de análise deste trabalho.

Nesse sentido, identificamos as narrativas que predominam nos três grupos pesquisados, entre a Cobra-Grande, o Boto, o Matinta-Perera e o Curupira. Desenvolvemos uma leitura destes seres encantados como representação cultural dos grupos sociais por estarem presentes nas relações subjetivas do homem com o seu lugar e conseqüentemente com o espaço ribeirinho.

Para tanto, buscamos compreender a atual formação do espaço Amazônico, intercalando conhecimentos nas áreas da Geografia, Sociologia, Antropologia e História, direcionando as leituras para um recorte teórico, temporal e temático possibilitando uma interpretação dos dados obtidos durante o trabalho de campo.

As leituras feitas durante toda a construção desse trabalho foram selecionadas conforme as indagações que surgiram durante o trabalho de campo, pois, ao solicitar que os narradores compartilhassem suas experiências, começamos a perceber a existência de uma relação subjetiva e afetiva do narrador com o lugar. Foi então que nos perguntamos que “relação é essa”? E a partir deste questionamento, se desdobraram os outros como: em que está fundamentada esta relação? Quais são suas representações sociais e culturais? Qual o valor do lugar para o narrador? Se há representação, então, como estão presentes os símbolos e significados do narrador no seu lugar?

Diante disto, buscamos compreender essa relação subjetiva entre o homem e seu lugar, partindo do pressuposto que é ele quem atribui os valores, significados e símbolos ao seu lugar, por meio de suas representações. Neste sentido, construímos este trabalho.

A dissertação foi desenvolvida a partir das entrevistas, todas obtidas durante o trabalho de campo referente ao tempo do mestrado, 2008/2009, as quais foram interpretadas na perspectiva da Geografia Cultural. A interpretação ocorreu considerando a interferência da cultura, com base, principalmente, Claval (2007) e Sahr (2007), na formação do espaço dos moradores das localidades ribeirinhas, uma vez que a cultura orienta e organiza a existência do homem, tornando-se fundamental para qualquer grupo social por proporcionar características de unidade.

Neste trabalho, enfocamos uma das representações da cultura ribeirinha, em Loureiro (1995) cultura cabocla, os seres encantados, concepção também desenvolvida por este autor, que nos levou a interpretar o lugar do narrador a partir da presença desses encantados.

A cultura é uma realidade mutável e instável, desta forma, está sempre em constante transformação. Tais transformações ocorrem em virtude das vivências do homem. Essas experiências são passadas e reorganizadas de geração para geração. Nesse sentido, utilizamos e concordamos com Claval (2007) que analisa tal situação, demonstrando o processo de construção, permanência e existência de uma determinada cultura.

Temos ainda com Tuan (1980) uma possibilidade de compreender a relação do ser humano com o meio onde vive pelo viés da percepção, valores e atitudes que este desenvolve no seu lugar, abrindo caminhos para compreender a cultura, com seus elementos simbólicos, presentes e caracterizando o espaço de vivência de um grupo. Dessa forma, podemos perceber que os ribeirinhos do Rio Madeira apresentam representações em seu modo de vida que demonstram uma relação subjetiva e valorativa com a mata e o rio.

Este trabalho foi desenvolvido com moradores de três localidades ribeirinhas, consideramos o nosso acesso aos moradores em virtude de pesquisas já realizadas e a possibilidade de espacializá-la.

Assim, foi possível navegar por todo o rio Madeira onde buscamos identificar a relação dos narradores com o lugar considerando a representação dos seres encantados presentes na fala e atualmente vivenciados, mesmo quando nestes foram identificadas semelhanças aos narrados há um século, conforme abordado anteriormente por outros estudiosos. Sua leitura foi realizada considerando as

relações sociais do momento de vivência do narrador e sua concepção do lugar onde vive.

Registramos o significado do lugar, considerando Tuan (1980 e 1983), na experiência pessoal do narrador / ribeirinho (SILVA, 1994), respeitando sua cultura e reconhecendo as particularidades de cada vivência, ao lugar são atribuídos valores afetivos, expressos em sentimentos como o gostar e a gratidão que expõe as características do essencial das relações do homem com o espaço, correspondendo à percepção de vida que tem o narrador deste espaço.

Em cada grupo há narrativas específicas, são narrativas que demonstram a vivência de um grupo e estão envolvidas na construção do *lugar* onde o homem desenvolve suas relações sociais, culturais, políticas e econômicas organizando um conjunto de explicações do cotidiano ribeirinho, envolvendo seus valores e significados. Esta construção de representações sociais e culturais em um espaço nos permite perceber este como simbólico.

Entre os nossos narradores há uma forte ligação com o lugar onde vivem e quando enfocamos as narrativas da Cobra e do Boto percebemos a ligação deste seres com o rio. Ao fazer essa relação encantados/rio nos remete às narrativas da cultura indígena analisadas por Cascudo (2002), em que esses encantados aparecem na diversidade da Mãe-d'Água e são temidos por perseguir e fazer o mal ao ser humano. O mesmo ocorre com o Curupira e o Matinta-Perera, porém, o primeiro está ligado à mata e o segundo ao ar.

Por meio da cultura, dos elos afetivos e das experiências vividas, o ribeirinho constrói e vivencia seu lugar, por isso, podemos identificar as representações sociais e culturais existentes em cada grupo pesquisado. As narrativas ribeirinhas demonstram uma relação do homem com o grupo, com o rio e a mata, elementos inseridos em seu modo de vida, conforme aponta Fraxe (2004), Silva (1994), Souza (2002) e Wagley (1988), demonstra ainda a existência de uma relação sustentada no imaginário (LOUREIRO, 1995), nos significados, valores e representação dos seres encantados para o ribeirinho e sua cultura.

As representações existentes nos grupos ribeirinhos estudados fazem parte de suas culturas, os seres encantados que são uma das representações, estão diretamente ligados a relação do homem com o lugar através da mata e do rio.

Em uma das narrativas temos o relato do desaparecimento de um pescador levado pela Cobra-Grande, pois, pescou durante a Semana Santa; em outra, o Curupira faz um caçador desaparecer na mata por caçar além do necessário. São representações criadas e vividas pelo homem e fazem parte do lugar e da organização do espaço.

No desejo de compreender a relação de uma determinada cultura com o espaço, buscou-se identificar primeiramente como o ribeirinho cria e vivencia seu lugar, considerando as representações da cultura do grupo o qual ele faz parte. Sendo assim, interpretamos as narrativas enfocando qual o lugar da cultura ribeirinha, o lugar dessas representações na cultura e na vida ribeirinha, como os encantados estão presentes hoje no lugar ribeirinho, como aparece o rio na fala dos narradores. Em seguida, buscamos compreender os sentimentos para com o lugar a partir da possibilidade de ter que sair desse.

Não é objetivo dessa dissertação apresentar um estudo da formação, da estrutura ou origem dos seres encantados presentes nas narrativas ribeirinhas dos grupos pesquisado, mas sim relacioná-los com o lugar, a cultura e o modo de vida ribeirinho.

Para tal relações utilizamos da proposta teórica da Geografia Cultural, ao discorrer sobre as concepções de espaço, lugar e representação e seus desdobramentos como símbolos, significados e valores, por propormos olhar o espaço ribeirinho pelo viés da cultura e suas representações. Neste momento estreita-se a temática deste trabalho, o entrelaçamento do lugar ribeirinho, com as representações e cultura ribeirinha.

O primeiro capítulo, abordamos diretamente a construção do espaço ribeirinho, buscando compreender dentro do espaço amazônico, considerando sua formação histórica e a construção do imaginário sobre a Amazônia, partindo da macro-visão, para uma micro-visão enfocando o surgimento das localidades ribeirinhas a partir dos seringais. Apresenta ainda o “caminhar” do seringueiro até a caracterização do caboclo amazônico e, por fim, a caracterização do ribeirinho.

No segundo capítulo deste trabalho corresponde à fundamentação teórica, a construção dos conceitos utilizados como cultural, espaço, espaço simbólico, representação, lugar e cultura ribeirinha, apresentando, assim, como construímos o

pensar a pesquisa e evidenciando a Geografia Cultural como um caminho para compreender o lugar ribeirinho.

No terceiro capítulo, apresentam-se os recursos metodológicos utilizados durante o caminhar da pesquisa. Fundamentada nas metodologias de Armand Frémont (1980), “*Espaço Vivido*” e José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), “*Manual de História Oral*”, ambas aplicadas à pesquisa de campo, e intermediadas pelas concepções de Tuan (1980). Tais escolhas ocorreram pelo uso da entrevista como principal técnica do trabalho de campo e a necessidade de compreender a percepção que o homem ribeirinho tem do seu lugar e as relações no seu espaço.

No quarto capítulo, há uma descrição e localização dos grupos ribeirinhos da Vila de Calama, do povoado da Cachoeira do Teotônio e da localização de São Sebastião.

Em seguida, no quinto capítulo, considerando a proposta de José Carlos Sebe Bom Meihy (2005), apresentam-se as entrevistas transcritas, expõem-se as experiências vividas pelos narradores. Esses textos/narrativas foram a base de interpretação desta dissertação. A partir deles iniciou-se uma leitura da cultura e do lugar ribeirinho na Amazônia.

Com as narrativas demonstradas, segue-se o sexto capítulo com a interpretação das mesmas pelo viés e proposta da Geografia Cultural. Para tanto, selecionamos parte das entrevistas que abordassem o lugar da cultura ribeirinha; os seres encantados no lugar ribeirinho; o rio; e, perdendo o lugar ribeirinho. Estes foram os focos para o desenvolvimento da interpretação desta dissertação.

CAPÍTULO I: REVISITANDO O ESPAÇO AMAZÔNICO

O desejo de saber como algo começou faz o ser humano buscar o princípio de tudo para compreender as situações e os acontecimentos a sua volta, procurar um ponto de partida que seria o marco zero daquilo que se deseja como resposta.

Diante desta necessidade de compreensão, o ser humano tende a organizar o raciocínio e sua interpretação por meio da periodização, analisar o passado para compreender o presente, este é seu desejo. Pensando dessa forma apresentamos a construção do espaço ribeirinho a partir do imaginário de representações que sempre foram criadas sobre a Amazônia.

Podemos considerar a região “fértil” para a construção de representações, desde a época da colonização, ainda no final do século XV, quando a busca incessante por ouro no Novo Mundo leva o colonizador a adentrar cada vez mais a mata fechada, o desejo de encontrar a cidade das Amazonas, uma cidade feita de ouro e muitas pedras preciosas e a, “procurar a ilha das mulheres sem homens, cuja tradição, confirmada pelos nativos, dizia que onde elas estivesse haveria ouro”. (GONDIM, 1994:43).

Motivado pela ganância o homem colonizador entrelaça o espaço amazônico, na mata e no rio, desta vivência surgem os mitos, lendas e histórias do homem para com o desconhecido mundo amazônico, como,

As mulheres não eram casadas, viviam no interior e que lá ele já estivera muitas vezes pagando vassalagem. Ao todo haviam setenta aldeias, construídas em pedra e com portas. Os caminhos que as ligavam eram guardados por sentinelas que cobravam a entrada. As celibatas só coabitavam quando sentiam desejo e com homens de um povo vizinho com os quais guerreavam. Levando-os à força. Ficam com eles o tempo que quisessem até engravidar. Depois deixavam-nos ir embora. Ao parirem um filho, mandavam-no morto ao pai, mas, se fosse filha, era bem criada educada na arte da guerra. (GONDIM, 1994:84)

Essa narrativa perdurou por séculos o imaginário e o desejo do homem europeu sobre esse lugar das mulheres guerreiras que, além de serem belas,

guardavam o El Dorado¹, o desejo do homem não era para com as mulheres, mas sim conquistar e explorar o El Dorado o qual elas guardavam.

Há também algumas vagas citações sobre as sereias da Amazônia (GONDIM, 1994) que seriam metade mulher, metade peixe, muito sedutoras e que fazem os navegadores se perderem nos rios da região. Contudo, é a narrativa das amazonas que há em maior quantidade e detalhe em registro. São seres encantados que fazem parte do imaginário amazônico desde o século XV.

Percebemos que o ato de criar representações culturais² envolvendo o imaginário amazônico fizeram e ainda fazem parte do seu espaço. Essas representações como os seres encantados da Amazônia é descrito em “A arte como encantaria da linguagem”,

encantarias amazônicas que são uma zona transcendente que existe no fundo dos rios correspondente ao Olimpo grego, habitada pelas divindades encantadas, que compõem a teogonia amazônica. É dessa dimensão de uma realidade mágica, que emergem para a superfície dos rios e do devaneio, os botos, as iaras, a boiúna, a mãe do rio, as entidades do fundo das águas e do tempo. (LOUREIRO, 2008:08)

Ainda nesta obra, o autor em análise continua discorrendo sobre as encantarias como sendo “dimensão transfigurada do real, as encantarias dos rios da Amazônia tornam-se uma espécie de expressão simbólica do sentimento” (LOUREIRO, 2008:10).

Ligando os encantados com os símbolos da cultura do grupo, aos quais, o ribeirinho atribui sentido e significado, seja positivo como no Curupira proteção e sedução ou negativo como destruição e morte, na Cobra-Grande, na cultura ribeirinha encontram seu lugar como símbolos da representação desse grupo, são expressão simbólica do sentimento entre o homem e o meio, que segundo Loureiro (2008) adquirem uma dimensão estética.

A relação de afetividade, sentimento e humanização do ribeirinho para com a floresta por meio desse mundo encantado corresponde a uma das muitas características da cultura Amazônica que faz parte do cotidiano do homem, ultrapassa gerações, ganhando releituras adaptando a outras temporalidades,

¹ El Dorado, segundo o imaginário amazônico (LOUREIRO, 1995) seria uma cidade onde suas construções são feitas de ouro e repleto de tesouros preciosos escondidos.

² Nesse momento não estamos considerando as representações dos grupos indígenas, somente as representações criadas e vivenciadas por aqueles que vieram para a Amazônia por algum motivo.

espacialidades, adquire novas representações e ressignificações. Os mitos³, lendas⁴ e encantados fazem parte do espaço amazônico, são manifestados nas relações humanas com o lugar onde vivem.

Na constituição das representações da cultura Amazônica temos ainda a presença do indígena, principalmente depois do contato dos missionários. Esse adentrar na Amazônia foi legitimado pela Coroa Portuguesa que desejou ter controle militar e administrativo sobre a região.

Para isso, legitimou as bandeiras fluviais, a primeira data de 1637 (LEÓN, 1992) objetivando percorrer todo o curso do rio Amazonas na busca de riquezas. Para tanto, se inicia os aldeamentos e conseqüentemente o contato que a partir de então se tornaria constante entre os indígenas já existentes no local e os não indígenas que estavam chegando, destaque para a presença de missionários na catequese dos indígenas (SILVA, 1985) que moldaram e influenciaram a formação da cultura na região desde então.

Destacamos o não interesse por parte dos missionários (SILVA, 1985) da mão de obra escrava indígena recrutada pelos jesuítas o que favoreceu o incentivo à migração. Não há muitos registros quanto à mão de obra escrava negra principalmente no oeste da região, entretanto enfatizamos que existiu sim esse tipo de trabalho, porém, em menor quantidade que nas outras regiões do país.

Os índios “amansados” trabalhavam nas missões, (SILVA, 1985), foi uma economia que se desenvolveu quase que exclusivamente em torno da floresta com a extração de sementes, situação que caracteriza o modo de vida da Amazônia, inclusive dos grupos ribeirinhos existentes quatro séculos depois. Lembramos que o acesso à região era dificultado pela floresta e pelos rios, além do temor à presença de povos indígenas e de doenças, como a malária e febre amarela que causavam medo aos colonizadores – exploradores.

Por três séculos, a Amazônia ficou esquecida dos interesses econômicos e políticos e neste período foi vivenciada pelas relações dos missionários, predominantemente jesuítas, com os indígenas, sendo marcadas por conflitos culturais e conseqüentemente dominação sobre os indígenas. Mesmo diante deste quadro desfavorável as culturas indígenas permaneceram como marcas culturais

³ Compreende-se mito como histórias contadas envolvendo situações sagradas, relatando um acontecimento com lugar significativo no tempo primordial, o começo de algo sagrado. (ELIADE, 1992)

⁴ Lendas são histórias fantásticas que possuem origem histórica, narrando feitos de heróis, personagens sobrenaturais, fenômenos naturais, vida de santos. (MAGALHÃES, 2004)

que resistiram e fazem parte do cotidiano de alguns grupos da Amazônia como os ribeirinhos.

Assim, o indígena e sua cultura sempre fizeram e ainda faz parte do espaço amazônico, um espaço marcado pelo imaginário envolvendo lendas, mitos e seres encantados, que organiza e cultiva simbolicamente uma estrutura característica do lugar amazônico.

1. Seringueiros na Amazônia: o começo das localidades ribeirinhas

As localidades de São Sebastião e Vila de Calama foram núcleos de apoio aos seringais com os barracões⁵ na época dos seringais (NASCIMENTO SILVA, 2000), por serem locais estratégicos, à margem dos rios e de fácil acesso. Essa relação espacial vivida por uma geração anterior influenciou e marcou o modo de vida e a organização do espaço ribeirinho.

Apenas o povoado da Cachoeira do Teotônio não apresenta esta característica quanto à sua formação. Seu processo de ocupação ocorreu desde a época da coroa portuguesa quando construíram no local um posto de fiscalização. Porém, foi durante o processo de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (SILVA, 1999) que o local ganhou uma organização espacial que deixou de existir com o fim da construção da ferrovia. O povoado também serviu para o corte da seringa. Ainda hoje é possível encontrar seringueiras nas matas próximas as casas, mas não há marcas e vestígios de construções desse período.

Essa predominância da migração nordestina para a Amazônia ocorre por dois grandes fatores um deles seria a fuga da seca e da fome, essas pessoas vieram para a Amazônia, juntando a essa situação a propaganda do governo de uma vida melhor na Amazônia, sem fome, sem miséria e trabalho para todos. Em sua tese *Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fartura*, Nilson Santos (2002:11) relata que,

No final do século XIX, uma forte seca que durou quase toda a década de 1870 e 1880, aliada a grande necessidade de mão-de-obra para os seringais na Amazônia devido à explosão de consumo de borracha no

⁵ O barracão era um local construído às margens do rio para receber todos os tipos de mercadorias que circulariam no espaço do seringal, ferramentas, alimentos, remédios e roupas, serviam também para escoar a produção do seringal. (SILVA, 2008). É pelo consumo dos bens materiais do barracão, bem como a cobrança dos equipamentos de trabalho que são fornecidos aos seringueiros, que os seringalistas mantinham o seringueiro endividado, uma vez que a dívida não era paga, os seringueiros eram obrigados a permanecerem no local, situação que favoreceu a permanência da cultura nordestina na Amazônia.

mundo todo, fez com que o governo brasileiro estimulasse a migração do nordeste para o norte.

Além da seca, podemos identificar também outro fator envolvendo a migração nordestina por todo o país, assim Nascimento Silva (2000:48) afirma,

O fenômeno da seca é usado como fator de entendimento da migração, e, com isso, esconde-se a questão fundamental, que é a estrutura fundiária nordestina, que vem ao longo de todos esses anos propiciando a expulsão de milhares de pessoas para outras regiões do País.

Seja pela seca, seja por questões agrárias, a migração nordestina influenciou na formação do espaço ribeirinho na Amazônia, mais especificamente dos grupos existentes nas margens do rio Madeira. No momento em que esses nordestinos trouxeram de sua região de origem um conhecimento do modo de vida característico de sua cultura e espalharam pelas margens dos rios da Amazônia desde o final do século XIX, disseminando pelo vale do rio Madeira subindo os rios desse mesmo vale até chegarem ao rio Candeias,

Quando da migração para Amazônia a partir de 1877, esses nordestinos foram “recrutados” por seringalistas e levados com suas famílias para áreas de seringais às margens dos rios Amazonas, Negro, Madeira, Abunã, Ji Paraná, Acre, Purus, Guaporé e outros da região. Ou seja, estabeleceram-se por todos os rios e igarapés da bacia amazônica e a dispersão da população indígena, na conquista das margens dos rios, iria tornar viável o desenvolvimento do extrativismo. (NASCIMENTO SILVA, 2000:85)

Ao se estabelecerem pelos rios da Amazônia, além de proporcionarem o desenvolvimento de uma economia extrativista, espalharam o modo de vida nordestino. Considera-se que neste processo de migração nordestina, a partir de 1945 temos a predominância de uma migração familiar e sertaneja (NASCIMENTO SILVA, 2000) e, como resultado deste tipo de migração, passaram a intercambiar culturalmente com a população local, proporcionando o desenvolvimento de uma nova cultura, segundo Loureiro (1995) a cultura cabocla ou ribeirinha.

Deste modo de vida no seringal, destacamos as casas palafitas, presente ainda hoje nos grupos ribeirinhos, a farinha e o peixe como forma predominante de alimentação e a familiaridade com a mata que segundo Silva (2008:75) “como viviam isolados, os seringueiros tinham como divertimento as pescarias e principalmente as caçadas”. Fazendo deles “*homens da mata*”.

Essa vida marcada pela solidão e isolamento, juntamente com a relação de sobrevivência do seringueiro com a mata proporcionou o surgimento das representações culturais desse grupo social. Diante desta realidade podemos afirmar que, “a solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço” (TUAN, 1983:07).

O ato dos pensamentos vagarem pelo espaço na solidão da mente proporciona experiências que ultrapassam a materialidade e são vividas e compartilhadas na cultura do grupo, no caso o grupo de seringueiros.

Diante deste novo espaço, iniciou uma relação do nordestino com o espaço amazônico e com a população indígena existente, proporcionando o surgimento de um novo contexto sócio-cultural na Amazônia e diante das ações cotidianas praticadas no seringal foi possível dar a este lugar existência, tanto material como cultural, uma vez que o seringueiro fez do seringal seu lugar de viver. Assim,

A inserção do nordestino na área ribeirinha foi decisiva para a caracterização e formação das localidades, onde seu trabalho movimentou a riqueza da região nas fases da economia extrativista, não obtendo para si ganhos econômicos ou materiais significativos. (NASCIMENTO SILVA, 2000:109)

Com o fim do interesse internacional na borracha da Amazônia, e conseqüentemente a queda dos preços do produto, muitos seringais foram sendo desativados e os seringueiros tiveram que procurar outras maneiras de viverem. Desta forma,

muitos vieram para cidade em busca de trabalho e estudo para os filhos, e a maioria procurou as margens dos rios, lagos e igarapés e fixou residência definitiva e, paulatinamente, teve que readaptar seu modo de vida de tal forma que a atividade de extração do látex foi abandonada, passando a adotar a atividade da pesca e da agricultura em pequena escala, principalmente a lavoura. (NASCIMENTO SILVA, 2000:91)

Esses nordestinos que fizeram parte da história e formação do espaço ribeirinho deixaram sua contribuição na cultura, economia e política dessas localidades. Aqueles que permaneceram na região constituíram família e, grande parte se concentrou na beira dos rios, desenvolvendo uma economia extrativista e de pesca, dando início à formação das localidades ribeirinhas existentes hoje.

Essa vivência das margens dos rios foi caracterizando e organizando a vida desses ex-seringueiros, agora um pescador, agora ribeirinho da Amazônia.

Encontraram outros mecanismos de sobrevivência para continuarem a ter condições de morar e comer. Nas margens dos rios, adaptaram suas vidas entre a cultura da época do seringal e as novas culturas que passaram a existir caracterizando uma vida ribeirinha pelo rio Madeira.

2. Do seringueiro ao caboclo ribeirinho

A vivência dos nordestinos na Amazônia contribuiu na criação das representações dos grupos ribeirinhos e conseqüentemente na formação da cultura amazônica, tanto que até hoje podemos identificar marcas de sua cultura nordestina por toda a região, principalmente na alimentação. Assim percebemos que a cultura nordestina,

juntamente com a cultura local, de caráter fortemente indígena e possuidor de uma diversidade riquíssima, se fundiram, enriquecendo e fortalecendo ainda mais essa nova territorialização. (SILVA, 2008:87)

Esse modo de vida caboclo que surgiu foi gerado por confrontos culturais e troca de conhecimento, de valores culturais entre a cultura indígena e a nordestina, o que proporcionou a formação de uma vivência específica na Amazônia, uma intercultura que possibilitou a formação de outra, considerando Loureiro (1995) a cultura cabocla. Afirmamos que nas relações de contato entre grupos diferentes (OLIVEIRA, 1976), geram conseqüências violentas ou subjetivas, o caso subjetivo corresponde à transmissão de costumes e valores entre grupos.

Por meio da convivência, proporciona novas vertentes desses costumes e valores que caracterizam o modo de vida ribeirinho, como a humanização do rio e da mata com base no desenvolvimento de um conhecimento específicos desses elementos, assim o caboclo (LOUREIRO, 1995) re-significa as representações da cultura indígena e não indígena, essa multiplicidade de cultura expandiu-se por todo espaço amazônico, com especificidade em cada localidade.

Essa “mestiçagem” cultural na Amazônia é representada pelo caboclo que para Loureiro (1995:24) é um elemento que,

deve ser enfatizado na constituição cultural da Amazônia – a predominância de índio sobre o negro e o branco. E evidentemente, dos caboclos, isto é, mestiços descendentes de índios e brancos. O caboclo desenvolveu uma vida na Amazônia que caracterizará a Cultura e o modo de vida dessa região. O caboclo é fundamental na compreensão da formação do espaço amazônico, com suas relações

construídas e consolidadas caracterizam cada lugar da região amazônica.

Na sua vida na mata e nos rios atribuiu sentido e valores ao mundo a sua volta, desenvolvendo uma relação específica com o espaço amazônico e vêm moldando esse com características econômicas, políticas, sociais e culturais correspondentes ao modo de vida desses caboclos, um modo de vida de interação com a mata e o rio, nesse sentido,

O caboclo humanizou e colocou a natureza à sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos, pela intervenção na visualidade, pela atividade artística, ele definiu sua grandeza diante desse conjunto grandioso que é o “mundo amazônico” (LOUREIRO, 1995:59)

Assim, com a floresta, o caboclo, bem como outros grupos da Amazônia, desenvolveu uma relação próxima, a tal ponto de atribuir vida e sentidos característicos do ser humano. Diante da necessidade de sobrevivência o caboclo dominou a floresta conforme seus interesses e aprendeu a viver nela.

Dessa vivência, o homem desmaterializou o rio e a mata, permitindo que estes ultrapassassem o concreto e se *transfigurasse* em um mundo de seres encantados como representação e valores simbólicos dos grupos ribeirinhos espalhados pela Amazônia.

O ribeirinho tem seu universo marcado pela presença da mata e do rio, elementos que estão cotidianamente e intensamente em sua vida. Essa convivência é um elo que se fortifica a cada amanhecer, quando seu olhar volta-se para o rio e adentra a mata. Possui uma compreensão própria desses elementos que proporciona o modo de vida no Rio Madeira, um modo de vida marcado pela relação subjetiva de valor para com o lugar.

Essa relação entre o homem ribeirinho, as águas e a mata é o principal fio condutor do seu cotidiano. Esta ligação é representada nas atividades de subsistência, como a caça, as plantações de hortas, a construção de moradias e principalmente a pesca, quando apresenta a organização da plantação conforme o movimento do rio, as moradias são construídas a margem deste organizando o espaço das localidades, identifica-se uma relação muito particular e envolvente, há uma relação de gostar deste grupo social com a natureza e em prol dela que possam garantir sua sobrevivência.

Considerando a dinâmica social, o ribeirinho, como todos os outros grupos, passam por mudanças em seu modo de vida, neste sentido identificamos e classificamos duas grandes fases marcantes na formação e caracterização desse grupo, a primeira chamaremos de clássica e a segunda de transição, por ainda está ocorrendo. Não será possível descrever uma data exata e unânime para todas as localidades que corresponda ao começo da transição para a segunda fase, somente é possível, neste momento, identificar representações que caracterizam o modo de vida de ambas as fases.

Na primeira fase, identificamos o ribeirinho romantizado, extrativista, pescador artesanal, agricultor de subsistência, onde vive em contato com a natureza e o desejo do grupo social é que todos tenham esta relação de equilíbrio independente de riqueza financeira ou de qualquer outro critério hierárquico. Deste envolvimento surgiram as características da cultura ribeirinha, com valores próprios e característicos dos grupos ribeirinhos, marcados por trocas representativas e socialmente organizadas no espaço ribeirinho.

Assim, a partir da identificação da relação entre o ribeirinho com a natureza buscamos em Silva e Souza Filho (2002:29) a concepção deste sujeito a qual aplicamos neste trabalho. Desta forma, compreendemos que para ser ribeirinho significa,

está caracterizado por uma concepção de natureza diferente, por integrar em seu modo de vida elementos essenciais disponíveis: as águas e as matas e, desses elementos, estabelecer suas estratégias de sobrevivência, seus valores éticos e estéticos.

Assim, o ribeirinho apresenta-se por sua concepção de natureza, vivenciando-a como uma dádiva, uma aliada para sua sobrevivência, a ela é atribuída valores e respeito com supremacia em forma de agradecimento pelo que oferece ao ser humano, a natureza faz parte da vida ribeirinha, logo da cultura também, em que podemos identificar os elementos da natureza.

Uma vez que o ribeirinho desenvolve uma relação diferenciada com as águas e as matas por meio de uma interação subjetiva sem o caráter exploratório e devastador acaba por introduzir esses elementos em sua vida, tanto que, a esses são atribuídos representações culturais as quais possibilitam compreender a mata e o rio como espaço ribeirinho humanizado.

Na primeira fase, o modo de vida ribeirinho é marcado principalmente pelo fato deste utilizar a natureza para sobreviver, do rio retira o peixe, seu principal alimento e da mata a caça, a madeira e todo o material para construir suas moradias, coleta alimentos como banana, açaí, castanha, ervas medicinais e outros. Hoje, em quase todas as casas há uma horta próxima à residência; ali podemos encontrar principalmente: cheiro-verde, tomate, feijão e pimentão. Identificamos ainda criação de galinhas caipiras para o consumo.

Na segunda fase, onde o modo de vida ribeirinho está passando por uma transição, podemos identificar como fonte de renda o funcionalismo público. Muitos pescadores vivem agora como funcionários públicos e começam a organizar sua vida conforme o tempo e as condições oferecidas por essa nova realidade. Estão passando por mudanças que consequentemente influenciará sua cultura.

Ele faz parte de um grupo social organizado com modo de vida e representações culturais que devem ser compreendidas pelo olhar cultural, uma vez que o rio e a mata que o circulam ganham grandeza cultural quando fazem parte das experiências vividas pelos ribeirinhos.

Os seres encantados são uma das representações existentes na vida do ribeirinho. Estes elementos fazem parte das relações espaciais ribeirinha, como exemplo o caso da localidade de Cuniã, onde Silva (1994) desenvolveu a idéia de que na localidade existem narrativas com seres encantados que demonstra como o lugar-Cuniã foi criado e organizado. Essas narrativas foram utilizadas na tentativa de proteger o grupo no momento de conflito com agências e instituições governamentais que almejavam a retirada da comunidade. O ribeirinho, deste lugar, fez uso das narrativas para permanecer e sobreviver em Cuniã.

Os seres encantados são representados pelo Curupira, Matinta-Perera, Boto e a Cobra-Grande⁶ que fazem parte da interpretação deste trabalho. Nestas narrativas podemos identificar marcas da organização do espaço ribeirinho.

O ribeirinho conhece as águas como a “palma de sua mão”, as distâncias e o tempo são medidas por elas, sabem onde estão os perigos, os troncos⁷ submersos e os pedrais, organizam suas vidas segundo as cheias e as vazantes do rio. No

⁶ Podemos encontrar outros seres encantados nos grupos ribeirinhos como “Mãe-do-Mato”, “Mapinguari”, “Caboclinho” e outros, considerando as obras de Maués (1990), Mello (1960), Amaral (2009) entre outros. Porém para esse trabalho esses quatro foram analisados uma vez que somente esses foram narrados durante o trabalho de campo.

⁷ Troncos correspondem a todos os tipos de pedaços das árvores que flutuam no Rio Madeira.

período de pesca a escola reorganiza o calendário escolar para os alunos que são pescadores poderem fazer as duas coisas, os homens passam dias no rio e as mulheres aguardam o retorno do marido e filho para preparar o peixe.

Ser ribeirinho não significa morar na beira do rio, percebemos que a compreensão de ribeirinho é mais complexa do que a localização de sua morada, destacamos então que para utilizarmos o termo ribeirinho deve-se considerar que,

não estamos somente nos referindo a quem mora às margens de um rio ou igarapé, mas àquele que essencialmente mantém uma organização social diferenciada da urbana, com sua sobrevivência econômica baseada principalmente na pesca, pequena produção agrícola (caracteristicamente mandioca para produção de farinha, frutos como a melancia, plantada nas várzeas dos rios e plantações perenes como o cupuaçu, a pupunha e o açaí) e que pratica a coleta de produtos da mata como a castanha-do-brasil, o açaí, a abacaba e o patoá nativos. (SILVA, 2002:27)

Logo, o ribeirinho tem sua rotina diferenciada, tem um tempo que não é marcado pelo relógio, preferencialmente pesca bem cedo e no fim da tarde, deita-se na rede e espera até o fim da tarde para fazer algo. Considera-se que o horário em que está deitado, corresponde ao horário mais quente do sol. No fim da tarde, com o sol baixo, pode plantar e fazer sua rede de pesca ou construir algo como uma canoa ou mesmo uma casa.

A organização social ribeirinha e as relações espaciais são caracterizadas pelos meios de sobrevivência deste grupo, seja econômica ou cultural, o que caracteriza o modo de vida do grupo.

Os ribeirinhos hoje não vivem isolados no tempo e no espaço, pelo contrário estabelecem relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com os vizinhos e com os visitantes, logo, estão em constante processo acumulativo⁸ de resignificações de suas representações que caracterizam o seu modo de vida. Dessa forma, sua cultura interage com a vida urbana de Porto Velho e o seu modo de vida sofre as influências advindas, principalmente das escolas, igrejas, televisão e mais recentemente, da internet.

Desta forma, podemos perceber que no modo de vida ribeirinho, está ocorrendo mudanças rápidas e por fatores externos como os citados no parágrafo anterior. Com as influências sofridas nas representações em sua cultura tradicional

⁸ Esse processo segundo Laraia (2004) é compreendido como herdado, ou seja, o homem reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações o que antecederam. Logo herdeiro de um longo processo de formação cultural e social do grupo onde vive.

percebemos que está havendo uma inserção do modo de vida urbano nessas localidades. Esse é um processo que está acontecendo no espaço caracterizado pela subsistência. Em algumas localidades, o ribeirinho já está recriando seu modo de vida, estão sendo construídas novas representações e novas relações espaciais, enfim, novos valores e nova ordem estão sendo construídos nas localidades ribeirinhas do Rio Madeira.

Não pode passar despercebido que tal realidade repercute sobre a formação cultural do ribeirinho no Rio Madeira e as mudanças ocorridas estão caracterizadas dentro do perfil da sociedade urbana de Porto Velho, possibilitando interpretações das ações da sociedade contemporânea como um todo em comunidades tradicionais.

No caso das localidades ribeirinhas estas não deixam de estar reproduzindo suas manifestações tradicionais no seu cotidiano, apesar do atual contexto contraditório, sabemos que este social é produtor de sua própria história, vivências e seu lugar.

É necessário que se continue criando, mecanismo que facilitem e possibilitem sempre o respeito ao *outro*, ao diferente, afinal o que queremos viver pode ser diferente daquilo que eles desejam viver. A cultura ribeirinha com suas representações e modo de vida não podem adormecer nas águas, ela precisa ser valorizada, cultivada e respeitada.

CAPÍTULO II: NAS LEITURAS DA GEOGRAFIA

A Geografia Cultural como ponto de partida

A Geografia Cultural propõe uma nova compreensão do espaço, compreende-lo a partir das representações culturais como: rituais, religião, crenças, artes e maneiras de organização do trabalho. Considera-se tudo o que for criação e interação humana sobre a natureza e que esteja relacionada conforme a cultura de um determinado grupo.

A partir da geografia cultural, abordamos os sentimentos, valores culturais e experiências vividas do homem com o seu espaço. Neste trabalho, a Geografia Cultural possibilitou um olhar diferenciado para a relação do ribeirinho com seu espaço, um olhar da organização do seu lugar e valores atribuídos ao lugar fundamentado na cultura do grupo.

Esse olhar foi possível por compreender que o espaço é um reflexo das ações culturais do homem. Sendo assim, pode ser analisado e apresentado por esta perspectiva da Geografia, isto é possível porque os geógrafos culturais,

compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural. (COSGROVE, 2000:34)

Toda pesquisa geográfica com enfoque cultural está fundamentada nos significados e valores que o indivíduo atribuiu a sua existência ao lugar, bem como as relações sociais e espaciais com o meio, ao compreender as relações entre o homem e seu espaço, enfocando as transformações culturais vivenciadas e sua influência na organização do espaço de um determinado grupo social.

Desta forma, buscamos a Geografia Cultural que, segundo Claval (2007) foi a partir dos trabalhos de Carl O. Sauer que começou a ser introduzida a palavra cultura na ciência geográfica ligada, inicialmente, a coisa material mais específico aos artefatos e instrumentos culturais, são os objetos criados pelo homem que o permite agir sobre a natureza, nesse agir o homem produz a cultura, para Sauer

(Apud CLAVAL, 2007) também envolvia a maneira como o homem utiliza as plantas e cria seus animais. A partir desses artefatos culturais o homem modifica e transforma o local onde vive.

Apesar de não abordar as dimensões sociais e psicológicas da cultura, Sauer desenvolve um trabalho com a Geografia e a Antropologia que abriu caminhos para os estudos dos campos, das moradias, a maneira de criar animais e principalmente os instrumentos de trabalho das sociedades. Com seus trabalhos desenvolvidos com comunidades indígenas norte-americanas, ele percebeu as diferentes formas de viver e se organizar em um espaço.

Seguindo este pensamento, Claval (2007:33) traz uma discussão sobre os trabalhos do geógrafo Vidal de La Blache sobre a noção gênero de vida por,

permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios ou as maneiras de habitar das diferentes civilizações. Essa forma de perceber gênero de vida considerando as diferentes maneiras do habitar e adaptar do homem ao meio demonstra a diversidade de utensílios pelas diferentes civilizações. Sendo assim, a organização dos grupos humanos não é iguais, cada civilização apresentara uma maneira de viver no seu espaço.

La Blache passou a considerar a não cristalização dos gêneros de vida em virtude das diferenças do próprio homem. Iniciou as discussões das diferenças entre as comunidades, percebeu então que a maneira de viver do homem não é única quando consideramos as muitas possibilidades de criarem os utensílios para cultivar a terra. Na compreensão de La Blache com as diferentes maneiras que o homem tem de habitar um espaço, ele conclui que a organização do mesmo acompanha essa diferença.

Introduzidos os principais trabalhos e pensamentos referente a Nova Geografia Cultural, buscamos os anos 70, em que esta passou a circular no meio acadêmico quando se começou a falar em fenomenologia dentro da Geografia Humanística, o que favoreceu a abordagem das representações sociais no campo da afetividade e da subjetividade, considerando o sentido atribuído ao lugar. Assim, as ciências sociais ultrapassam os limites impostos pela racionalidade, navegando pelos campos das representações e das individualidades.

Os trabalhos desenvolvidos com base na Nova Geografia Cultural evidenciaram a subjetividade quando, na década de 80, passaram a compreender o indivíduo inserido em uma sociedade a partir dos sentidos e das experiências

vividas. São os estudos de percepção da realidade com base na visão, audição, paladar e olfato.

Neste século de Geografia Cultural, seus conceitos foram revistos, retrabalhados e readaptados, considerando as discussões atuais. A Geografia Cultural passou a adentrar outros campos do conhecimento e os trabalhos passaram a ser intercalados com teóricos do campo da Antropologia, Sociologia, Linguística e História, permitindo uma abordagem plural pela própria Geografia. Amorim Filho (2007:17) afirma que, “o que se consta é uma grande pluralidade no pensamento e na prática da Geografia”. Esta pluralidade apresenta-se na formação do pensamento geográfico no momento que encontramos diferentes teorias e métodos aplicados a ela.

Diante desta abertura de possibilidades de desenvolver um trabalho fundamentado na Geografia Cultural foi possível perceber o espaço ribeirinho por uma outra perspectiva, a cultura. A partir das narrativas dos moradores abordamos as representações culturais da comunidade. Com a concepção de que a cultura molda e organiza o espaço a partir das experiências vividas, interpretamos as narrativas direcionando para a relação cultural do homem com seu espaço.

O conceito de cultura não está limitado a discussões da Antropologia. Ressaltamos que o termo cultura, segundo Thompson (1995), era compreendido e aplicado conforme sua raiz no latim “*colere* – cultivar ou instruir e, *cultus*”- cultivo ou instrução, sendo utilizada em outras áreas do conhecimento como agronomia, biologia, artes, literatura etc, cada uma delas desenvolve o termo conforme seus objetos de estudo, assim na agronomia, por exemplo, o termo está ligado às atividades agrícolas.

Com os filósofos e historiadores alemães dos séculos XVIII e XIX, o termo cultura passou a referir-se como desenvolvimento intelectual. Esta concepção era necessária em virtude do momento histórico vivido pela Alemanha. Este país necessitava se unificar e gerou todo um pensamento que favoreceu sua unificação. Este pensamento influenciou e ainda influencia a concepção de cultura.

Assim, compreender cultura neste período significaria discorrer sobre graus de instrução educacional principalmente ligada a artes como música, teatro e artes visuais. O primeiro teórico a refletir, desenvolver e escrever um conceito de cultura que fosse além da proposta alemã foi Edward B. Taylor em sua obra *Cultura*

Primitiva de 1871. Taylor (Apud LARAIA, 2004:28) iniciou uma maneira de pensar o homem, pois para ele cultura é,

aquele todo complexo que inclui o conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

A partir de então, o homem foi percebido e analisado considerando que os conhecimentos não são hereditários, mas sim adquiridos conforme a sociedade em que vive. Podemos então dizer que o homem cria as regras e o modo de vida do seu grupo. Sendo assim, cada sociedade é diferente da outra, cada uma tem uma cultura que organiza as relações sociais do grupo, pela cultura o homem percebe e vivencia o seu espaço.

O conceito desenvolvido por Taylor introduz o homem em uma sociedade, ou seja, o sujeito é integrante de uma sociedade, ele necessita se socializar para permanecer no grupo.

Desta forma, buscou-se em Weber (1982) a compreensão de sociedade uma vez que este autor apresenta a sociedade como algo sujeito a leis regulares; estas leis são moldadas pela cultura, economia e política de cada sociedade, não são necessariamente leis judiciais, existem outros tipos de regras e leis subjetivas que organizam e mantem a unidade social, em melhor descrição,

Sociedade é todo grupo de pessoas que vivem e trabalham juntas durante um período de tempo suficientemente longo para se organizarem e para se considerarem como formando uma unidade social. (LINTON, 2000:97)

Compreendemos, então, que o homem faz parte de uma sociedade e que nela existem diferentes grupos sociais e cada um deles apresenta uma organização social e cultural específica. Enfatizamos que a maneira de organizar e pensar a vida comum aos integrantes de um determinado grupo social favorece a socialização de cada indivíduo ao seu grupo, bem como as relações espaciais dos mesmos.

Na complexidade de compreensão da organização social, Claval (1979:39) afirma ser a vida social “feita de esforços para assegurar a subsistência de todos, socializar os jovens, transmitir a cultura, enriquecê-la ou adaptá-la a novas necessidades”. Esses esforços estão ligados aos fatores comuns que proporcionam a união cultural do grupo; contudo, o sujeito precisa se identificar como integrante de um grupo.

A similaridade é criada pelo próprio homem e para o homem caracterizando sua cultura, desta forma, na busca de melhor compreender o conceito de cultura Geertz (1989: 15) em sua obra a “Interpretação das Culturas” discorre sobre o assunto enfatizando que, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias”. São essas teias, segundo Geertz, criadas e vivenciadas pelo homem que interliga o homem a outros homens e diante das semelhanças das teias proporciona a formação e socialização dos grupos. O autor escreve ainda que, “a cultura seria esta teia e sua análise uma ciência interpretativa a procura de significados” (GEERTZ, 1989:15). O autor defende que por meio da interpretação das teias sociais podemos compreender as especificidades da cultura de uma sociedade.

Além da contribuição de compreensão de cultura, Geertz aborda uma outra discussão no momento que enfatiza que as teias são feitas de significados, sendo as teias criadas pelo homem. Então, os significados também são criações humanas. Nós atribuímos significados e valores às ações e pensamentos que vivenciamos no decorrer da vida.

Pensando assim, Sahr (2007:58) afirma que, “sempre se reúnem no agir movimentos materiais com reflexões culturais, permitindo uma duplicidade sónica – significante e significado.” A cultura com seus significados⁹ e significantes¹⁰ movimenta o agir humano, não somente na organização espacial materializada, mas também na organização social e cultural.

Considerando que a compreensão de cultura apresenta muitos caminhos, os quais são fundamentais para escolhermos e aplicamos uma concepção, pois, a leitura e desenvolvimento de um conceito proporcionam melhor compreensão para outro. E que cada ciência humana desenvolve uma re-leitura de cultura, considerando seus elementos de pesquisa, citamos e aplicamos o conceito desenvolvido pelo geógrafo Claval (2007:63):

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulho no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se

⁹ O significado para o geógrafo está relacionado com a vivência e as relações do sujeito com o espaço. (SAHR,2007)

¹⁰ Significante compreende a interpretação acadêmica sobre a relação do sujeito com o espaço. (SAHR, 2007).

manifestam. Não é, portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos.

Desta forma, compreendemos a cultura na complexidade de seu conceito, por ser amplo no momento que, corresponde os comportamentos, saberes, técnicas e gerações. Em virtude do acúmulo de tudo isso durante a vida do indivíduo e mais ainda, quando compreendemos que não existe uma homogeneidade em todas essas características, percebemos, então, que cada pessoa que faz parte de uma sociedade ou grupo apresentando diferenças quanto ao desenvolvimento das marcas culturais.

Percebe-se a cultura como uma herança cultural, mas não estagnada, a criança crescerá e trocará relações com o grupo em que vive e destas relações ocorrerá trocas culturais. Por isso, consideramos a cultural dinâmica e consequentemente o espaço também será.

Toda cultura está inserida em um processo social-histórico, tendo suas raízes num passado longínquo onde, muitas vezes, para compreender uma determinada cultura, buscamos os mortos e os deuses do grupo, acontecimentos que influenciaram na formação cultural das pessoas.

Percebemos uma cultura repleta de símbolos e cada qual com um significado influenciado pelo meio social de cada ser humano, sob o domínio de uma estética capaz de satisfazer cada indivíduo fazendo parte do contexto de sua vida.

Todo significado tecido pelo homem é composto de símbolos e que representam a cultura de uma sociedade. Os símbolos refletem os sentimentos, sensações e percepções humanas diante das situações cotidianas. Diante desta compreensão, Mello (2000:48) afirma,

Podemos, seguramente, dizer que todo símbolo é cultural. Isso por que supõe uma ordenação inteligente de todo mundo visível é esta ordenação ou sistematização que permite a classificação das coisas, dos animais e dos homens.

Assim, como Geertz, Mello enfatiza que os símbolos são fundamentais em toda cultura, pois são vividos e mantidos pelo homem, estando presente em seu espaço, mas não são estagnados nem mesmo quando são materializados, mudanças acontecem considerando as necessidades de sobrevivências de um grupo.

Por meio dos símbolos de nossa cultura classificamos tudo a nossa volta e estabelecemos relações com os lugares em que vivemos. São predominantemente vividos naturalmente e imperceptivelmente pelos homens, organizam, ordenam e sistematizam as relações do homem com outros e com o espaço vivido. Fazem parte da cultura de um grupo.

As estruturas das sociedades influenciam decisivamente as estruturas do indivíduo; sua personalidade vai emergir, portanto, não só do contexto social, mas de um contexto social específico. Dessa maneira, a forma de ser das pessoas de uma determinada cultura apresenta características comuns, que as tornam semelhantes entre si e diferentes de pessoas de outras culturas. (MACHADO, 2007:139)

Considerando Machado (2007), o indivíduo recebe informações da sociedade em que nasce, cresce e vive, contudo seria uma parte da sociedade, um grupo social específico e local, o primeiro grupo e mais influente para transmissão de uma determinada cultura para o indivíduo - o familiar.

Esse primeiro contato com um grupo específico de uma sociedade corresponderá às transmissões das características comuns deste grupo e sendo as marcas culturais diferentes em cada grupo, percebemos então que há muitas culturas em uma sociedade.

Desta forma, um estudo sobre uma cultura deve estar fundamentado na idéia da diferença. Com uma abordagem que consiste nas múltiplas possibilidades de explicar os acontecimentos no mundo, por meio do conhecimento da maneira de viver de cada ser humano, o qual está inserido em um meio social compartilhando e adquirindo experiências.

Para tanto, destacamos Geertz (1989:29) com a proposta interpretativa para este tipo de estudo,

O estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las.

Para Geertz, a cultura deve ser interpretada, uma vez que as experiências individuais e coletivas são vivenciadas de muitas maneiras gerando um processo cultural diversificado em cada sociedade. Essas experiências caracterizam o espaço cultural das sociedades fazendo parte da história de vida dos moradores.

Em virtude da existencia dessas múltiplas realidades, é possível uma abordagem interpretativa de cada ser humano, ou de uma sociedade, realizando

uma investigação histórica na maneira como foram adquiridas cada particularidade pelo homem, isto é possível, pois,

Cada cultura estabeleceu códigos que lhe são próprios. Passar de um a outro implica um aprendizado ou a intervenção de intermediários que assegurem a tradição. (CLAVAL, 2007:66)

Compreendemos a linguagem, a maneira de comunicação, as marcas culturais de uma sociedade, a religião, política e economia, bem como suas crenças e rituais, os códigos como sendo as representações construídas pelo homem. Enfim, os códigos e os símbolos são os meios de ligação entre os homens e transmitidos, principalmente pela fala. Consideramos ainda, que a cultura se manifesta de muitas maneiras na vida das pessoas, sendo adquirida primeiramente pelos pais e depois pela sociedade em que vive o sujeito.

Este processo acumulativo dos códigos das experiências é transformado em hábitos de vivências entre os homens, considerando a contribuição dos antepassados, pois, a forma de uma criança conviver em um determinado grupo depende dos ensinamentos dos pais e a influência deste grupo na maneira de ver e explicar o mundo, neste sentido Laraia (2004: 68) afirma,

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Sendo assim, quando realizamos uma investigação histórica, torna-se possível identificar a maneira como cada pessoa vê o mundo e vive suas experiências e a herança cultural que se observa em um determinado conjunto sócio cultural, podendo reconstruir as experiências de vida, a história de cada grupo social, evidenciando sua cultura nas diferenças de comportamentos, nos valores e moral. Deste modo, podemos compreender ainda, a cultura como,

uma resultante da experiência individual, em confronto permanente, e as experiências cristalizadas sob as mais variadas formas, como documentos escritos, artefatos, obras de arte, fitas magnéticas, fatos, filmes. (MELLO, 2000:44)

Nesta proposta de cultura apresentada por Mello, há duas formas de culturas. Uma subjetiva identificada nos valores, conhecimento e crenças e outra objetiva os hábitos, comportamentos e objetos de arte, sendo possível analisar intercalando as duas propostas ou enfocando apenas uma. Podemos analisar a

cultura como material, a soma de artefatos produzidos pelo homem. E a cultura não material como as ações, significados e crenças, aprofundando a idéia de cultura subjetiva, manifestada em um espaço.

É possível perceber a existência de múltiplas culturas entre as pessoas que vivem em ambientes físicos semelhantes, porém desenvolvem uma organização espacial diferenciada, atribuindo valores e significados ao espaço em que vivem, sendo de fundamental importância para as relações entre os indivíduos.

Diante das discussões de cultura, compreendemos que o ser humano apresenta particularidades que o torna um ser com dinâmica de vida variada, adaptada a cada realidade, momentos e vivências que podem ser observadas nas múltiplas formas de comportamentos entre os homens, não apenas de lugares diferentes ou distantes, mas em um mesmo espaço, em um mesmo grupo social, compondo, desta forma, uma relação de vivência que somada a outras particularidades formam uma realidade própria, uma forma de viver e explicar o mundo.

O Espaço Simbólico: buscando compreender a vida ribeirinha

Na busca pela compreensão do espaço pelo viés da cultura Sahr (2007:63) nos diz que “as interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade”. Isso é possível, pois, “a cultura contribui para a interpretação do espaço, permite a articulação entre o imaginário e as coisas do real” (BERQUE, 1998:89).

Pensando dessa forma, desenvolvemos nossa concepção de espaço considerando os signos, que fazem parte do imaginário humano e que são vividos e construídos em um determinado espaço social. Dizemos ainda, que a cultura caracteriza o espaço, uma vez que, as pessoas se relacionam e constroem esse espaço conforme a cultura, a política e a economia.

Assim, podemos considerar que a cultura é uma forma de interpretação e organização do espaço, quando consideramos os comportamentos e crenças dos indivíduos em uma sociedade e quando estas se tornam coletivas, proporcionando uma socialização no espaço.

Buscamos uma compreensão de espaço social em Santos (1999:35) por afirmar que esse é “misto, um híbrido, um composto de forma - conteúdo”. Sendo assim, compreendemos o espaço não homogeneizado, uma mistura – resultante de um processo histórico – tempo – e social – particularidades locais o que nos permite buscar na cultura uma outra forma de compreensão das particularidades.

Por isso, falamos em híbrido e plural, pois cada sociedade tem um processo histórico diferente e conseqüentemente uma organização espacial também. Amorim Filho (2007) ao apresentar uma leitura da epistemologia da Geografia, defende esta como plural, apresentando múltiplos olhares e caminhos para compreender o espaço socialmente construído, e Sahr (2007:59), discorrendo sobre a Geografia Cultural apresenta sua fundamentação básica como sendo a de “trabalhar no mundo, ou melhor, os mundos, através da pluralidade de suas expressões, sejam estas vividas ou interpretadas”. Para compreender a dinâmica e as constantes mudanças das sociedades buscamos um conhecimento plural.

Na busca para compreender o espaço citamos Martins (2007:35), segundo este autor, o espaço é visto como “categoria, e como tal elemento constituinte da existência de um ente e não o próprio ser. Espaço só poderá ser essência enquanto ente ideal, ou seja, como algo diante da idéia que necessita ser definido”. Logo, o Espaço é visto como resultado, uma categoria da existência das ações e atitudes do ser humano, representando as experiências, as individualidades, objetividades, subjetividades e as intersubjetividades, intrassubjetividades de uma coletividade.

As ações e vivências desse coletivo fundamentam a relação dessas características, tornando o espaço real e em constantes definições, uma vez que este não é estático e sim constituído por ações humanas. Podemos dizer então que o humano não pode ser pensado sem o espaço e nem este sem o humano. Assim, Martins ao analisar o espaço observa uma dentre múltiplas maneiras de existência das coisas materializadas, criadas e/ou vivenciadas pelo homem em determinado tempo.

O espaço, ao estar essencialmente ligado ao social (SANTOS, 1996), torna-se um objeto complexo, passando a ser analisado e interpretado considerando cada grupo social, cada sociedade e as temporalidades diferentes. Isto ocorre porque o homem, “não se movimenta arbitrariamente em seu espaço, mas todos os seus caminhos são (...) referidos à oposição básica entre o partir e retornar”. (BOLLNOW,

2008:89). Logo, o espaço como instância da sociedade apresenta um ponto de partida e retorno conforme o valor atribuído às experiências vividas pelo homem no seu espaço.

Intercalando os autores, compreendemos que a movimentação do homem no espaço é proporcionada pelas instâncias econômicas, culturais e ideológicas. O homem se movimenta conforme a percepção e aprendizado adquirido durante a vida.

Desta forma, tem-se no espaço as múltiplas relações cotidianas, as econômicas, políticas e culturais – ideologias que se entrelaçam e que fazem parte do dia a dia de cada indivíduo. Logo, o geógrafo identifica e analisa a complexidade nas relações deste espaço geográfico que passa a englobar o social, o econômico e o cultural, buscando compreender as relações locais pelo viés da cultura.

Neste espaço, podemos identificar as relações sociais e culturais desenvolvida pelo homem. Sendo herdeiro cultural de gerações passadas, por vivenciar suas crenças, moral, leis, costumes, arte e aprendizado com base naquilo que aprendeu socialmente.

Desse modo, o certo ou o errado, o bonito ou o feio depende das relações culturais e espaciais introduzidas e ensinadas ao homem, conforme contextualiza Laraia (2004:38) sobre o homem como,

resultado do meio cultural em que foi socializado. Herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam.

Para esse autor, o homem inserindo em uma sociedade adquire e vivencia a cultura desta sociedade. Não negamos que em caso de contato com outras sociedades pode haver trocas culturais. Assim, a cultura apresenta instabilidade em que o homem ao vivenciar essa cultura organiza sua sociedade, através de suas experiências vividas, ou seja, dos saberes acumulados durante a vida. Este processo acumulativo de experiências que se tornam práticas de vivência entre os homens, apresenta ainda a influência dos antepassados.

Compreendemos que o homem vivencia um espaço que é cultural, como expressa Haesbaert (2008:396) “não há espaço produzido que não seja através da cultura dos grupos que o constituem, seja no sentido mais amplo ou lato da cultura”. Assim, o espaço é cultural, apresenta-se como algo heterogêneo, uma vez que

todos os indivíduos são diferentes uns dos outros, principalmente quando consideramos as interpretações deste com suas experiências vividas.

Neste sentido, podemos compreender o espaço como espaço vivido, ambiente valorativo e relacional do ser, abre possibilidades para uma análise geográfica local, enfocando as particularidades de cada sociedade. Para esta compreensão, recorreremos às contribuições de Frémont (1980:23) no momento que afirma,

as relações do homem com o espaço não constitui um feixe de dados imanescentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades de vida, se forma, se estrutura e se desfaz.

Frémont apresenta o espaço vivido caracterizado pelas experiências vividas pelos sujeitos. São essas experiências que ao atribuímos valores subjetivos e afetivos nos liga ao espaço onde foram vividas. Isso é possível, pois “o homem em harmonia com o seu espaço tem necessidade de referências simbolizantes”. (PANKOW, 1998:17).

O homem simboliza as experiências vividas e entra em harmonia com o espaço, percebe-se como parte de espaço vivido. Essas experiências são acumulativas e transmitidas de geração a geração, sofrem algumas mudanças conforme o tempo e o espaço vivido, mas têm em essência a acumulação de conhecimentos transmitidos pelas gerações anteriores.

Na discussão de espaço vivido a subjetividade existente na formação das relações do homem com o espaço, é vista como espaço vivido conforme cita Gallais (2002:81),

O espaço vivido de cada indivíduo ou de cada grupo corresponde à área das mudanças que tem valor exemplar. É justamente dentro dos limites que cercam sua própria modalidade, suas relações sociais, a extensão de suas informações e sua geografia afetiva que o homem das sociedades rurais tradicionais considera um fato novo como exemplo eventual.

Essa concepção de espaço vivido aplicada por geógrafos culturais abordando o valor simbólico atribuído pelo homem ao meio em que vive, incluindo as relações sociais e a geografia afetiva do homem para com seu espaço, observa-se que este valor influencia nas construções e organizações das relações espaciais.

Desta forma, o campo para análise geográfica amplia-se a grupos sociais como os ribeirinhos, que podem ser analisados sob o olhar dessa nova abordagem teórica, a nova geografia cultural.

Sendo assim, o espaço pode ser enfatizado como resultado do “papel das representações, crenças e sistemas de idéias na formação das paisagens e na organização do espaço” (Claval, 2002:135). Nesta perspectiva, o espaço ganha uma visão de análise no campo do subjetivo quando consideramos as representações e crenças de uma sociedade como participantes da formação da organização do espaço.

Representação nas águas ribeirinhas

Compreender o ser humano individualmente em sua essência tornou-se uma questão teórica e epistemológica. Em todas as áreas da ciência, busca-se compreender como o próprio ser humano se organiza, se classifica e interage socialmente no espaço em que vive com os outros seres. Esta compreensão está fundamentada, principalmente, na necessidade de pensar o espaço de sua vivência.

Esse ato de pensar leva-o a criar as representações que fundamentam a organização social de seu grupo de pessoas ou mesmo da comunidade, podendo permanecer por séculos na história da humanidade. Essa organização é constituída por valores afetivos que o ser humano confere a seu espaço em que vive, bem como, a percepção que o indivíduo tem deste.

Essa organização está ligada com o fato do homem ter a necessidade de relacionar-se com outro e com o grupo ao qual está inserido. O resultado da relação e interação entre pessoas que apresentem semelhanças em ver e viver o mundo formará e sustentará determinado grupo, o qual,

consiste na soma total e organização de idéias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que seus membros adquirem pela instrução ou pela imitação de que todos, em maior ou menor grau, participam (MELLO, 2000:41).

Portanto, a junção, repetição e participação de fatores comuns entre os indivíduos proporcionarão a união dos mesmos, formando um grupo social e o contato dos múltiplos grupos resultará em uma sociedade, podendo ser qualificada

como complexa, uma vez que corresponde à diversidade de cada grupo e consequentemente dos seus membros.

A geografia cultural possibilita um estudo das representações refletidas no espaço híbrido e heterogêneo. Essas são diferenciadas por corresponderem a cada grupo que as constroem e as manifestam, compreendemos ainda que em cada sujeito apresenta particularidades quanto sua interpretação do mundo onde vive e das experiências vividas em determinado espaço. Nesse sentido, Gil Filho (2008:24), ao apresentar a discussão sobre representação compreende que,

muito mais do que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para a organização da realidade.

Representação é uma visão de mundo, uma possibilidade de imagem do ambiente e que cada grupo cria seus atos de representar - suas representações – diferenciando, desta forma, as organizações e relações do homem com seu espaço. Considera-se ainda que a visão de mundo como uma forma de conhecimento muito específica e individual uma vez que cada pessoa adquire o conhecimento conforme sua vivência e interpretação do que viveu.

Representações semelhantes são fatores de união entre sujeito e grupos sociais, elas, com todo o simbolismo que as envolvem dão sentido à existência do espaço humanizado. Observamos, ainda, as mudanças e surgimento de novas representações, uma vez que o tempo e espaço vivido pelo homem sofrem constantes transformações, conforme a necessidade de sobrevivência de um grupo social.

Na relação do sujeito com o objeto, existe a similaridade, favorecendo a consolidação das representações. O sujeito atribui ao objeto, ao imaginário e a espiritualidade valores afetivos justificando sua existência. Assim, observa-se que o homem durante o “seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento, atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais” (GIL FILHO, 2007:208).

Para ocorrer essa adaptação, o ser humano pensa e age sobre o meio, cria suas representações e se socializa. As relações espaciais, que ocorrem por meio de representações ganham características simbólicas o que favorece a organização e sobrevivência do grupo. O sujeito atribui sentido a sua vida por meio das

representações no momento em que confere as relações humanas e a existencia das coisas materiais símbolos e significados.

Sendo assim, as representações podem ser analisadas considerando as variadas formas das ações humanas para explicar algo acontecido, uma vez que as representações podem ser observadas “tanto nas transformações das estruturas da personalidade quanto as das instituições e das regras que governam a produção das obras e a organização das práticas.” (CHARTIER, 1991:188). Diante desta afirmação, identificam-se as representações na formação da personalidade do sujeito, no seu modo de vida, na sua cultura, nas crenças, conhecimentos, ações e maneiras de pensar e agir diante das situações. Criamos as representações e as transmitimos, dando sentido às coisas que nos envolvem. Assim,

las representaciones no son ni falsas ni verdaderas, sino a la vez falsas o verdaderas: verdaderas como respuestas a problemas ‘reales’ y falsas como disimuladores de las finalidades reales. (LEFEBVRE, 1983:68)

Desta forma, compreender as representações de um grupo significa identificá-las e buscar nos símbolos e significados intrínsecos em cada uma o sentido de sua existência. Os grupos organizam seu espaço conforme os interesses e necessidades para sobrevivência, dessa forma, as representações são criadas e vividas para manter a ordem do grupo.

Percebemos que as representações estão envolvidas na organização das instituições que produzem e reproduzem as formas de vivência, como exemplo, destacamos a igreja e as instituições governamentais como: educação, saúde, segurança e agricultura, que ao agirem sobre o sujeito e são meios de transmissão e legitimação das representações do grupo.

Trabalhamos as representações na compreensão da subjetividade, nos valores e vivências criados pelo homem para viver em grupo. Compreendemos ainda que o espaço geográfico está intrínseco de representações culturais. Desta forma Claval (2002: 141,142), afirma,

A cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas. Ela inclui a imagem do meio ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem tirar partido dele.

A cultura é formada por representações, criadas e transmitidas, principalmente pelas gerações familiares, são idéias, saberes, ritos, costumes e compreensão de mundo que influenciam na percepção, organização do espaço e modo de vida. Reafirmamos que a cultura não está estagnada e diante da dinâmica social em que vivemos as representações sofrem processos de mudanças, recriam-se e transformam-se, ganham novos símbolos e significados, considerando as necessidades momentâneas do grupo.

Em todos os grupos existem representações, nossos estudos estão nas representações de três localidades ribeirinhas do Rio Madeira onde identificamos novos significados e a transmissão de geração para geração das representações. Nesse sentido pensamos que,

A cultura faz assim passar de uns aos outros as representações coletivas. O que lemos no mundo e na sociedade é o que aprendemos a ver; nós o enunciamos nos termos que sabemos utilizar. (CLAVAL, 2007:81)

Ao transmitir as experiências, as representações, as crenças, a maneira de ver e viver em um lugar significa que estamos vivenciando, humanizando nossas relações espaciais, a tal ponto que o conhecimento adquirido durante nossa vivência é capaz de caracterizar uma sociedade.

Pode-se ainda afirmar que “qualquer tipo de espaço geográfico é embutido em representações e interpretações” (SAHR, 2006:57). Assim, o que se vive e relaciona-se em um espaço são as representações culturais socialmente construídas.

Sendo o espaço inerente de representação, destaca-se a compreensão de Silva (1994:59) em seu trabalho de dissertação, por afirmar que “o espaço com todas as suas representações é a expressão viva do homem, torna-se um espaço humanizado (...) é o seu lugar de liberdade”. Por ser expressão da vida humana, as representações humanizam o espaço, ser livre ganha múltiplas interpretações quando consideramos a cultura de cada grupo, no caso do ribeirinho, construir seu lugar de liberdade está relacionado à sobrevivência, o ter condições de moradia e alimentação e segurança.

As representações estão ligadas as experiências vividas de cada sujeito, logo, são individuais, compostas de particularidades, especificidades e de interpretações das situações cotidianas. Percebemos que no dia a dia o indivíduo

constrói e reconstrói, interpreta e reinterpreta as representações culturais em seu espaço, caracterizando uma sociedade dinâmica, com múltiplos significados para as relações espaciais.

Identificamos que ainda há representações culturais nos grupos ribeirinhos do rio Madeira voltadas para os seres encantados da Amazônia, são eles o Boto, a Cobra-Grande, o Matinta-Perera e o Curupira, são representações que entrelaçam cultura, espaço e lugar. E, no momento em que buscamos compreender as relações humanas do grupo identificamos uma forma de conhecimento que reflete a vivência do ribeirinho, a existência desses encantados está ligada a essas vivências. Essas representações características do modo de vida ribeirinho estão relacionadas com o rio, a mata, e a vida ribeirinha.

O Boto não é mais um simples animal ele pode transformar-se em homem e caminhar entre os moradores. Em algumas narrativas existe o espírito de Boto curandeiro, em outras, não faz nada, apenas aparece nas margens do rio em forma de homem e fica caminhando. Por estas narrativas e outras percebemos que o boto é uma representação cultural, uma narrativa que segundo Loureiro, (1995:209)

é um encantado da metamorfose por excelência, expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco, que deixa as mulheres fora de si mesmas, fazendo-as esquecerem todas as normas para seguirem somente o impulso ardoroso desse ser de puro gozo, de amor sem ontem nem amanhã.

Essa significação atribuída ao Boto foi necessária, segundo Loureiro, para justificar uma gravidez fora da estrutura familiar marido e esposa, ou gravidez indesejadas das meninas. Hoje, podemos encontrar outros resignificados para a representação do encantado no grupo, como o boto curandeiro e não mais sedutor.

Neste sentido, Sousa (2004:65), discorrendo sobre a vida do ribeirinho, afirma que “há de se levar em consideração as peculiaridades existentes de cada região, articulada por uma cultura repleta de representações.” Cada grupo ribeirinho organiza suas narrativas com suas representações culturais conforme necessidades de organização e compreensão do mundo. Desta forma, observamos muitas maneiras do ribeirinho demonstrar a representação dos seres encantados em seu modo de vida.

São seres encantados que resultam da dimensão cósmica do viver e ser ribeirinho, torna-se parte do social, comandando simbolicamente as construções

sociais do lugar, onde os rios e a mata ganham valores representativos para o homem ribeirinho, no momento em que se torna possível a existência desses seres.

Para Loureiro (1995:62) esses seres tornam-se possível em virtude do,

pescador sonhador, perdido na solidão das águas, tenta ultrapassar a familiaridade redundante do cotidiano, buscando explicações que ele desentranha da ambigüidade do mundo em torno, no qual o dia a dia adquire dimensão cósmica. Conhecer o que há de inexplicado ou descobrir o que de submerso se pode encontrar nas explicações habituais, eis o sentido da navegação desse ser imaginante dentro de si mesmo e em face às coisas.

Ao vivenciar a imensidão da floresta, o homem cria e recria modos únicos de uma vida ribeirinha, no momento em que explica situações a partir do seu imaginário sonhador com elementos presentes no seu mundo.

Assim, o rio e a mata ultrapassam o limite da materialização e ganham representações culturais para o grupo, como consequência podemos perceber que essa apreensão não homogeneizada do espaço vivido é percebida pela naturalidade como o pescador vivencia o rio, mas que para ele é fragmentado, em vários lugares é tofóbico, isto é, não deve frequentar por causa da Cobra-Grande ou do Boto.

A partir das experiências vividas com as representações culturais do Boto, a Cobra-Grande, o Matinta-Perera e o Curupira, o ribeirinho expressa sua relação com o espaço vivido, considerando a subjetividade de sua cultura que está presente no conhecimento de um determinado lugar.

Em algumas análises, a cultura ribeirinha significa mais do que conhecimento, citamos a dissertação de Silva, (1984) Cuniã: Mito e Lugar, que parte justamente dos aspectos relativos ao imaginário e as representações manifestadas nas histórias e relatos que explicam uma das lógicas que sustenta o modo de vida ribeirinho. Para tanto, o rio e a mata são construídos a partir dos novos significados, sendo possível agir sobre o meio, a partir das representações.

O Lugar na Cultura Ribeirinha

Lugar na concepção da Geografia Cultural apresenta uma conotação própria, isto ocorre porque pensar o lugar na geografia significa evidenciar uma profunda relação subjetiva, valorativa e experiencial, logo, o geógrafo tem a possibilidade de estudar as características e importâncias que constituem as

particularidades espaciais. Assim, compreender o lugar significa compreender o valor atribuído a este. Frémont (1980: 121,122) apresenta o lugar que,

constituem numa superfície reduzida e em redor de um pequeno número de pessoas as combinações mais simples, as mais banais, mas talvez também as mais fundamentais das estruturas do espaço.

Ao estudar o lugar como vivência, segurança e conhecimento, relacionado a uma superfície reduzida proporciona uma compreensão das relações entre o indivíduo e do grupo o qual faz parte; possibilita, ainda, buscar as relações de gerações passadas na tentativa de abranger a construção das atuais representações existentes no seu lugar.

As representações de um grupo são fundamentais para compreender as estruturas do espaço por elas produzido, praticado, organizado e administrados, pois estão diretamente ligadas as necessidades de sobrevivência do grupo.

Com Yi-Fu-Tuan (1980), em sua obra “Topofilia” o lugar passou a ser percebido pelo seu caráter representativo repleto de valores simbólicos e expressão da cultura de um grupo. Apresenta uma análise do lugar de vivência do indivíduo a partir dos sentimentos que são atribuídos por nós ao lugar, para tanto define-se o conceito de Topofilia como, “o elo afetivo existente entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.” (TUAN, 1980: 34). Assim, o amor, a amizade, a afetividade, a afeição e a atração tornaram-se referência para um estudo fundamentado nos sistemas sensoriais e voltados para a percepção e orientação do espaço.

Ainda em Tuan na obra “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”, o lugar é analisado a partir da percepção que os seres humanos têm deste, uma vez que os lugares só tornam-se lugares quando o homem constrói e organiza sua vida nele com suas percepções, atitude, e visão de mundo. Compreendendo cada uma delas como,

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externo, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. (...) Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. (...) A visão de mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcial, pessoal, e em grande parte social. (TUAN, 1980:4,5)

A pessoa ao equilibrar os sentidos estimulados pelos fatores externos e desconhecido de seu modo de vida, com suas experiências pessoais e sua postura

cultural, proporcionará a criação de novas representações no grupo, e consequentemente uma nova organização espacial, assim, passamos a compreender o espaço vivido como social e humanizado.

Desta forma, o autor atribui ao espaço sentido quando demonstra às relações sentimentais com o lugar. Logo, o lugar torna-se um espaço vivido considerando as relações das experiências e representações que ultrapassa o físico tornando-se um espaço representativo e simbólico repleto de valores que atribuímos a um determinado lugar. Expondo essa idéia Tuan (1983:09) afirma que a,

experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

O lugar pode ser percebido ligando as experiências vividas e representadas conforme a cultura do grupo daqueles que o vivenciam. Assim, no lugar são expressos os sentimentos humanos conforme as coisas existentes. Nele, criamos, vivenciamos e atribuímos significados aos símbolos de nossas representações.

Podemos interpretar o lugar como parte de um espaço simbólico caracterizado pelas representações que criamos e vivenciamos sobre ele. Essa vivência pode ser considerada em nível das gerações familiares, o aprendizado transmitido e consolidado por gerações ou mesmo por séculos de experiências vividas. Ao discorrer sobre cultura e lugar Claval (1999:11), afirma que,

A cultura é um dado fundamental na compreensão dos lugares. Ela permite perceber os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham.

Nesta afirmação, o autor entrelaça a cultura nos lugares, uma vez que o ser humano a ele atribui valores que fazem parte da cultura do indivíduo proporcionando uma identificação do ser para com o lugar e uma organização social caracterizando cada grupo social.

Nesta perspectiva, a cultura ribeirinha está presente em determinados lugares, e cada um desses, por mais que apresente semelhanças entre as localidades ribeirinhas, há características que são únicas de cada localidade.

Identificamos uma cultura ribeirinha fundamentada na relação que o ribeirinho apresenta com o rio e a mata, esta relação está representada na

organização da vida ribeirinha - o seu modo de vida - o viver e se identificar em seu lugar com símbolos e valores que envolvem os elementos da floresta na organização do espaço. Essa cultura foi apresentada neste trabalho a partir das regras, símbolos e valor atribuído as representações dos seres encantados existentes nas localidades ribeirinhas do Rio Madeira.

Com Loureiro (1995:27) com uma análise da cultura amazônica compreendemos “por cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo”. Loureiro possibilitou compreendermos a formação da cultura amazônica a partir do processo histórico formador do caboclo, demonstrando a influência da cultura nordestina com a indígena e fala de uma acumulação cultural, uma cultura com influência de outras culturas durante anos de relações humanas, relações que proporcionaram a formação da cultura cabocla com um modo de vida específico do homem amazônico. Assim, pensamos a cultura ribeirinha amazônica na proposta desenvolvida por Loureiro (1995:26), como sendo:

de profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou, poeticamente, o imaginário (até o final dos anos 50) destes indivíduos isolados e dispersos às margens dos rios (...) Uma cultura dissonante em relação aos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos de seu mundo.

Compreendemos uma cultura ligada diretamente ao rio e à mata, sendo desenvolvia a partir desta relação. O caboclo, apresentado por este autor, solitário, adentrava a mata para o corte da seringa, vivenciando e desvendando os segredos do lugar a sua volta consolidando, até os anos 50, um imaginário que influenciou na formação da cultura ribeirinha, repleto de seres encantados, uma cultura que, “situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda” (LOUREIRO, 1995:30). Essa cultura foi transmitida e readaptada considerando o tempo e o espaço vivido do ribeirinho, ganhando novas leituras e novas vivências.

Hoje, os pescadores e caçadores ribeirinhos narram as experiências com esses seres encantados de diferentes maneiras, não há uma predominância de uma determinada narrativa, há um ser encantado comum às localidades, mas com diferentes resignificações. Diante desta compreensão, Sousa (2004:58), “navegando” pela obra de Loureiro afirma que a cultura amazônica se constituiu,

a partir da influência cultural do caboclo que por sinal absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos, sendo agregado a esta

cultura um valor de subjetividade, respeitando as peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si e com a natureza.

Essa relação do nordestino com o caboclo resultou na formação de uma cultura própria do homem na Amazônia, caracterizada pela subjetividade ligada à região, aos grandes rios e a mata fechada. Uma cultura composta de seres encantados, representações que conferem sentido às experiências vividas do ribeirinho e conseqüentemente ganham lugar na cultura ribeirinha. Assim,

As encantarias, como o lugar dos encantados submersos nos rios da Amazônia, de certo modo, revelam a liberação da função não utilitária do rio, valorizando a relação deste como o imaginário, em detrimento das funções práticas e de uso que constituem a natureza imediata ou material do rio. (LOUREIRO, 2008:15)

Esses encantados surgem em virtude da necessidade do caboclo buscar mecanismos de adaptação e sobrevivência a nova realidade vivida. São os símbolos que representam uma relação do homem ribeirinho com o rio e a mata, desta forma entra em um mundo dominado pelo imaginário poético-estetizante (LOUREIRO, 1995). Esta representação, com características subjetivas e emocionais será compartilhada com as pessoas mais próximas, principalmente familiares e amigos através do ato de narrar, repassando assim as narrativas ao grupo.

Essas narrativas ribeirinhas são uma das características da cultura do grupo em que admitimos a dinâmica da vida e conseqüentemente suas mudanças. Diante dessas modificações as narrativas são reconstruídas e remodeladas ganhando novos significados conforme o tempo, o espaço, as experiências vividas pelos narradores.

Logo, há diferenças temporais e diferenças das relações espaciais, uma vez que o espaço geográfico não é homogêneo e apresenta especificidades. Desta forma, a narrativa expressa a vida e as experiências do morador.

As particularidades estão relacionadas com o lugar de vivência da pessoa, sendo assim, o lugar é fundamental para compreensão da cultura de um determinado grupo.

CAPÍTULO III: “NAVEGANDO” NOS RECURSOS METODOLÓGICOS

O caminho trilhado neste trabalho fundamenta-se no entrelaçamento das propostas metodológicas desenvolvidas por Armand Frémont (1980) na obra “A Região, Espaço Vivido” e José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) na obra “Manual de História Oral”.

A escolha do primeiro ocorreu devido à necessidade de compreender as relações no espaço ribeirinho enfocando as afetivas e os elementos representativos deste espaço e os meios que chegaríamos até a identificação e interpretação dessas relações. E a do segundo, para a realização, compreensão e desenvolvimento das entrevistas, bem como a concepção do *outro*.

Ambos trilham o caminho para o contato do pesquisador com o narrador, como agir diante do trabalho de campo e de como compreender a relação entre o pesquisador e o narrador.

Essas propostas metodológicas possibilitaram, ainda, identificar e interpretar a relação do homem com o seu espaço, o seu lugar e as representações que existem no espaço ribeirinho, possibilita ainda preservarmos e trabalharmos com a *fala* completa do narrador a partir de suas experiências de vida, o que facilita para compreendermos as relações deste com o lugar.

Com as narrativas, norteamos o trabalho e as leituras das mesmas foram realizadas considerando o entrelaçamento das relações apresentadas acima. Considera-se ainda que, “os geógrafos devem procurar compreender a concepção de mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que estejam estudando.” (BONNEMAISON, 2002:102).

Na busca por esta compreensão, o geógrafo, pesquisador, se envolve com o grupo ou sociedade que está pesquisando. Nesse sentido, tentamos limitar nosso envolvimento em ouvir nossos narradores e na satisfação pessoal de estar desenvolvendo uma pesquisa com grupos ribeirinhos.

Considera-se que nos trabalhos desenvolvidos com o *outro* é impossível não haver o envolvimento. Por isto, o cuidado para manter o respeito ao *outro*, não intervindo na fala, o que significaria “colocar palavras na boca do narrador”, permitir

que ele discorra conforme suas experiências de vida e exponha apenas o que desejar.

Assim, as narrativas tendem a expressar a transparência das experiências vividas pelo narrador, podendo, somente, depois de todo o processo de realização da entrevista, o pesquisador interpretar as mesmas.

Para esta interpretação fizemos uso das novas abordagens da geografia cultural, por compreender que “uma das tarefas da geografia cultural é mostrar como os sistemas de valores se traduzem pelas articulações específicas do social” (CLAVAL, 2007:82). Neste sentido, trabalhamos os valores afetivos que os narradores apresentaram para com o lugar, considerando ainda, os seres encantados como representação simbólica do espaço ribeirinho. O que nos permitiu interligar os encantados com o lugar relacionando-os com o rio e a mata considerando as experiências vividas pelos nossos narradores.

O autor esclarece que a nova geografia cultural, tenta explicar o ser humano pela maneira como se relaciona no espaço, como o exploram e o transformam; que tipo de laços são estabelecidos entre o sujeito e o espaço vivido, como estes sujeitos instituem suas sociedades e como organizam e identificam seu lugar, desta forma foi possível compreender o espaço ribeirinho por um novo caminho interpretando-o pela cultura do grupo.

Passamos a usar a Geografia Cultural quando percebemos que no espaço ribeirinho há outras relações que,

ao lado das lógicas econômicas, sociais ou políticas em ação na vida coletiva, existem outras que dizem respeito às particularidades dos sistemas de representação, dos signos e dos símbolos pelos quais apreendemos o mundo e conseguimos nos comunicar. (CLAVAL, 2002:136)

Ao olharmos as particularidades de um grupo social, consideramos os sistemas de representação, uma vez que, por meio destes sistemas o homem vive e compreende o mundo, relaciona-se e comunica-se com o outro, além de vivenciarem o seu lugar.

Neste sentido, podemos, a partir da geografia cultural, compreender os seres encantados como símbolo da representação dos grupos ribeirinhos abre-se caminhos para realizar outras leituras das relações espaciais entre os narradores e o lugar onde vivem.

Desta forma, a geografia cultural, principalmente com a introdução da concepção de representação no espaço, nos permitiu novas reflexões para compreendermos a organização do espaço ribeirinho a partir da cultura deste grupo, por exemplo, as construções das casas dos moradores que apresentam uma mesa específica para tratar o peixe, observar também a organização das casas à margem do rio, a relação afetiva do ribeirinho com o rio.

Outro exemplo de organização do espaço nestas localidades é o seu crescimento a partir das igrejas, as pessoas inicialmente começam a viver em torno delas e o espaço ocupado cresce em seu entorno, demonstrando a representatividade da igreja para o grupo.

Nossa aplicação da Geografia Cultural corresponde ao momento de interpretação das entrevistas coletadas durante o trabalho de campo, uma vez que através dela podemos aplicá-la e compreender as relações afetivas dos narradores com seu lugar por meio de sua cultura, pois, através dessa, o ribeirinho identifica-se no seu lugar, quando se sente um pescador ou um caçador, quando fala de como é viver onde vive e o quanto é importante esse lugar para sua sobrevivência.

Os valores afetivos, o gostar de viver na localidade por ver seus filhos crescerem em um lugar tranquilo, sem fome e nem violência. Esse viver com o rio e a mata possibilita a criação, a existência e permanência de representações características da cultura ribeirinha, por isso podemos encontrar narrativas do Boto, da Cobra-grande, do Matinta-Perera e do Curupira, representações que são integrantes das experiências de vida dos nossos narradores.

Com o objetivo de compreender a relação espacial dos narradores com o lugar, bem como, a representatividade dos seres encantados no modo de vida do grupo, entrelaçamos a aplicação de dois métodos da seguinte forma:



Figura 01: Organograma Metodológico

Organizado por Marcela Arantes e Josué da Costa, durante a pesquisa de campo, em 2008 e 2009

Ao aplicarmos as duas metodologias foi possível desenvolvemos uma pesquisa na Geografia tendo como base para análise entrevistas onde, a fala do narrador tornou-se a primeira e principal fonte da pesquisa. Diante das observações iniciais - aplicação do método espaço vivido - durante o trabalho de campo questionamentos quanto a existência de uma relação subjetiva do narrador com o lugar.

Foi então que nos perguntamos que relação é essa? Em que está fundamentada esta relação? Quais são as representações que fazem parte da cultura ribeirinha? Qual o valor do lugar para o narrador? Se há representação, então, como estão presentes os símbolos desta na vida do narrador?

Esses questionamentos estão acompanhados da compreensão de que ser humano é quem atribui os valores, significados e símbolos ao seu lugar, por meio de suas representações e conseqüentemente de sua cultura e, sendo esta manifestada no espaço e fundamentada na relação do homem como este se torna uma abordagem da geografia onde o pesquisador deve então,

Estabelecer claramente o seu objeto no espaço vivido, fenômeno que, para ser corretamente captado não admite redução alguma. Implica a análise no estudo de cada relação do homem com o espaço. Exige a síntese na apreciação de todas as relações e das suas inter-relações. (FRÉMONT, 1980:92)

Aplicar o espaço vivido em uma pesquisa significa não fazer redução alguma do que foi observado, percebido ou falado durante o trabalho de campo. Sendo assim, descrevemos nossas percepções e vivências durante a pesquisa em um caderno que chamamos de diário de campo e desenvolvemos a interpretação das narrativas considerando principalmente o que foi falado, bem como, o que percebemos no espaço que é vivido pelo narrador. Essa percepção foi feita pelo olhar, ouvir e falar.

Pelo olhar, o geógrafo pode fazer a síntese das relações e das inter-relações observadas, enfocando e desenvolvendo o seu trabalho, uma vez que o ato de observar é uma das características da Geografia desde o século XVIII objetivando “construir os primeiros meios de conhecimentos. Para investigação do espaço vivido, essa prática tanto do terreno, como do olhar e da palavra são indispensáveis” (SILVA e NASCIMENTO SILVA, 2002:67).

Desta forma, a aplicação do *olhar* possibilita o desenvolvimento da observação, por parte do pesquisador, das relações existentes entre o narrador e seu espaço vivido, dessa forma o olhar torna-se uma ferramenta fundamental para o pesquisador.

Neste sentido, Frémont (1980: 93,94) apresenta os meios de investigação para uma pesquisa, o primeiro corresponde à palavra e o olho,

A palavra e o olho constituem os primeiros meios do conhecimento. Esta investigação, ‘em directo’ sobre a vida tem sido por vezes esquecida em proveito de instrumentos mais sofisticados, que implicam mais a freqüentação do escritório ou do laboratório do que a das pistas, das ruelas ou dos caminhos. Contudo o gosto da relação direta permanece vivaz na maior parte dos geógrafos.

Neste primeiro momento, corresponde à observação do outro, uma vez, que na pesquisa geográfica com um grupo ou mesmo uma sociedade ocorre à relação direta do pesquisador com o narrador, logo, o pesquisador sente e mantém os laços dessa relação, o que favorece a percepção de como o *outro* vê e se identifica no espaço vivido.

A observação e percepção proporcionam a parte descritiva, correspondendo o início do processo de investigação do trabalho de campo da pesquisa, identificando as relações que envolvem a vivência do narrador com o lugar, suas representações, seus símbolos, a organização do modo de vida e do seu espaço. Neste sentido, buscamos em Saraiva (2002:44), por afirmar que,

O olhar permite, num primeiro momento, observar aspectos que estão sendo explícito, o lugar do sagrado nas casas (o altar), a cozinha, o banco na beira do rio à sombra de algumas árvores. O caráter explícito está no aspecto físico do espaço, o que pode ser visto e descrito, como por exemplo: a disposição das casas, a diferença entre os diversos tipos de construções existentes, os caminhos, os pequenos comércios, a igreja, o centro comunitário, o campo de futebol, o posto de saúde e locais que são pontos de encontro dentro do espaço da comunidade.

Quando aplicamos o “olhar pesquisador e observador” identificamos e descrevemos a organização dos ambientes cotidianos dos ribeirinhos, e analisamos considerando o caráter subjetivo que proporciona tal organização no espaço materializado, abordando a importância dos valores atribuídos a certos lugares em destaque na casa, como o altar, um lugar sagrado e de grande importância para a família que demonstra uma manifestação da cultura religiosa. O banco a beira do rio pode significar um lugar de reuniões e conversas, onde pessoas da localidade se encontram para passar o tempo e nesta atitude há convívio social, troca ou permanência de valores culturais do grupo proporcionando a sociabilidade deste.

Ao descrever os aspectos materializados existentes no cotidiano do narrador, nos possibilitou iniciarmos nossa compreensão da relação de afetividade existente entre ele e o seu lugar. Ao fazer isto, o pesquisador adentra no campo das representações e conseqüentemente do simbólico, pois, identificará a importância atribuída a alguma estrutura física construída pelo ser humano ou mesmo nos elementos da floresta.

Nesta perspectiva, pode-se, ainda, compreender que no momento que se inicia o contato com um grupo os próprios moradores encaminham o pesquisador para determinados narradores. Assim, os sentidos fizeram parte de todo o desenvolvimento da pesquisa e foram aplicados imediatamente desde o primeiro momento do desenvolvimento do trabalho de campo e do contato com o narrador.

Enfatizamos que “o olhar e o ouvir, tornam-se complementares dentro da pesquisa nas ciências sociais” (SARAIVA, 2002:47). A aplicação destes dois sentidos durante a pesquisa possibilita ao pesquisador adquirir conhecimentos referentes ao universo estudado, o ouvir corresponde ao momento da coleta de informação representada pela entrevista, sendo assim, o olhar e o ouvir complementam-se na busca da percepção do espaço. Em tal contexto, os sentidos tornam-se ferramentas metodológicas em todos os campos do conhecimento, como

foi trabalhado e apresentado por Tuan (1980), que demonstra o sentimento, a percepção e a compreensão diretamente ligados aos sentidos humanos e ao lugar vivido.

Para desenvolvermos esse trabalho selecionamos como Colônia¹¹ localidades ribeirinhas existentes no Rio Madeira, pelo desejo de desenvolvermos uma pesquisa com enfoque na cultura amazônica. O que nos levou ao desdobramento da Rede¹² de estudo em Vila de Calama, Povoado da Cachoeira de Teotônio e Localidade de São Sebastião, localidades onde tínhamos acesso em virtude de outras pesquisas realizadas.

Buscamos entrevistar os mais antigos moradores dos referidos lugares, por acreditarmos que estes expõem melhor uma relação com lugar, considerando suas experiências de vida no mesmo.

As entrevistas na íntegra, bem como, seus fragmentos analisados estão apresentadas neste trabalho com as iniciais dos nomes dos narradores. Mesmo com as cartas de autorização para publicação em obra intelectual, optamos por preservar a exposição direta dos narradores.

No primeiro contato aplicamos a proposta da palavra e olho, desenvolvida por Frémont (1980) juntamente com a História Oral de Meihy (2005). Sendo assim, a palavra, a escolha de como e o que falar foi feita neste momento, bem como a apresentação da pesquisa ao narrador e o convite ao mesmo a fazer parte dela.

Desta forma, chegamos às localidades ribeirinhas e procuramos os moradores mais antigos, por acreditarmos que esses detêm maiores conhecimentos sobre a constituição do grupo, considerando que em Vila de Calama, povoado da Cachoeira do Teotônio e localidade de São Sebastião já tínhamos contatos em virtude de pesquisas anteriores realizadas o que facilitou para sabermos quem eram os moradores mais antigos.

Ao encontrarmos os moradores, que seriam nossos narradores, apresentamos a pesquisa, sem falarmos sobre a essência dela, a representação dos seres encantados em suas vidas e no lugar, dissemos apenas que era uma pesquisa sobre a vida no lugar, mantemos simplicidade desde a escolha pelas palavras até o tipo de roupa que fomos ao encontro dos narradores.

¹¹ Colônia na concepção de Meihy (1995:177) corresponde à seleção do grupo “a ser estudado independe da especificação de idade (geração), estado civil, padrão de vida econômica ou outros detalhes”.

¹² Compreendemos a Rede como “uma subdivisão da colônia que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem se deve e quem não se deve entrevistar”. (Meihy, 2005:177)

Apresentada a pesquisa e nossas intenções solicitamos a participação do narrador. Das cinco pessoas que entrevistamos todos aceitaram sem resistência, foi preciso apenas nos adaptarmos a disponibilidade de cada narrador. Durante o trabalho de campo recebemos somente um não quanto ao convite feito a um morador da Vila de Calama para ser um de nossos narradores, por duas vezes pedimos sua colaboração, negando as duas vezes.

Com a aceitação por parte dos nossos narradores e início das entrevistas, passamos a observar e perceber as expressões e ações do narrador durante a fala, o envolvimento do narrador com o seu lugar vivido e tentando compreender essa relação.

Para melhor detalhar e apreender as situações envolvidas no trabalho de campo usamos um caderno como diário de campo, instrumento de pesquisa em que expomos nossas vivências e experiências durante esse período de pesquisa e nos ajudou no momento das interpretações das narrativas para melhor compreender a relação dos narradores com o seu lugar.

Durante a realização das entrevistas, foi permitido que os narradores se expressassem sem interrupção com liberdade para construir e organizar sua fala da maneira como quisessem. Dos cinco narradores somente em duas entrevistas foi usada a pergunta de corte¹³.

Perguntamos se o narrador conhecia alguma história de pescador, a partir desta pergunta poderia ou não surgirem narrativas que envolvessem os seres encantados. Identificamos a presença da Cobra-Grande, do Boto, do Matinta-Perera e do Curupira.

Com a realização das entrevistas, temos as narrativas que são os documentos que foram interpretados, realizamos a transcrição, o primeiro passo da passagem da fala para o escrito onde mantém as palavras exatamente como foram ditas, com erros semânticos, gírias e expressões.

Tentamos, ainda, descrever os sons envolvidos no momento da entrevista, isto porque ao fazermos a passagem da fala para escrita ocorre a perda do gesto, das emoções e do momento de silêncio, cabe então a intervenção, por meio da busca do sentido e do significado das palavras que melhor corresponder ao conjunto

¹³ Segundo Meihy (2005) a pergunta de corte corresponde a uma pergunta indireta ou indagação que possibilite ao narrador desenvolver, ou não, na sua fala ou tema da pesquisa.

de mensagens corporais transmitidas pelo narrador no momento da entrevistas, não perdendo a clareza da narrativa.

Neste sentido, os momentos de pausa, foram substituídos por reticências e nos casos de emoções ocorridas durante a entrevista tentamos descrevê-las, por exemplo, nos casos em que o narrador demonstrou sentir vontade de chorar, escrevemos que ficou emocionado e chorou. Todas as intervenções foram lidas e confirmadas com os narradores.

Em seguida, realizamos a textualização, eliminamos nossa fala e participação, os erros gramaticais e reparamos as palavras sem peso semântico, retiramos também os latidos de cachorros, os gritos das crianças e outras falas que ocorreram durante a gravação.

Por fim, a transcrição, após termos somente a fala do nosso narrador, organizamos a narrativa. Colocamos a narrativa em ordem cronológica dos acontecimentos, nos casos em que o narrador começou a falar sobre sua chegada no lugar, mudou de assunto e voltou a falar sobre o lugar.

Após a transcrição, voltamos ao narrador para a conferência. Todos os narradores aceitaram a narrativa-texto; nosso retorno foi tranquilo, fomos bem recebidos, conferimos as narrativas, agradecemos a colaboração de todos.

No fluxograma abaixo, apresentamos a aplicação das etapas de confecção do texto das entrevistas na proposta de Meihy (2005). O exemplo abaixo é um fragmento da narrativa livre e sem perguntas, da Senhora M. R. D. S. (04), onde demonstramos a maneira como trabalhamos a passagem da fala para o escrito e do escrito para o documento narrativo:

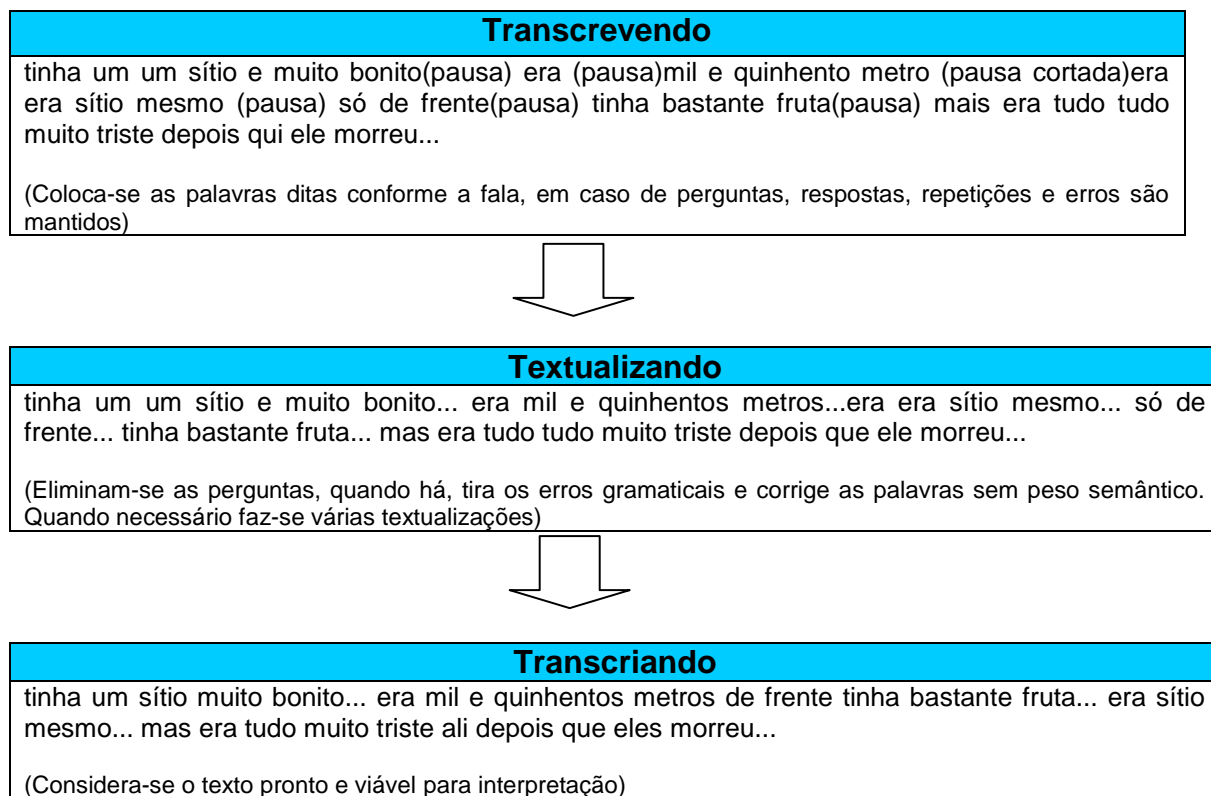


Figura 02: Etapas da confecção do texto em História Oral (Fluxograma)

Organizado por Marcela Arantes e Josué da Costa, durante a pesquisa de campo, em 2008 e 2009

Essa narrativa é nosso documento que será interpretado após conferência. As interpretações foram feitas depois de todas as entrevistas transcritas, facilitando a leitura e a compreensão da narrativa / texto. Em História Oral compreende-se que o documento é o resultado da mudança da fase oral para escrita assim,

A História Oral tanto pode derivar de uma formulação oral como de uma escrita, mas, passando inevitavelmente por uma fase oral, ela acaba por se materializar em um documento escrito. (MEIHY, 2005:30)

O documento é um instrumento para investigação. Indiferentemente de como ele surgiu, é partir dele que desdobrará a pesquisa, realiza-se uma leitura interpretativa dos momentos vividos e apresentados nestes documentos. O geógrafo examina o documento, procurando responder as perspectivas e as contradições de sua pesquisa, interpretando as particularidades intrínsecas nos documentos ao identificar as relações espaciais englobando os chamados bens culturais de uma sociedade.

O documento faz parte de todo campo de conhecimento que segundo Frémont (1980:97) está inserido na área de investigação do geógrafo. Com base neste autor, conceitua-se o documento,

como um precioso intermediário entre o investigador e uma certa realidade a descobrir. Não é a realidade; transcreve-a ou reflete-a. como tal, deve ser interpretado. O documento pode ser visual (um mapa, uma fotografia...), narrativo (um texto), ou número (uma série estatística...). Permite restituir o passado (arquivos, documentos históricos), revelar aspectos invisíveis ou escondidos (situações fundiários, fluxos de capitais ou de informação...) condensar uma situação (listas de recenseamentos, inventários descritivos, monografias...).

Compreendemos então que existe documento visual, narrativo e numérico. Enfocamos nesta dissertação o narrativo, uma vez que os textos formados surgiram a partir das entrevistas gravadas, ou seja, textos feitos a partir das experiências narradas em entrevistas (BARBOSA, 2006), logo um documento narrativo.

Compreendemos que esse texto narrado e transformado em documento é o material palpável que reflete a realidade do narrado, o vivido por ele e narrado da maneira que desejou, logo, uma realidade individual que se manifesta no coletivo, uma visão própria do narrado dos lugares e do mundo a sua volta.

A partir da narrativa, identificamos o processo histórico de um grupo social, no momento que o pesquisador contextualiza a narrativa no espaço e tempo dos acontecimentos apresentados na fala, quando os narradores falam do tempo que moraram em algum lugar e compartilham experiências já vividas.

Pelas narrativas percebemos as relações sociais da família do narrador, bem como as relações com os outros moradores, nas falas onde os próprios narradores se intitulam como mais velhos da comunidade e por isso são procurados sob qualquer situação do lugar.

Foi na identificação dos aspectos invisíveis ou escondidos que desenvolvemos a interpretação das narrativas, o que não foi dito, mas ficou nas entrelinhas no momento da transcrição da entrevista. Percebemos as relações existentes explicitamente e implicitamente em cada entrevista e compreendemos o valor de cada lugar para o narrador.

Essa compreensão “depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade”. (GEERTZ, 1997:107). Desta

forma, tentamos identificar os símbolos das representações existentes nos grupos ribeirinhos existentes que envolvem o valor atribuído ao lugar e às experiências vividas neste, fundamentando-os na cultura e espaço ribeirinho, fazendo uma interpretação das representações do lugar para os narradores.

Deixando evidente que as interpretações estão ligadas às nossas habilidades teóricas e metodológicas fundamentadas principalmente na proposta da Nova Geografia Cultural, e que as entrevistas foram disponibilizadas na íntegra no capítulo V, formando um banco de dados para outros pesquisadores interessados e fazerem uma re-leitura de cada uma delas.

CAPÍTULO IV: AS LOCALIDADES RIBEIRINHAS

Os grupos ribeirinhos estudados estão localizados às margens do rio Madeira e podemos considerá-los de fácil acesso mesmo no caso da Vila de Calama que o percurso da viagem tem duração de aproximadamente 13 horas, em um barco recreio¹⁴, uma viagem tranquila, pois, o comandante conhecedor do rio desvia os redemoinhos e evita aproximar-se das margens durante a viagem, assim embarcamos no porto do Cai N'água e desembarcamos somente na Vila de Calama.

Quanto à localidade de São Sebastião, consideramos de mais fácil acesso por estar localizada a margem esquerda do rio Madeira e bem em frente ao complexo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Basta atravessar o rio por uma voadeira¹⁵ que entre cinco a oito minutos estamos no local.

O povoado da Cachoeira de Teotônio o acesso é por via terrestre por um ônibus coletivo de linha rural que duas vezes ao dia faz o trajeto entre o centro da cidade de Porto Velho até o povoado.

Pelo mapa 01 (pág.69) de localização das localidades ribeirinhas do povoado da Cachoeira do Teotônio, da Vila de Calama e da localidade de São Sebastião no rio Madeira percebemos que as duas primeiras estão na margem direita e São Sebastião está na margem esquerda do rio, próximo ao centro da cidade de Porto Velho, em frente ao complexo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Veja o mapa:

¹⁴ Para Saraiva (2007:28) o barco recreio “possui a função de transportar os ribeirinhos, os viajantes e as mercadorias, este nome foi dado pelos moradores das regiões ribeirinhas da Amazônia para os barcos que fazem o trabalho de transporte de passageiros e cargas”.

¹⁵ Compreende-se voadeira por uma espécie de canoa pequena e simples, com um motor de popa consideravelmente barulhento. É um meio de transporte muito comum entre os ribeirinhos principalmente pela relação entre custo e benefício, e pela praticidade de se locomover pelos rios da Amazônia.

Percebemos a presença e proximidade do rio na vida desses grupos. Diante disto, Nascimento Silva (2000:103) afirma que, “o Rio Madeira tem uma importância muito grande para essas pessoas, pois é a partir dele que os ribeirinhos tiram sua sobrevivência e utilizam-no como transporte”. Espacializam o rio no momento que passam a conhecê-lo, suas cheias, seus perigos, suas mudanças, e humanizam-no quando acreditam que ele oferece e retira quando quer o peixe, desbarranca locais e engana navegantes fazendo com que embarcações virem no meio do rio.

Não são localidades isoladas, subindo e descendo o rio Madeira os moradores usam o rio como “estrada” se interligam, trocam alimentos como a melancia, entre as localidades às margens do rio, com direito a festejo anual no mês de agosto, o qual acontece em locais diferentes para comemorar a colheita e fazer as vendas ou trocas de mantimentos.

O navegar noturno também é algo possível para esses moradores, em busca de uma dança de forró movimentam em aventuras noturnas pelo rio, demonstrando que o ribeirinho para aventurar-se nas noites pelo rio precisa conhecê-lo, saber onde estão os perigos que podem causar sua morte e mais uma vez este elemento como “estrada”, interligando e socializando os grupos do rio Madeira.

Com exceção do Povoado da Cachoeira do Teotônio, Vila de Calama e São Sebastião organizam festejos e/ou comemorações religiosas que atraem moradores de outras localidades, sendo o rio o meio pelo qual navegam entre uma e outra localidade.

O fato de estarem próximos ao rio proporciona uma relação espacial entre o ribeirinho e esse elemento da floresta. Gondim (1994:98) apresenta o rio como um personagem na vida do homem da Amazônia, pois, “em torno dele gravitam animais, aves, plantas medicinais, minérios e homens” mais do que isso, “os homens passam pelo rio, usam o rio, trabalham no rio, alimentam-se do rio, navegam pelo rio, vivem no rio e morrem no rio”. O rio está presente em todas as ações da vida do ribeirinho o que proporciona uma proximidade subjetiva ao envolver a cultura ribeirinha, humanizando este elemento da natureza.

Os moradores das três localidades apresentadas no mapa 01 (pág 70) residem nas proximidades dos rios e estabelecem uma relação com o rio baseada na sobrevivência, seja através da pesca ou do transporte fluvial, estando

fundamentalmente ligado ao rio, organiza sua vida as margens dele vivenciando-o no momento que atribuem valores afetivos e representações que são parte de sua cultura. Nas entrevistas percebemos falas como:

“...aqui ninguém morre de fome, é só pescar...” (Senhor J. T. D. F).

O rio liga e move a vida do ribeirão. Desta forma, Gondim (1994:98) afirma que “a vida na planície criou um vínculo permanente entre o nativo e o rio. A canoa é o veículo que ele usa para se locomover”.

Usando o rio como “estrada” e a canoa como “automóvel”, o ribeirão alcança as distâncias desejadas, busca lugares para pescar quase inacessíveis de tão estreitos e escondidos na mata, lagos¹⁶, igapós¹⁷ e igarapés¹⁸ são explorados em busca de uma boa pescaria.

Navegando pelas águas do Rio Madeira, visitam outras localidades, quando necessário chegam a Porto Velho para resolver situações documentais, de saúde, fazer compras e visitar familiares que residem na cidade.

Amanhecem olhando para o rio, observam o movimento das águas, identificam as cheias e as vazantes e os possíveis problemas que possam vir a ter durante a pesca. O rio é um dos elementos que fazem parte da vida dos moradores, logo, o rio está presente na organização e na produção do espaço ribeirão.

1. Vila de Calama

A Vila de Calama está localizada ao norte do Estado de Rondônia e na margem direita do rio Madeira. Limitando-se ao norte e leste com o Estado do Amazonas, como referência a divisa o paralelo 8º LS no trecho compreendido entre a Nascente do rio Apuniã, e a foz do rio Maicy, ao sul com os municípios de Cujubim e Candéias do Jamari e ao Oeste com o Distrito de São Carlos. A proximidade com Humaitá-AM favorece aos moradores procurarem esta cidade em caso de problemas de saúde.

¹⁶ Lagos: é uma depressão natural na superfície da Terra que contém permanentemente uma quantidade variável de água.

¹⁷ Igapós: vegetação típica da região Amazônica, constantemente alagada e localizada em terrenos baixos e próximos dos rios.

¹⁸ Igarapés: cursos de água amazônicos caracterizados por pouca profundidade, e por localizarem quase no interior da mata.

Como grande parte das localidades ribeirinhas, a Vila de Calama também registra, a partir da segunda metade do século XIX, a atividade extrativista da produção de borracha e a organização de seringais, o que significou o surgimento propriamente dito da vila de Calama (SILVA,1999), servindo inicialmente como simples ponto de apoio aos exploradores que se dirigiam ao vale do rio Ji-Paraná e do rio Madeira.

Neste período, iniciou a construção de casas residenciais, da Filadelfia/USA, objetivando equipar o seringal e agilizar o processo da exportação da borracha importou-se galpões para armazenagem do produto e outras mercadorias de subsistência para o seringal.

Como consequência dessas mudanças, o porto da Vila de Calama passou a ser bem movimentado e sua população foi aumentando e consolidando uma organização espacial, cultural e política no atual distrito. Deste período restaram as instalações dos galpões, hoje propriedade da CERON e o casarão do seringalista que posteriormente passou a ser casa missionária católica.

Hoje Calama é habitada por 2922¹⁹ pessoas. Apresenta duas escolas sendo uma de responsabilidade do município e outra do estado. A Escola Municipalizada Dr^a Ana Adelaide Grangeiro, criada pelo Decreto 364 de 12 de outubro de 1961, contabiliza 262²⁰ alunos, entre educação infantil até o ensino fundamental.

As escolas da Vila são mantidas pelos órgãos públicos, estado e prefeitura de Porto Velho. A educação é vista pelos governantes como um papel a desempenhar e para estes moradores educação é um meio de conhecer o mundo das letras onde, considerando os nossos narradores, é algo de muito valor e orgulho para aqueles que frequentam a escola ou chegaram a concluir o ensino médio, porém podemos identificar ainda analfabetos no grupo.

A Vila conta com uma unidade de posto de saúde municipal, o qual, segundo os moradores, funciona sob a responsabilidade de técnicos e auxiliares de enfermagem, não há médicos, muito raramente a localidade recebe visitas deste profissional, quando acontece eles vêm pela lancha da Secretaria de Saúde do Município de Porto Velho, atendendo apenas um dia.

Neste dia, o atendimento acontece para os pacientes agendados pelos técnicos e auxiliares de enfermagens. Conversando com alguns moradores sobre a

¹⁹ Dados fornecidos pelo IBGE, censo 2007.

²⁰ Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação em agosto/2009.

saúde, podemos perceber a insatisfação, pois acreditam não ser suficiente este único dia de atendimento, mesmo assim, afirmaram que hoje está melhor.

O profissional médico é especialista em clínica geral, faz o atendimento e encaminha para Porto Velho os casos em que os pacientes necessitam ser atendidos por um especialista ou de exames clínicos.

Ao caminharmos pela localidade identificamos uma unidade de posto policial e uma de posto do IDARON, uma lanchonete e bares às margens do rio, dois hotéis e restaurantes, tem ainda a Associação dos Produtores de Calama e Maicy – APROCAM.

Segundo o narrador, essa associação fundada foi de grande valia para os moradores, pois, proporcionou melhor diálogo entre os produtores / trabalhadores na vila, com a comunicação entre eles tiveram oportunidade de ter implementos agrícolas, para o trabalho diário, por meio da APROCAM, os moradores chegaram a conhecer banco e conseqüentemente aos empréstimos, a oportunidade para crescer como produtor chegou nesta vila descaracterizando o modo de vida clássico ou tradicional do ribeirão.

Hoje, a religião da comunidade deixou de ser voltada somente para a católica. Mesmo com a presença marcante, logo na entrada do Distrito, há Igreja de São João e sua cruz, não podemos ignorar que os evangélicos têm conquistado, aos poucos, o espaço e se sociabilizando com os ribeirinhos atraindo seus adeptos, influenciando na re-organização do espaço da localidade.

A religiosidade também está presente em atitudes cotidianas. Observamos que os pescadores nunca saem para o rio, os caçadores para mata e os agricultores para a terra sem antes se voltar para o céu e pedir proteção e sua volta, durante as conversas pode-se observar repetidas vezes a palavra Deus e seu filho Jesus.

Esta fé foi passada de geração a geração, mas sempre sentem necessidade de ir a um templo para fazerem suas orações em conjunto. Dada a distância da arquidiocese católica – Porto Velho – a escassez de padres no vilarejo, as outras igrejas oferecem aos ribeirinhos seus templos de portas abertas e assim conquistando-os e levando até eles a “palavra” de Deus, com isso tem o protestantismo em lugares como a Vila de Calama.

Com um recorte de uma imagem da Vila Calama (pág 75) ilustrativo da localidade, do lado direito do Rio Madeira podemos ver suas casas envolvidas pelo

rio e pela mata. Consideramos este grupo ribeirinho grande, conforme a imagem abaixo percebemos a quantidade de aglomerados de habitações comparando com os outros grupos pesquisados. (ver imagens 04 pág 78 e imagem 05 pág 82).

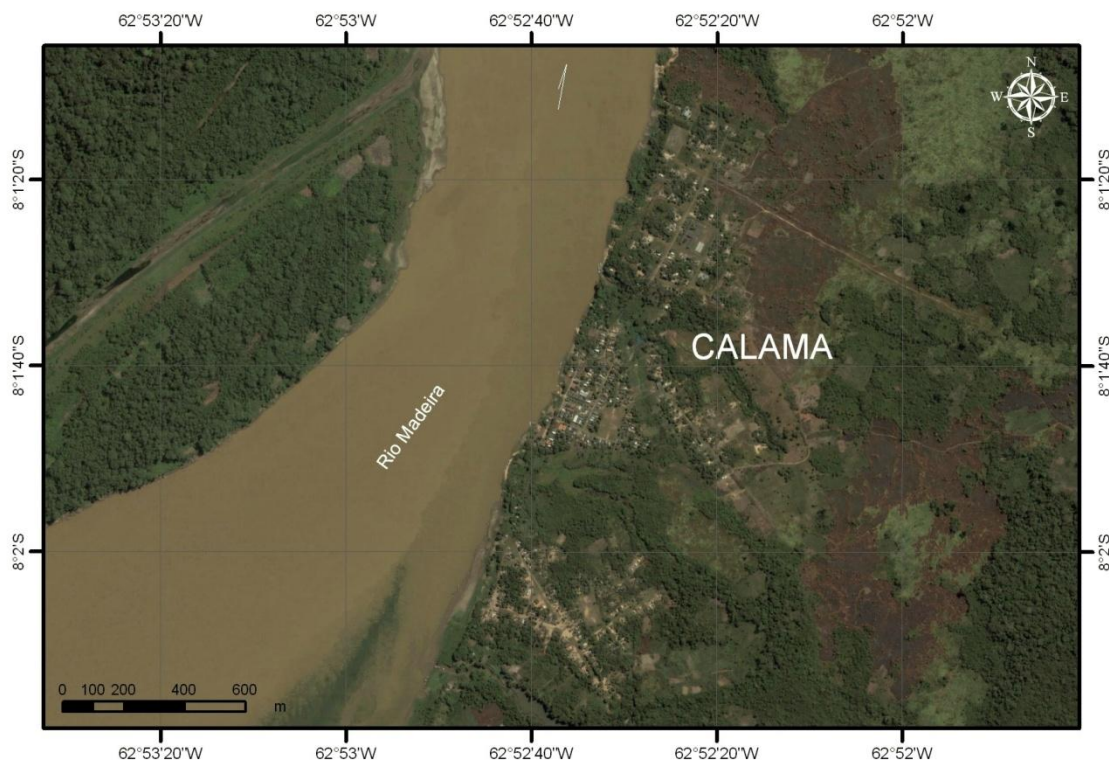


Fig. 03: Imagem de Calama

Fonte: Google Earth, acesso em 02/06/2009.

Organizado por Marcela Arantes e Josué de Costa.

A maior concentração populacional da comunidade está às margens do rio, as casas, grande parte de madeira, foram e ainda são construídas próximas às águas. O rio é a uma linha de organização do espaço, incluindo a igreja católica, muito comum nas localidades ribeirinhas, os pontos de embarque e desembarque serem próximos às igrejas, logo, todas ficam em suas margens e a partir destes dois elementos as localidades começam a se organizar.

Ao caminhar pela Vila, identificamos ruas que lembram ciclovias calçadas com paralelepípedos, igrejas evangélicas e uma católica, crianças correndo por toda parte, pontes de madeira e duas de aço para ligar alguns aglomerados de casas, considerando que Calama é a sede de outros distritos.

O Distrito de Calama é formado por outros pequenos núcleos: Dois de Novembro, Monte Horeb, Monte Verde, Independência, Lago Verde, Juruá, Calama, Quatro Irmãos, Demarcação, sendo essa última dividida em Lago Jamari, Lago Cuniã e Demarcação. Isso no rio Machado.

Já no rio Preto temos Santa Isabel, Raimundo Elias, Sabá Arvoredo mais as linhas 12, 17, 21, 25 chamadas de gleba do rio Preto. E no Rio Madeira, Santa Catarina, Conceição do Galera, Papagaios e Nova Esperança.

A pesar do Distrito de Calama ter vários núcleos, enfocamos a Vila de Calama, o principal núcleo. Este grupo é constituído pelos bairros São José, Tancredo Neves, São Francisco e São João.

Percebemos na fala de alguns moradores a construção representativa da Vila de Calama como um lugar tranquilo, seguro e boas condições de vida, com pouco ou quase nenhum violência urbana, assaltos, drogas e principalmente um lugar onde há fertilidade da terra e nele pode-se plantar, pescar e caçar.

O acesso à Vila é somente pelo rio, podendo ser barco recreio, canoa, voadeira, rabeta que fazem o transporte de moradores a outras localidades, além de levam e trazem mercadorias para comercializar. É através do rio que chega a localidade alimentos de todos os tipos, gás e produtos de limpeza para serem comercializados nos mercados da localidade, da Vila de Calama sai principalmente a produção de banana, pupunha e açaí para serem comercializados em todo o rio Madeira, inclusive durante a viagem.

No meio da escuridão, o farol do barco era a única luz. Podemos perceber que aqueles que navegam constroem suas linhas de referências pelo rio cuja delimitação pode ser feita por uma árvore ou mesmo um igarapé podem funcionar como uma linha correspondente às localidades. Assim, o navegante faz do rio seu lugar, re-significa no momento em que incorpora a este elemento uma forma que não é mais a sua própria, dotando-o de valores afetivos, sentindo saudades, e ao conhecê-lo pelo movimento das águas faz dele um espaço de vivência.

Os moradores estão vivenciando um conflito com o IBAMA em virtude da proibição da caça. Nas narrativas e mesmo em conversas informais com os moradores, esta instituição está proibindo qualquer tipo de caça o que está deixando os moradores irritados, pois comer carne de caça ainda é um costume do grupo.

Essa negociação do IBAMA com os moradores ainda está em andamento. Os caçadores dizem caçar somente para consumo, e nem assim o IBAMA permite, diante desta dialética, essa relação ainda não está definida.

Na Vila de Calama, podemos identificar relações espaciais definidas. Destacamos como exemplo aquelas entre as pessoas de religiões diferentes, funcionários da Prefeitura e os outros do Estado, entre funcionários de instituições governamentais como o IBAMA e os caçadores e pescadores e outras, são essas relações que mantêm a dinâmica da vida no grupo e, logo estão em constantes mudanças criando novas representações, re-significando atitudes do cotidiano e consequentemente influenciando na organização do modo de vida e cultura do grupo.

2. Teotônio

O povoado da Cachoeira de Teotônio está localizado na margem direita do rio Madeira em frente às fortes e acentuadas corredeiras da cachoeira em virtude dos turbilhões e redemoinhos neste ponto do rio, apresentando grande concentração de mata do lado oposto ao rio e a organização das casas seguem a linearidade deste elemento da natureza, conforme mostra a imagem abaixo,

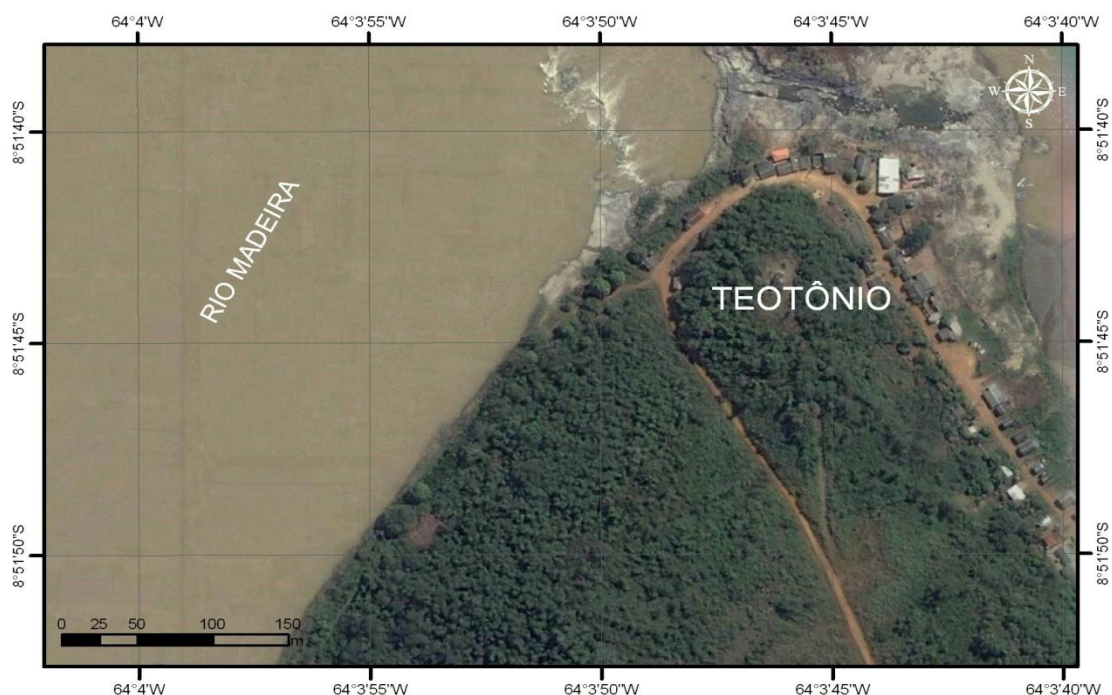


Fig. 04: Imagem de Teotônio

Fonte: Google Earth, acesso em 02/06/2009.

Organizado por Marcela Arantes e Josué da Costa.

O povoado faz parte da zona rural do município de Porto Velho, possui cerca de 60 (sessenta) famílias, predominantemente pescadores que pescam tanto para comercializar quanto para o consumo familiar.

Não apresenta saneamento básico e nem água tratada para o consumo dos moradores, dependem da água da “bica d’água”, uma nascente que oferece água limpa. Os moradores abastecem baldes com água e levam para as casas, ou de poços d’água cavados próximos as casas.

Conta com um pequeno comércio de mercadinhos com produtos industrializados – leite, enlatados, bolachas - e restaurantes para visitantes, pois é comum algumas pessoas saírem de Porto Velho para almoçar em Teotônio e outras que vão com a intenção de pescar e almoçam no local.

Os moradores residem em casas construídas sobre palafitas, evitando, assim, alagamento na época da cheia ou mesmo que sejam arrastadas pela correnteza do rio. São feitas de madeira, não há cercas entre as casas e são bem próximas uma das outras.

Os pescadores estão enfrentando um confronto com o IBAMA, em virtude da proibição total da pesca, a instituição governamental considera a pesca predatória contradizendo os moradores que alegam pescar somente o permitido e no período propício a pesca, respeitando a desova dos peixes.

Deste confronto, a instituição governamental está em vantagem com seus postos de fiscalização presente no local e ameaça de punição, entre multas e prisões para aqueles que não obedecerem. Diante disso, está sendo forçada uma re-organização nas relações espaciais dos moradores com seu lugar, considerando que todos pescam, pelo menos, para o consumo.

Um povoado com acesso por ônibus coletivo de linha rural, com ponto de entrada e saída de passageiro próximo à rodoviária da cidade de Porto Velho, foi neste ônibus que fomos ao povoado durante a realização do trabalho de campo.

Há Escola Municipalizada de Ensino Fundamental Antônio Augusto Vasconcelos, com 6 professores e 262²¹ alunos, distribuídos nos dois turnos, sendo do 1º ao 5º ano pela manhã e do 6º ao 9º pela tarde, uma sala de cada turma. Em frente a escola há um campo de futebol, onde os professores realizam as atividades de educação física com seus alunos.

Hoje a escola é beneficiada por quatro programas entre o governo municipal e governo federal²² o Programa de Assistência e Fortalecimento as Escolas Municipais (PROAFEM); o Programa dinheiro Direto na Escola (PDDE); o Programa Municipal de Alimentação Escolar (PMAE); o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), os quais têm contribuído para melhoria do processo de aprendizado. Os alunos queixam da falta de professores principalmente de matemática, gostam da merenda e têm a lancha escola, que busca alunos de localidades próximas.

Com a implantação dos programas governamentais, a educação tem melhorado e a evasão diminuído. Todo o Estado de Rondônia convive com a escassez de professor da área de exatas, este é um problema que os alunos enfrentam. Por ser um povoado de fácil acesso, os professores que compõem o corpo docente da escola são moradores de Porto Velho. Considerando Sousa (2009) há um intercâmbio de conhecimento saberes específicos que a cultura dos livros não abordam.

²¹ Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação, em agosto/2009

²² Informação obtida na Secretaria Municipal de Educação e na secretaria da escola, em agosto e outubro/2009

Por estar próxima de Porto Velho e ter ônibus coletivo, os moradores procuram o posto de saúde, pois sabem que diante de qualquer situação que inspire maiores cuidados a auxiliar de enfermagem os orientam e encaminham para posto de saúde em Porto Velho.

Os narradores gostariam que a saúde fosse de melhor qualidade, mas não reclamam quando se dirigem para Porto Velho. Apesar de todo o trabalho feito de conscientização, a malária, segundo os narradores, ainda é uma das doenças que contagia deixando muitos moradores, quer adulto ou criança, impossibilitado dos afazeres cotidianos. O posto de saúde é pequeno e conta com uma auxiliar de enfermagem.

Ao caminhar pelo povoado da Cachoeira do Teotônio foi possível observar que a organização das casas e do comércio parece uma linha única e organizada a margem do rio, uma comunidade com uma rua de cascalho, crianças brincando por toda parte, de um lado a presença do rio, do outro, a mata.

Chamou-nos a atenção a ausência de igrejas de qualquer religião, o que não significa falta de religiosidade no grupo, tanto que podemos identificar dentro das residências lugares onde ficam imagens de santos e santas correspondentes à Igreja Católica, e mesmo na fala dos moradores durante as conversas percebemos o quanto eles agradecem e pedem a Jesus Cristo principalmente boa pescaria e educação.

Historicamente, Teotônio apresenta seu início em 1759 quando o conde Rolim de Moura ordenou ao juiz de fora Teotônio Gusmão a fundação do povoado de Nossa Senhora da Boa Viagem do Salto Grande, que mais tarde viria a ser chamada Cachoeira do Teotônio (SILVA, 1999). Esse interesse pela localidade está no fato de ser possível construir uma base de fiscalização para evitar o desvio de outro das minas dos vales do Guaporé e Madeira-Mamoré.

Esse ponto de fiscalização foi possível por causa da topografia da região, não há como navegar pelas corredeiras do Rio Madeira, então, os barcos eram obrigados a fazer uma espécie de baldeação, retirar os produtos e passageiros transportando por terra até a outra embarcação depois das corredeiras, com isto facilitava a fiscalização na região.

Nas proximidades do Povoado da Cachoeira de Teotônio existem locais denominados de *Igarapé do Macaco*, *Jatuarana* e *Amazonas*. As pessoas que

residem nestes locais frequentam e compartilham o cotidiano de Teotônio, escolas, mercados e posto de saúde.

É um lugar de fácil acesso, com grande movimento de pessoas para visitar. Uma comunidade que deixará de existir em virtude das construções das Usinas Hidrelétricas de FURNAS²³, no local será o reservatório de água. As famílias são unânimes em afirmar que estão saindo contra a vontade e que permanecerão às margens do Rio Madeira.

Podemos observar que uma das características do modo de vida dos moradores do povoado da Cachoeira do Teotônio é a relação que estes apresentam principalmente com o rio, identificamos, por meio da observação, uma afetividade para com este elemento da natureza que faz parte do lugar vivido. A relação que estabelecem com este elemento está marcada pela subjetividade, para os pescadores, o rio traz o peixe que é o principal alimento, a paz, a saúde, e experiências vividas, e o lugar ganha o sentimento de gostar e de gratidão.

3. São Sebastião

A localidade ribeirinha de São Sebastião está situada no município de Porto Velho/RO. Localizada a margem esquerda do Rio Madeira, fica em frente ao complexo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

A localidade passou a existir oficialmente em 11 de novembro de 1919, quando o governo do estado do Amazonas concedeu as terras ao primeiro proprietário, senhor Dantas Paraguassu, passando por vários donos até chegar às mãos do vigário geral Pe. Francisco Fabbri²⁴, que adquiriu a área em 20 de novembro de 1943. Antes de se chamar São Sebastião, a comunidade recebeu os seguintes nomes: Andaraí, Montevideu e São Francisco, em 1945 foi oficializado o nome de São Sebastião.

²³ FURNAS – Centrais Elétricas S.A - é uma Empresa Subsidiária da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. - Eletrobrás, vinculada ao Ministério de Minas e Energia e controlada pela Eletrobrás. Responsável pela construção e permanência de Usinas Hidrelétricas por todo o país (Fonte: Site de Furnas - www.furnas.com.br).

²⁴ Representante da Arquidiocese da Prelazia Apostólica do Município de Porto- Velho na época. Informações obtidas na Arquidiocese da cidade de Porto Velho, em agosto/2009

Com o fim do segundo ciclo da borracha a população trabalhadora proveniente dos seringais Boa Hora, Pombal, São Carlos, e outros, fixou-se na área e desenvolveu uma agricultura de subsistência juntamente com a caça, a pesca e o extrativismo vegetal (NASCIMENTO SILVA, 2000). Neste período, várias famílias de soldados da borracha se fixaram às margens do rio Madeira e no interior da comunidade. Atualmente, o grupo é composto por 44 (quarenta e quatro) famílias.

Hoje, existem funcionários públicos, principalmente da Secretaria Municipal de Saúde e Educação que dividem espaço com os agricultores. A pesca em São Sebastião está mais voltada para o consumo familiar, haja vista a escassez do pescado para ser comercializado, conforme alegam os moradores quando comparam com anos anteriores.

Na imagem ilustrativa, abaixo, da localidade de São Sebastião de hoje percebemos as casas alinhadas à margem do rio e ainda a presença da mata próxima às casas. Situação que favorece a criação de representações culturais que demonstram o envolvimento do ribeirinho com estes elementos.



Fig. 05: Imagem de São Sebastião

Fonte: Google Earth, acesso em 02/06/2009.

Organizado por Marcela Arantes e Josué da Costa.

O ir e vir à localidade é possível cruzando o rio Madeira de lancha, rabeta²⁵, voadeira²⁶ ou canoa, cujas saídas são dos portos localizados no bairro Cai N'água e Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Em nossa avaliação o porto do Cai N'água é o de mais fácil acesso.

Na localidade, após conversar com os moradores, identificamos uma Associação chamada de Produtores Rurais União e Força, que segundo os mesmos foi criada em 24 de setembro de 2000, a qual apresenta como principal objetivo ajudar, manter e fortalecer a agricultura, assim, pela associação os moradores podem se organizar para buscar convênios para obtenção de recursos instrumentais e financeiros.

O local da associação está do lado esquerdo da localidade tendo como referência a igreja católica. Um local onde os pescadores e agricultores se fazem presentes para as reuniões e socialização entre o grupo.

A religiosidade está presente no grupo desde o nome que homenageia São Sebastião, aos festejos para os santos e a presença de santuários nas casas, conforme podemos observar durante a realização do trabalho de campo. Ao chegarmos na localidade, encontramos uma igreja católica construída em alvenaria, dedicada ao santo padroeiro do lugar. É nessa igreja que os moradores, principalmente, os mais idosos, assistem às missas que são celebradas todos os domingos e uma vez por mês por um padre da arquidiocese de Porto Velho.

Na localidade há um posto de saúde que somente é aberto de quinze em quinze dias, onde os moradores são atendidos por clínico geral, dentista, ginecologista e biomédico. Casos de urgência ou emergência são encaminhados para a cidade de Porto Velho/RO.

Quanto à educação, existe a escola municipalizada Domingos Sávio²⁷ é a única que atende à comunidade. Ela foi criada pelo decreto nº 839 de 15/07/1997 como uma das escolas multigraduadas pertencente ao município de Porto Velho ao longo do Rio Madeira, com o decreto de denominação nº 7.930/2000, com alteração

²⁵ Embarcação tipo canoa, de madeira ou alumínio, movida a motor de baixa potência, entre 3,5 e 15 HP, em cujo motor é acoplado um sistema de hélice chamada rabeta, devido ao seu longo comprimento; utilizada como transporte dos ribeirinhos.

²⁶ Embarcação rápida, tipo canoa, geralmente em alumínio, ou ainda tipo lancha, equipada com motor de popa, de 10 a 60 HP, muito utilizada nos rios amazônicos para deslocamentos ou passeios.

²⁷ Durante a pesquisa, anos 2008 e 2009, a Escola tinha o nome apresentado na dissertação. Porém, considerando as mudanças das relações espaciais atualmente, no ano de 2010 a mesma mudou de local e nome passando a ser chamada de Escola Municipal Engenho do Madeira, construída pelas Centrais Elétricas S.A – FURNAS. (Informação obtida pela professora da Escola na época da pesquisa e funcionários da Secretaria Municipal de Educação).

do decreto nº 8.686 de 05/07/2002, onde a escola passou a ser responsabilidade da prefeitura, antes era uma Escola Estadual, passando a ser a Escola Municipalizada de Ensino Fundamental “Domingos Sávio”.

No ano de realização da pesquisa, havia na escola cerca de 26²⁸ alunos matriculados, cuja faixa etária varia de 6 a 14 anos, distribuídos em dois turnos, em classes multisseriadas da alfabetização, 1ª e 2ª, e da 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Por ser uma localidade com poucos moradores, o número de crianças que frequentam a escola é pequena, a sala de aula, por ser multisseriada, deixa a professora envolvida em desenvolver várias tarefas ao mesmo tempo.

Sabemos que uma sala onde tem alunos com saberes diferenciados torna-se difícil haver um bom aproveitamento. Na escola, há apenas uma professora que também é a diretora e uma zeladora que inclusive desenvolve as funções de merendeira.

Nesta localidade tem o festejo²⁹ de São Sebastião, este, acontece no mês de janeiro. Durante uma semana, os moradores se encontram para a preparação do mastro, bem como a construção de barracas para a venda de comidas. Iniciando o festejo dia 10 de janeiro e terminando no dia 20, com a procissão da imagem do santo padroeiro, que é carregada pelos moradores pela localidade, retornando à igreja onde é celebrada a última missa de novena. Logo após, inicia derrubada do mastro para ver quem consegue tirar a bandeira do mastro; aquele que conseguir pegá-la, ficará responsável de sua realização no ano seguinte.

O festejo proporciona o encontro de famílias tanto da localidade como de outras localidades ribeirinhas e da zona urbana de Porto-Velho. São organizadas quermesses para a venda de bebidas e comidas típicas, por isso são construídas barracas de palha pelos moradores/participantes do festejo, há leilões de comidas durante as noites do festejo, cuja renda é repartida entre os organizadores e aqueles responsáveis pela conservação da igreja.

Além da religiosidade presente no festejo, encontramos, durante as noites de realização um campeonato de futebol entre os times da localidade e de outras localidades. Esses campeonatos de futebol organizados pelos grupos ribeirinhos são muito comum, estão sempre ocorrendo, a divulgação ocorre dentro dos próprios

²⁸ Dados da Secretaria Municipal de Educação – SEMED em agosto/2009.

²⁹ Esse festejo se iniciou há quinze anos, devido a uma promessa da moradora dona Sebastiana Maia.

barcos de viagens, seja por meio de papéis expostos nas embarcações ou boca à boca, onde um informa para o outro e desse diálogo inicia-se a formação dos times.

As casas são de madeira e pequenas, construídas a margem do rio, considerando que a comunidade tem um igaparé que a divide podemos observar que há mais casas do lado onde fica a igreja. O banheiro e a cozinha ficam do lado de fora, interessante notar que na cozinha há sempre uma espécie de mesa, onde colocam-se os peixes para serem tratados.

CAPÍTULO V: AS NARRATIVAS O ESPELHO DA VIDA RIBEIRINHA

M. R. D. S

Idade: 83 - Feminino Natural de Manicoré/AM Ano da Entrevista: 2009 Localidade: Cachoeira do Teotônio – Porto Velho/RO
--

1. Minha família era meu pai... minha mãe... minha irmã... meu irmão e eu... nós morava lá no Amazonas bem na beira do rio Manicoré antes de completar quatro anos minha mãe morreu e nesse tempo vinha aquele barco que era aqueles navios à lenha... meu pai era um dos fiscais da embarcação... quando completei quatro anos meu pai deu um filho chamado Antonio que foi pra Belém... depois foi eu mais a outra chamada Izabel... nós duas fomos pra Belém não sei quantos anos passamos lá eu era muito novinha não me lembro...
2. Tentei voltar para onde meu pai morava em Barreira de Manicoré, mas não nos acostumamos mais...fiquei de casa em casa...jogada pra cá e pra lá... mas foi quando minha irmã Izabel casou... ela então mandou buscar nós largamos pai e viemos...
3. Cheguei aqui já tava com idade de nove anos e já tinha andado por esse mundo todo... foi quando minha irmã mais velha casou e veio pra Cachoeira e mandou busca nós... eles moravam na entrada da comunidade... o comérciuzinho deles até hoje a casa tá lá é onde tá a casa da minha filha mais velha ... nós trabalhamos muito... muito mesmo e era na fatura... minha irmã e meu cunhado trabalhava muito e nós ajudava também...
4. Já passei muita fome... passei muita fome no barco... muita fome... foi muito sofrido e hoje em dia eu não gosto de vê sofrimento e nem de vê a pessoa com fome e nem gosto de falar disso... falou em comida comigo já posso ir embora...é muito triste dormir com a barriga roncando, por causa disso quando cheguei aqui não tive preguiça foi só trabalho...

5. Meu cunhado... naquele tempo era muito trabalhador... muito trabalhador... tinha um pedaço de terra onde plantava bananal de mil pé de banana e quatorze mil copa de cana e tem também a praia que no dia primeiro de maio plantava com latinha... melancia... macaxeira e o feijão... só não plantava cateto de cebola... tinha que ser no dia primeiro, pois assim todas as sementes plantada vingava e formava aquele tanto de plantio e isso era sinal de muita colheita...
6. Era tudo plantado na praia... plantava até no verão fazia o quadro e nós plantava naquele barro... nós misturava pau podre e florava... na época era bom agora não presta não... dê um pedaço de terra pra pessoa que tem vontade de trabalhá e um pedaço de terra bom pra vê se em todo canto dá de primeiro isso...os anos foram passando e a colheita foi ficando cada ano mais fraca...foi dando pouco...pouco até a gente largá pra lá e num plantá mais...
7. Esse mato que você está vendo aí era desde de ali assim até girá a ponta só era o feijoal só era dali de dentro do padre Moacir o seu Raimundo Araújo... o seu Mineiro... o seu Sabá... seu Manel cunhado dele... seu Gabriel e Raimundo Moreira esses três família plantava... só tinha divisa as varas... emendava tudo...aí... vinha nós plantava... nós plantava pouco... nós comia muito plantava três quatro muda de tudo que plantava dava... mas a trabalhadeira era tanto que nós não dava conta de tirar o feijão e nem bater... nós colhia apanhava e botava a lona grande na praia em cima da areia ia apanhando e ia jogando lá... aí quando era de tarde nós vinha ponhava no quarto... tinha um quarto reservado só para isso fica até no teto de feijão nós não dava conta era para vender... nós tinha melancia a banana não faltava mesmo era sustento que não faltava... aí quando terminava isso tudo partia pra cana início de setembro nós partia pra cana era o mês todinho fazendo mel e rapadura... mel e rapadura... ia tudo pra Porto Velho quando terminava o corte da cana nós partia para roça tira a mandioca pra fazer farinha era o ano inteiro esta luta... mas tinha lancha do governo que vinha uma semana ela vinha por esse lado outra semana vinha pelo outro lado desse lado ia até o teto de farinha... nós ficava esperando a lancha do governo chegar pra levá a farinha era toda vendida... não dava pra quem queria... essa época era boa

demais aqui nessa cachoeira tudo que plantava dava... e dava com fartura hooo!!! cachoeira abençoada.

8. Já produziu muito essa cachoeira... muito... e agora não produz mais não... agora só é pesca mesmo e ainda tinha o fabrico do peixe naquela época dava muito peixe... o peixe era no mês de novembro calhava nesse mundo... aí nós ficava na expectativa...dormia para ver se o peixe vinha... quando dava cinco horas o marido dela o meu cunhado batia na porta e dizia assim:
9. - Levanta e chama as meninas que deu muito peixe essa noite a mais...
10. Para nós era a maior diversão... pulava de fora já tava com faquinha e tudo já arrumava tudo já ia embora pé na estrada olha o monte de peixe... nós só fazia limpar... já tinha a pedra suficiente pra salgar... botava ali quando tinha muito peixe quando ele vinha pra cá já pegava o sal e já espalhava na pedra pra secar... o dia todinho nós virando aquele peixe...nessa pedra aí nós secava ele todo dia... todo dia...o sol ajudava muito depois do peixe todo seco acabou o fabrico do peixe aí ele pegava carregava daqui para lá a cozinha dele era assoalhada em cima pegava folha de banana folha de imbaúba forrava e jogava o peixe todinho peixe salgado novembro... dezembro pra vender na semana santa... era sim senhora... eles vendia era por arroba fazia o pacotinho aí vendia... é muita coisa muita fartura mesmo e hoje em dia o que eu já vi de fartura não vou ver mais não... agora nem peixe tem pra enchê as pedras...
11. Hoje eu tenho sessenta e oito ano eu morei aqui digamos que eu cheguei com dez anos... passei onze... passei doze... passei treze... passei quatorze e... com quinze beirando... os dezesseis completo eu casei... não aguentei mais trabalhar... cansei mesmo...vivi nessa lida muitos anos... era tudo serviço de trabalhar muito com as forças do corpo...
12. Casei... ele morava aí pra baixo de Porto Velho... muito abaixo mesmo... fomos pra lá construir nossa família... nessa arrumação... mudou o esquema de trabalho e até hoje amaldiçoo o trabalho que eu fiz quando casada... trabalhei no tabaco não gosto...tabaco não é coisa de Deus... provoca muita doença ruim... mas dava muito dinheiro... depois de casada trabalhei com tabaco mesmo com roça milho feijão sempre... mas o que trabalhei de

diferente foi o tabaco e a juta trabalhei até com juta... Você sabe o que é juta?...

13. Juta é uma vara que faz o plantio dela no campo... aí ela já tá boa... tá dessa grossura... aí sai cortando é uma vara sem galho ela faz o espeto e joga dentro d'água é pra fazer a fibra e faz saco... nós passava o dia todinho molhando e lavando a juta... quando ela vem de lá vem ela que é uma seda... parecendo o cabelo dessa mulher loirinha... tudo isso já fiz na minha vida...cuidando da juta vivia muito molhada... já trabalhei muito...
14. Moramos uns anos num lugar chamado São José e esse meu filho que veio aqui é o mais novo quando saímos ele tava com dez anos só fizemos cruzar o rio e moramos no Papagaio... lá nós moramos outro tempo... aí fomos para Calama tinha mais estudo pra ele... ele terminou... os outro não terminaram porque não quiseram... mas oportunidade tiveram só esse que mora ali não teve oportunidade se ele dizer que não levou o estudo adiante foi porque nós não tivemos condição... aí depois disso nós voltamos pra cá não quis terminar o segundo grau lá... aí viemos para cá... morei dois ano em Porto Velho depois viemos pra cá...a cachoeira... eu gosto daqui... não sei porque dos canto que eu morei e me lembro mais um eu me lembro por me lembrar mas não tenho mais nada... lá é Belém... é já cruzei muito rio... já vivi perambulando nesse mundo de meu Deus tentando a sorte...
15. Eu sou a pessoa mais velha daqui de idade... aqui só é o Pedro que é meu genro que nasceu e se criou aqui já tá com 41... a Paula dali que nasceu e se criou e o Manoel... é só... dessa segunda vez que eu voltei... tem 21 ano... aqui na cachoeira não tem novidade depois que nós voltamos porque o povo antigo não quer vir de volta... tem mais gente a comunidade tá maior... mas tem mais desunião do que naquela época que tinha menos pessoa... naquela época todo mundo ajudava e conversava... ninguém queria o que era do outro... agora o povo esconde o que tem e nem acha fácil ajuda...
16. Dali da escola pra lá até na mina você olhava assim... podia olhar era mais da metade de café só era um cafezal... era sítio mesmo muita plantação... agora pra cá... ali pra cima tinha gado... criação de gado... de vez enquanto eles soltava e daquele jambeiro pra lá era pasto de gado... o pasto era lá embaixo... o rio já levou uma parte como daqui naquele casarão... o Madeira

veio e já comeu tudo... tinha plantação de tudo... era mangueira... era laranja... era até pimenta do reino... tinha canela... tudo tinha... o rio já levou tudo... e do povo que tinha muitos já morreu... já morreu quase tudo... fico com saudade do povo que foi... das pessoas na beira do rio e nas portas das casas... mas agora até nossa cachoeira eles querem levar da gente... pois só vai tirando nossas terras...por isso muita gente já foi se embora... quase todo mundo pra Porto Velho...mas aqui é tão bão... queria que meus netos e bisnetos e todos os mais vivessem tudo aqui e também mais o povo tudo pois é rio e é mata que Deus deu pra nós...

17. Na época mesmo tinha muito peixe e pouca perseguição era mais no trabalho... o barco saia daqui cheio até a tala de farinha e a melancia do meu cunhado não ia em barco do governo não... ia num antigo de batelão era maior do que uma canoa ele levava milho e melancia... hoje só do peixe... você pode inventar tudo na vida aqui... mas não vai pra frente... só peixe... o nosso rio Madeira não quer ficar sem mata... por isso ele traz o peixe... a gente pesca come e o que sobra vende e compra as outras coisinhas...
18. Tem Furnas ela já deu fruta e deu material pra fazer bio-jóias deu pra as mulher e homem que quisesse participar... nossa jóia foi uma vez para São Paulo outra vez para o Rio e essa mulher não quiseram... mas não quiseram não fizeram mesmo abandonaram só terminou comigo a Ivonete que é dona dessa padaria e a outra Raimunda... eu disse que ia saí... eu estava me sentindo ruim... estava prendendo minha cabeça... meu cérebro... a professora disse:
19. - A senhora não vai mais passar na lixadeira a senhora vai fazer manual mesmo... só que eu não queria mais mesmo... depois de ter tanta gente boa... elas não querem... mas não querem mesmo... só tem uma que leva a sério é a Vânia... é uma casa de alvenaria ali debaixo aquela ali... vive de tudo ela agora trabalha no colégio ela pesca ela faz crochê tapete de crochê ela pinta guardanapo e vem de encomenda para ela... ela faz tudo... a Vânia não perde parada... mas as outra não de jeito nenhum... é só do peixe... quando não tá vendo ninguém aqui é que tão tudo descendo... pode procurar homem e mulher menino e tudo menino não passa de ano os menino e nem menina... aí tá repetente... dois ano no primeiro ano do segundo grau no Major

Guapindaia... o governo manda buscar aqui e tem gente que não se interesse em estudar e muito menos os pais daqui... que eu sei que terminou foi a filha do Carlão que é a Gigliane a minha neta essa quer fazer Medicina e é só... mas o resto reprova... e o colégio lá é bom na hora certa vem buscar e vem deixar não pode falar desse governo... antes é muito sacrifício tinha gente que andava dois quilômetros... era ali no Murilo no verão tinha o sol... no inverno a chuva mas tinha que ir também e ninguém tinha apoio de governo e muito menos do município... eles estudavam e todo dia sete de setembro tinha que desfilar... nós que chiava com tudo de primeiro... não tinha ajuda de nada... hoje não... hoje tem o prefeito dá de tudo... ainda não ouvi dizer que deu calçado mas a farda o negócio de material escolar... vem pegar de voadeira e quando tem reunião tem gente que remoi porque tem certas mães que não vem nem na escola saber como é o comportamento do filho... aí fala: “- Por que que a professora fez isso com meu filho... por que meu Deus do céu...” É gente pra falar e pra reclamar... naquela época que cheguei aqui eu ainda menina era só trabalhar e trabalhar não tinha escola, hoje tem tudo e bem arrumado e o povo tá aí tudo reclamando...

20. Meus filhos nasceram e se criaram na beira do rio pescador só é o pai do Marcelo... tem um professor outro trabalhou no garimpo se envolveu com muito dinheiro esse depois do garimpo que ele foi terminar o estudo foi... foi... e esse daí quando os pai dele morreu o irmão do meu velho ele tava com dez anos... aí foi morar com nós igual o Rafael tá aqui com doze anos um dia desse eu disse: “olha Rafael o Mariano foi o filho que eu não tive quando chegou com nós tava com dez anos mas ele me ajudou muito na criação dos meus filhos ele sendo o mais velho ele me ajudava muito”... esse daí só não lava roupa mas no final de semana ele dizia:
21. - Tia vou lhe ajudar...
22. E ajudava ele botava roupa na pedra... ele varria terreiro... ele fazia tudo e é o único que não esquece de vez enquanto ele fala... era menino trabalhador, até hoje ele trabalha e é muito obediente, nunca ficou com preguiça...
23. Nós foi pra lugarzinho perto de Calama foi lá que eu tive meus filhos só a última que eu me senti doente e vim me tratar e os médicos disseram que eu não podia ter mais filhos ela poderia ser a última... aí eu passei uns três mês

me tratando vinha em casa só vê meus meninos toda inchada...fiquei muito doente... aí a doutora me chamou e disse:

24. - Você está com a vida na palma da mão... você tem que ter muita fé... nós não vamos operar... não vamos fazer cesárea arriscando sua vida vamos fazer o parto normal daqui quarenta dias nós opera...
25. Todo mundo dizia que não iam fazer a cesárea... eu tive ela normal e com quarenta dias me operaram... criei esses filhos não sei nem como foi assim... eu digo para as pessoas não é água tratada pois eu criei meus filhos bebendo essa água usando... pra tudo era bebendo... tomar banho e não tenho nenhum aleijado... só de feiúra... não tenho não... e não eram doentio não... criei meus filhos nesse rio... já te falei que o Madeira dá tudo pra nós... é para ninguém sair daqui da sua beira... a água dele que criou meus fios...
26. Essa cachoeira tem de tudo... tem muita história... eu nunca ouvi minha irmã ouviu... ela chorava... chorava... chorava... quando ela ouvia... passava da meia noite e a cachoeira estronda... o ano que ela estronda ia morrer gente... é por isso que ela chorava...olha... minha irmã era gente honrada, e não era só ela que escutava, muita gente já ouviu a cachoeira estrondar.
27. Qualquer pessoa morre... muita pessoa que vem de fora porque não sabe e é teimoso às vezes eles estão por lá... a gente diz:
28. - Rapaz você não vai pra aí... vai morrer...
29. Esse meu genro tem escutado muita gente... quando ela vem ela desce os peixe e fica pulando em cima da pedra eles não sabem aí quando ela vem de novo aí ela leva tudo... peixe e gente eles acham que nós é bobo porque nunca estudamos e nem sabemos falar direito...quando meus meninos eram pequenos a vida era tranquila eles brincavam com as outras crianças... ajudava nas plantação e tratava os peixes... quase não vinha médico nem enfermeiras por aqui e nós ia vivendo e nem adoecia...curava dor de barriga...dor de cabeça e estando ruim faz chá das folhas aí da mata mesmo e tinha uma mulher que benzia nós tudo e as dores ia passando... era muito difícil pra ir pra Porto Velho... e olha você já viu meus filhos... tá tudo grande e forte já me deu até meus netos... essa cachoeira não gosta de quem acha que sabe mais do que ela... por isso se vem aqui e fica de zombaria com ela pode saber que ela dá o troco... mas quem respeita pode banhá e beber...e

pescar que não acontece nada. suas pedras serve pra todo mundo descansar, lavá as roupas e segurar para banhar...eu que vivi e vivo aqui muitos anos já vi muita coisa já vi muito dinheiro... muito ouro... muita morte...na época do garimpo isso aqui ficava tudo claro de noite de tanta draga que boiava nesse rio e o povo trabalhava... por isso a cachoeira chora e estronda ela avisa quando vai acontecer alguma coisa ruim... mas a gente ainda teima...o choro da cachoeira parece com de uma criança quando tem fome e não sente a mãe...seu estrondo é muito forte parece até com muitos tiros juntos ou então igual a muitos foguetes.ela estronda avisando que a morte estão rondando e ela vai ficar sem um dos seus moradores .por isso chora pois a cachoeira sabe que nós tá aqui porque gostamos muito dela...

30. Outra história assim... o que tinha... mas já acabou... era aquele bicho que chama MATINTA que... meu Deus do céu... tinha um que o pessoal dizia que quando estava na beira da praia que escutava ele assobiar podia puxar sua rede e ir embora porque ia apanhar se ele encontrasse...quem tava pronto pra pesca, largava a pesca e vinha se embora pois sabia que o MATINTA não perdoava ninguém ele era o protetor dos peixes, e não queria que os peixes acabava, então não deixava os pescadores pegar e todo mundo sabia que se assobiar tem que vir embora... aí quando foi um dia desse um homem um baiano disseram pra ele:
31. - Rapaz tu vai pescar se tu escutar aquele bicho assobiar... tu vem te embora...
32. Ele disse:
33. - Eu quero é vê esse bicho me bater...
34. Rapaz é a coisa mais feia que acontece com a gente e a gente não vê... só sente o vento... ele foi nessa praia que fica bonita no verão ele chegou lá... o bicho assobiou... ele disse:
35. - Lá vem... quem for vem... lá vem... lá vem... lá vem...
36. Deu aquele vento... quando ele foi puxar a linha já era tarde demais... pegou uma peia que ficou doente... ele não fez nada... só via o vento... só o vento... nunca mais ouvi nada... mas que tinha... tinha... tinha mesmo...
37. Nós morava aí embaixo e tinha um igarapé pra buscá água... só que nós não ia só... nós ia de duas três... nós era cinco com a nossa irmã dona de casa...

ficou só nós duas já era bem umas cinco horas... aí fomo buscar água e tinha no meio do caminho caído um pau bem grande... aí a gente arrudiava o toco... quando não a gente arriava lá e passava por cima dele mas não queria passar ali arrudiava... aí um dia... quando nós arrudiava veio aquele negócio entre nós mesmo... aquele assobio... aí corremos deixamos tudo lá e fomos embora... era desse jeito... era mesmo... eu não sei o que foi que aconteceu que acabou... acabou mesmo...

38. Acabou mesmo... tem 21 anos que eu voltei nunca mais eu vi... nunca mais...
39. Tem agora... não tem mais não... uma COBRA... ali na cachoeira do macaco... de oito horas da noite em diante não desse de canoa fazendo zuada porque... se desce podia se aprontar que ela botava pra comer ela... botava na canoa... um dia meu cunhado vinha subindo com mais dois... ele dizia assim:
40. Vamos chegar em casa hoje... do macaco pra lá é umas três horas...
41. Ele disse:
42. - Oh Severino o senhor pare de bater na beira da canoa porque a COBRA tá pra boiar...
43. Ainda bem que eles vinham e já tinham passado a pedra... estava na praia e o Severino olhou e disse:
44. - Luca pelo amor de Deus olha ali no meio do rio...
45. Diz que vieram agoniado... aí... Luca disse:
46. - Parece um barco compadre Severino... pelo amor de Deus pule em terra e pega o cabo da canoa é a COBRA...
47. Ela sentou a canoa... vinha cheia de mercadoria... o compadre deixou lá no meio da praia e lá eles amanheceram... agora ela não senta de uma vez... senta um pedaço... bóia pra lá outro... senta pra lá... senta mais um pedacinho....
48. É... se eu não me engano ano passado ela botou pra cima do Tião vinha com seis alunos... e não teve besteira porque abaixo de Deus é o Tião na terra... pode acontecer alguma coisa com ele se tiver que acontecer mesmo... mas que ele é rápido ele é.... Tião tem coragem e é rápido...
49. No igarapé tinha de primeiro o poço da COBRA... muito tempo... é um paredão assim... no verão aqui fica ruim de peixe... aí nós ia com eles fazer

batção do igarapé... aí quando chegava perto do poço da cobra eles dizia assim:

50. - Olha vocês vai com calma não faz zuada mais alta do que isso por causa da COBRA...
51. nós ficava lá em cima e olhava a água... aí quando foi um dia meu cunhado foi... nós fomos...
52. Ele disse:
53. - Eu vou mostrar uma coisa pra vocês que vocês não sabem ali naquele pau é o buraco...
54. Estava desse tamanho assim na raiz do pau... ela tinha atacado de noite tava tão apertada que tava a marca na arranhada no pau... ela é a moradora daqui... aí ele disse assim:
55. - Filho... eu vou matar ELA vou quebrar um bocado de garrafa e vou jogar tudo..." mas... aí nunca mais nós vai beber água nós pega água do igarapé... ele fez com certeza... ela saiu de lá porque quando a boca do igarapé era assim em cima ela fez a morada dela na samomera você sabe o que é samomera? É um pau grande... muito grande mesmo... muito mesmo... tinha perto da beira do igarapé... chega ela acabou ficou até na metade... quando ELA vinha ela boiava...
56. Quando foi um tempo a vó da Paula que criava os netos... era dois neto... tudo já homão... aí Semana Santa ela disse assim:
57. - Antonio tira a sua espera da água que nós ainda tá na Semana Santa...
58. Aí ele disse:
59. - Mas vovó nós tem que comer...
60. - Não meu filho você tira quarta feira de tarde e coloca só sábado de manhã...
61. Quando foi quarta feira ele não tirou ele tirou quinta... sexta feira da Semana Santa ele foi e nessa época meu cunhado tinha um motorzinho... aí tava lá no fundo amarrado... aí ele foi colocou a esperadeira... aí veio esperar a hora do peixe... aí quando foi de manhã chegou a menina dali tão triste... o que esta acontecendo... eles disseram

62. - Foi Antonio Carlos que sumiu... que a cuia da canoa estava rodando a tala do cadarço dentro na canoa tudo jogado por cima da água enganchado nas varas e era anzol enganchado...
63. Aí quando foi lá pra três horas lembraram que a dona dali era a finada Marcelina e ela vai descobrir onde esta o corpo com a vela dentro... só a dona Marcelina vieram de lá para cá... aí chegaram falaram assim:
64. - Olha meu filho faz muito tempo que eu não acendo a vela eu tenho um pouco... mas tu leva põe ela dentro da cuia e acende e solta onde estava a cuia ninguém faz esforço pra onde ela for lá ta o corpo...
65. Aí colocaram a vela... a vela rodou... rodou... e foi saindo chegou lá onde ELA tinha cavado a terra no arrozeiro... rodou no igarapé... foi na canoa... aí pegou rodou de novo... aí já sabia que isso foi COBRA que tinha pego e foi embora...
66. A do igarapé da COBRA... o ano passado ELA ia pegando o Justino eles estavam ali na praia... aí o Raimundo foi e falou pra o Tião: "Tu vai e leva a água..." ele foi por dentro não foi pelo caminho da praia e o Tião foi pelo caminho da praia... aí quando suspendeu a vista... olha o bicho como tava de boca aberta no meio do caminho... diz ele que ficou sem ação... aí foi se afastando até que ele pegou um ar... aí foi isso... só isso...
67. Viver na Cachoeira... o dia a gente passa assim... eu não pesco... eu não trabalho mais fora... de manhã eu cuido na cozinha onze e meia meu almoço tá pronto... tanto faz lavando roupa ou não... aí eu almoço vou me deitar um pouco quando me levanto se eu não for fazer um crochê eu vou costurar... só tem a filha que vem aqui passá o dia todinho e eu sempre vou lá na outra Dona Raimunda duas... três vezes eu vou quando tá em casa e não pescando... o rio... gosto... gosto... às vezes eu vou até lá... mas agora não aguento mais não... depois sofro da coluna... pedra no rim e gastrite e ainda mais aquela osteoporose... gosto de pular na água... de primeiro nós pulava demais nesse rio... era uma bênção... não sei porque condenaram a água do rio... não quero sair mas de jeito nenhum... se eu sair daqui é porque vão me tirar...
68. O pessoal de Furnas diz que nos não temos projeto... temos sim só que o projeto que nós fizemos está acima do que nós tem aqui porque nós

queremos tudo melhor e não é em outro canto não... nós queremos aqui em cima da pedra para ficar olhando para o rio o tempo todo... seja lá para onde que for mas eu quero ficar assim olhando o rio... aí eles diz assim:

69. - Mas porque a senhora fala assim...

70. Porque eu gosto daqui... eu criei... e criei meus filhos todo na beira do rio olhando para essa água comendo um peixinho feito na hora pega aí a gente limpa cozinha... frita... assa é muito gostoso... ele não é como na cidade que come... espera descongelar pra ir para o fogão eu gosto daqui... e muito... não quero abandonar... é muito bom tem segurança... graças a Deus nós anoitece e amanhece tranquilo não tem nada que aperreia nós... Graças a Deus nós temos a paz... eu gosto daqui mesmo... eu gosto daqui e gosto do pessoal daqui... eu sou engraçada... né eu morei quinze... faltava sete dias para completar quinze ano... eu morei em Calama...lá nós trabalhava em roça toda vida ele gosta de feijão de praia e nós trabalhando... aí quando dava nós fazia farinha ai fazia farinha de tapioca fazia biju de tapioca goma e vendia era aquela coisa toda iam lá em casa encomendar Dona Maria para aqui dona Maria para acolá e eu não tinha o pessoal gostava da gente depois que eu sai de lá que eu vim observar que o povo dela gostava de nós ate o padre pois é então eu gosto daqui não sei o porquê mas eu gosto daqui...agora minha vida é viver olhando para o rio, não posso sair...porque o pessoal de Furnas num deixa a gente quietinha aqui? nós tá tudo acostumado nessa vidinha de bondade...eu gosto tanto daqui é isso foi aqui que passei minha vida inteira e tudo de bom que a vida me deu foi aqui mesmo....

M. S. P.

Idade: 53 - Feminino Natural de Cruzeiro do Sul/AC Ano da Entrevista: 2009 Localidade: Cachoeira do Teotônio – Porto Velho/RO

1. Nasci e me criei no interior do Acre não era muito longe de Cruzeiro do Sul... minha família era de oito filhos.nós foi crescendo e cada um tomando um rumo na vida... me perdi com um homem lá e fui me embora com ele para Cruzeiro do Sul... fiquei encontrando escondido com esse... que é o pai dos três fios mais velhos... ele era casado... mais ele era bão pra mim... botou um comércio pra mim e eu fui criando meus meninos, mas num deu mais certo então vim me embora...
2. Eu não sei o porquê vim vindo... vim vindo e aqui estou eu e não voltei mais lá tem hora me pego pensando em tudo que deixei pra trás... fico pensando deve de tá todo mundo velho que nem eu... num sei dos meus irmãos... num sei quando meu pai e minha mãe morreu... porque idade pra ter morrido muito deles já tem...
3. As pessoas me pergunta “mas por que aqui?” nem eu sei mas... acho que é destino... tem que ser vim de tão longe pra parar aqui... quando cheguei aqui não foi nada fácil... as famílias que tinha aqui não me aceitavam falavam que eu era mulher de vida fácil... foi difícil é que aqui só era lugar para família... naquela época era poucos os moradores... eles impediam outros que chegavam de fora que quisesse fazer alguma coisa... ficar aqui e trabalhar... parecia ciúmes... então era assim...era discriminado e eles nem olhavam na cara...melhorou muito depois...muito depois ... de lá do interior do Acre pra cá... até chegar aqui nesse lugar... rodei por aí oito anos tive mais quatro filhos... mas com o poder de Deus e Nossa Senhora eu venci e hoje graças a Deus é todo mundo quietinho... mas também ninguém procura briga comigo... pra eu ter minha terra briguei sim... procurei justiça e tudo... mas a justiça resolveu e hoje tenho minhas coisinhas e hoje eu sou feliz sim...
4. Eu fui vindo... vindo... quando cheguei aqui que bati meus olhos nessa maravilha de lugar... lembro muito bem que regacei as mangas da blusa... pisei dentro da água e lavei meu rosto... e foi aí que senti... é assim... aqui dentro... esse é o meu lugar que vivi só... os filhos tudo já correndo e

- brincando... uns já tava era se banhando... esse lugar é mágico e ele tava me chamando pra ficar... agradei a Deus o que via na minha frente era muita água... pra outro lado era só mato quase tudo... até hoje isso aqui é mágico...
5. Mas já te falei todo mundo que morava aqui era família por isso eles ficava tudo encabulado comigo arrastando aquela renca de menino... quando viram que eu era só as mulheres tudo viraram a cara... cuidei logo de me ajeitar procurei um canto... comprei um pedacinho de chão... montei meu comércio... esse mesmo aqui que nós tá... funciona até hoje... é foi tudo aqui nesse mesmo lugar desde o dia que cheguei aqui... finquei aqui e aqui estou até hoje...
 6. É... essa cachoeira já levou nas suas águas muita mas muita lágrima desses olhos aqui... mas eu olhava o lugar o mato a água dava vontade de ir embora mas pensava pra onde e passar por tudo de novo aí eu sentia aqui dentro - Salomé esse é o seu lugar - aí voltava e agarrava duro no trabalho nunca tive preguiça... o povo naquela época num gostava muito de mim... tinha uns que num deixava os filhos brincá com os meus... até parece que meus filhos tinha doença ruim... vê era tudo menino e como que menino não se mistura... eu largava pra lá...
 7. Fui trabalhando e juntando um dinheiro quando deu certo arrumei meu pedaço de terra... o povo tinha inveja achava que eu não podia ser dona de nada pois tinha que ser de homem pra trabalha... foi aí que fiquei forte mesmo... eu tinha que dá conta... então fiz picada pra mata a dentro o que dava pra cortar no tesado ou na foice eu cortei e tirava tudo... fui limpando quando precisava eu dava de a meia...é que aí tinha que ser com moto serra e foi nessa que teve um homem hoje ele mora lá... embaixo... eu largo ele pra lá... que quis tomar minha terra... aí eu briguei feio... não podia deixá isso acontecê pensava no dia da manhã meus filhos e eu também ia precisá... foi ai que briguei... precisou até da justiça.... Mas Deus sabia que eu num tava mentindo e me ajudou e ganhei de volta minha terra...
 8. Agora é que é triste de pensar que todo mundo vai ter que sair daqui de qualquer jeito... eu não sei para onde vou e nem sei até onde a água vem... falam que eles vão pagar indenização... eu quero indenização... mas se der pra eu ficar quero ficar... eu gostaria que isso acontecesse se não der aí... eu

tô saindo sem saber pra onde vou... tem dois anos aí... quem sabe as coisas ainda mudam...eu vou ver... tô pedindo a Deus pra guiar o que é melhor pra mim porque começar tudo de novo não dá mais... já bati muita cabeça nessa vida até fincar minha vida aqui... já não tenho mais aquela força hoje já estou mais pra o lado do descanso do que para construir coisa... sempre pedi muito a Deus porque quando era nova trabalhei tanto pra poder chegar nessa idade poder ter um jeitinho pra descansá e até pagar alguém pra cuidá de mim... porque não quero que filho meu vem cuidá de mim... cada um que cuide de sua vida e graças a Deus eu tenho... acho que meu pedido foi aceito... eu sou uma pessoa realizada... entrego nas mãos de Deus... ele sabe o que é melhor pra mim... se é pra eu ficar aqui eu fico se não der para eu ficar aí não fico... se quiserem me dar isso do mesmo jeito em outro canto é melhor... pois é isso aí... eu tô pensando onde que vai ser...dizem que eles já tão vendo onde a gente quer ficar... com tanto canto nesse mundão de meu Deus... esse governo tinha que deixar a hidrelétrica vim logo pra cá... nesse cantinho que era só nosso com toda essa águas...

9. Eu não me conformo de pensá que tudo isso vai virar energia... esse lugar é abençoado... mas é pra nós que gostamos de água... do seu barulho... fico parada hora e hora só escudando esse chuá... chuá das águas... quando dá de tardinha... que os passarinhos vão para seus cantos dormir fica só a água e o barulho nas folhas quando o vento dá...
10. Sei que já vi essas águas levá muita gente e ela leva até hoje mas é tudo gente que vem aqui só pra afrontá fica de qualquer jeito por riba das pedras não tem cuidado pra pular ai bate mesmo a cabeça e morre... pois nem conhece o lugar... quando morre um até as águas fica triste com água não se brinca... ela é traiçoeira com quem acha que é o bom demais.... mas também é muita gente que essas águas dá o de comer... aqui meus filhos mexem com comércio como eu e mexo também com agricultura aqui pra cima... eles mexem com comércio e com pesca e também vão pra lida da agricultura comigo me acompanham me ajuda nos trabalhos... esqueci de te contar ... depois que cheguei aqui arrumei mais cinco filhos... mas nunca tive marido... criei tudo sozinha e nem um passou fome ... tenho doze filhos...doze sou mãe e pai de doze... tudo criado aqui trabalhando nenhum virou marginal nem

ladrão... cada um já tá se ajeitando na vida cuidando de alguma coisa... fala que foi fácil... não foi não era menino que ficava doente não tinha jeito de procurá recurso era curado com ervas e muito banho nessas águas... até hoje... tá doente vá logo se banhar nessas águas que a ruindade vai passando...

11. Esses anos tudo que moro aqui o que escuto falá dessa cachoeira é que ela dá cada barulho forte dizem que é um estrondo... a cachoeira é pra mim isso aqui é uma grande coisa ontem até chorei eles vieram fazer o meu cadastramento... eu falei pra ele eu vou ficar feliz só aqui na beira do rio a paisagem o mato tudo isso eu gosto então isso que eu acho muito ruim de sair... respondi tudo que eles perguntaram e falei pra eles:
12. - Eu só vou ficar feliz só aqui na beira do rio com essa mata pra eu olhar pois gosto de tudo isso aqui... tudo aqui é um pedacinho da minha vida... aqui é um lugar quieto abençoado por Deus eu gosto muito daqui dessa vida quieta com todo mundo amigo eu não vou conseguir ir morar em outro canto e olhar pra um lado e outro e não ter o rio com a cachoeira... é lindo demais esse mundão de água... esse negócio de igarapé não dá... lindo mesmo é isso aí tudo... sabe eu não gosto muito de água... eu sei que ela é traiçoeira eu tenho medo e só não vou lá pra dentro... aqui tudo assim eu banho até hoje mais gosto de ficá olhando... olhando... isso me faz feliz... sei que toda vez que a cachoeira estronda é notícia ruim que vai chegar ou até mesmo morte isso não falha... num te contei ela estrondou e os homens chegou logo depois pro cadastro... aqui é tão bom...
13. Mas é difícil agora pra nós que mora aqui brigar e querer ficar aqui pois o negócio agora é com o governo...
14. Esse estrondo da cachoeira eu escuto muito e é assim mesmo, estrondo é tristeza... meus filhos quando ela estronda fica tudo mais quieto... banha só aqui na beira se vai pra mata vai com atenção dobrada por causa dos bichos... até hoje a gente caça pra comê divide um pedaço pra cada um... quando cheguei aqui ouvi muito bicho uivando... era tudo bicho perigoso... era tudo casinhas fraca... tinha noite que os bichos vinha bem perto... aí nós ficava tudo quietinho... até... tinha muito bicho bravo... hoje a gente quase num escuta mais os uivados...

15. História o povo conta muita a gente escuta tanto o povo fala... esse negócio que ela estronda morre gente pra mim isso tudo é lenda eu não acredito nisso não... mas pode existir né... tem hora que acredito...é um estrondo muito triste mas triste mesmo... a cachoeira gosta de nós igual nós dela.... quando escuta o estrondo... mas num é todo mundo que escuta pode tá assim nós duas juntinhas eu escuto e você não... não é pra todo mundo que ela estronda ela só avisa pra algumas pessoas...
16. Agora tem também a COBRA GRANDE que vive aqui nessas águas... o pessoal fala muito nessa COBRA GRANDE que tem aí que muitos falam que já viu eu nunca vi... mas dessa cobra grande eu tenho uma história pra contá... o Nildo que mora lá pra cima... falou pra mim que estava pescando ele e um companheiro ficaram por aí... diz ele que foi lá naquela pedra bem grande quase debaixo do tombo da cachoeira ficou por lá um tempo e pegou muito peixe aí... deu hora de voltá... no que ele volta deu vontade de ir por ali... mas não sabe nem como num instante recolheu né... foi por ali na beira mais na beirinha do rio quase no barranco... já tava ficando quase escuro de tudo, mas ele viu um toco preto... mas ele parou e ficou olhando pois quando passou por ali de dia nunca tinha visto aquele toco... ele lembrou que não tinha esse toco...não tinha nada...aí... ele levantou e pegou a lanterna... quando ele focou... foi bem mesmo na cara da cobra... ele disse que era uma COBRA tão grande... tão grande diz ele que era da grossura de um tambor de duzentos litros... ele viu aquele pescoção né.. avalie o meio a grossura era pra mais do que um tambor de duzentos litros... Nildo ficou sem saber o que fazer o susto foi demais grande... quando ele olhou bem a boca DELA aquele dente passava um tanto assim... uns trinta centímetros a mais a cima da cabeça... o povo sempre fala quem já viu que a cobra grande tem chifre mas o Nildo falou que não é chifre porque se for chifre sai da cabeça... e sai é da boca dela aquelas pontas assim acima da cabeça dela... diz ele que quando focou bem direitinho a COBRA GRANDE deu um arroto tão forte e jogou aquele bafo pra cima dele... fedia tanto... fedia peixe... aquela coisa velha assim...aí o que foi que eles fizeram... foram se afastando...afastando... ele ficou apavorado mais o companheiro e saíram da canoa... a COBRA GRANDE jogou de novo aquele arroto em cima deles ele então falou pro

outro: “tô veno a hora dela partir pra cima e pegá nós dois num único bote”. Aí deixaram tudo prá lá só arrastou a canoa pra beira e foram pra pedra... a COBRA comeu os peixes e quando clareou ela baixou na água... diz ele que quase morreu de medo...ele me contando... dá até medo ...

17. Casos como esse eu já tinha escutado de outros que vivem por aí pescando... mas muito mesmo pescador aqui no meu comércio mas nunca tinha acreditado pois o povo num fala que pescador sempre tem casos e mais casos pra contá e que um não pode perder pro outro... mas dessa vez quem me contou foi o Nildo e sei que ele foi criado direito sem mentira por isso eu sei que é verdade... a COBRA GRANDE existe... existe que ELA ataca os pescadores pra tomar os peixes dele... tudo quanto é pescador que já viu a COBRA GRANDE voltou com a canoa vazia quando volta... principalmente quando a lua num tá muito clara ela vem mesmo pra assustar...muita gente já foi pro rio e num voltou... eu fico pensando será que não pode ter sido a COBRA que comeu? mas aí eu penso ela não comeu nem o Nildo nem o companheiro dele ficou só com os peixes acho que ela só come peixe também do tamanho que é precisa mesmo é de muito para encher a barriga...
18. O que eu já ouvi verdadeiramente da cachoeira é mesmo o estrondo e a COBRA GRANDE diz quando a cachoeira estronda é choro na certa... é muito triste o barrulhão que ela faz quando a gente escuta dá um aperto no coração... eu sei também que tudo quanto é pescador respeita e tem medo...
19. Me pego pensando como que vou poder viver pra outro canto... sem ver tudo isso... falei que nunca mais voltei no Acre mas sabe eu gosto muito de viajar aí quase todo ano vai eu e um dos meus filhos ver os parentes que mora lá em Florianópolis mas quando chego lá já fico doidinha pra voltá pro meu canto...
20. Isso aqui é presente de Deus pra nós... aqui é muito bão... posso ir pra onde for que o barulho do estrondo já fico aqui dentro... e vou sempre lembrar... será que quando o pessoal tiver revirando tudo aí... a cachoeira ainda vai estrondar? Acho que não pois ela não vai mais ter pra quem avisar que tristeza está por perto... quando os homens já tiver mexendo por aí essa cachoeira vai sim estrondar e chorar pois ela vai saber que está sozinha e que quem gostava dela já foi embora pra longe...

J. T. D. F.

Idade: 45 - Masculino Natural de Porto Velho/RO Ano da Entrevista: 2009 Localidade: Calama – Porto Velho/RO

1. Eu era muito apegado com meu pai e minha mãe... meu querido pai morreu... não foi nada fácil, eu era muito apegado com ele, passou é, com três anos minha mãe também morreu... eu fiquei doido... não aceitava ficar sem os dois, eu ia trabalhando na lavoura e quando eu levantava a cabeça eu via meu pai... eu não conseguia dormir... não conseguia fazer nada... só ficava pensando nele... nessa época nós tinha um sítio muito bonito... era mil e quinhentos metros de frente tinha bastante fruta... era sítio mesmo... mas era tudo muito triste ali depois que eles morreu... foi aí que nós abandonamos tudo... o sítio ficava no rio Marmelo bem atrás do Auxiliadora... lugar bom fica bem próximo da cidade... bem ali pertinho de Porto Velho, hoje tá valendo é muito do dinheiro... eu tenho uma irmã que mora aqui bem antes deu... aí eu vim me embora pra cá...sabe a saudade era grande demais, tudo lá lembrava meu pai e minha mãe... era muito sofrimento por isso resolvi largar tudo e tentar viver em outro lugar... minha irmã morando aqui... vim me embora.
2. Eu vim me embora pra cá... tô com vinte anos aqui é vim casado pra cá... tenho filho que nasceu lá e filho que nasceu aqui... estão tudo aqui comigo só tenho uma que está em Humaitá... aliás duas... uma está bem adoentada e teve bastante ruim ela não pode fazer as coisas... aí uma outra filha foi para lá... tem que cuidar dela e da casa, ela tem os meninos tudo pequeno ainda... mas agora os outros oito filhos estão tudo aqui comigo e fica tudo bem perto de mim...
3. Tenho a carteira de pescador só que tenho pouca idéia de pesca mas sei que a pesca promove o desenvolvimento local dá emprego e também a pesca ficou direitinho ninguém mais pesca como irresponsáveis, pescamos agora com responsabilidade e é bom pra pesca nossa mesmo, como é ... é... eles falam é... artesanal... tá certo é assim mesmo né? Agora da mata eu já andei e já trabalhei muito... na mata...tem muita coisa boa... dá muita fruta... para sustentar tem a castanha que você sabe que é normal... tem a selva grande

que é um tipo de árvore que dá muito fruto e pode fazer suco é uma fruta bem docinha e tem a solvinha idêntico a ela e tem o babaçu que dá óleo e dá farinha que a gente já fez várias vezes... inclusive eu fiquei no alto da mata sem farinha e fizemos de babaçu... nossa já fizemos muito... meu pai e minha mãe já fez muita farinha para sustentar a gente. Farinha é um prato bom dá em tudo um saborzinho bem mais gostoso, eu tô nessa idade mas aprendi com meu pai e minha mãe, põe a comida no prato pode ser o que for mas por cima assim... joga logo a farinha ... aí sim pode começar a comer... é farinha de macaxeira ou de babaçu, fica muito bom. Um peixinho ou uma carne de caça com uma farinha...hum...

4. Trabalhei muito em solva... castanha... pau-rosa também o pau-rosa é um produto que dá é madeira só que vai pra usina e tira o líquido ele é um perfume puro e serve pra muito remédio. Pra dá usina é o incenso dele você chega a tirar a madeira... qualquer uma madeira dessa daí vamos supor só que é bem diferente a gente tora... derruba e vai torando as toras e vem todo melado... aí chega na usina... aí joga lá dentro aquilo vai queimando e aquele cheiro horrível você jura que não tem perfume, mas melhor do que aquilo acredito eu que muito desses perfumes bom é dele com certeza... é eu já derrubei muita árvore mas eu era mandado e também num sabia como era as coisas...
5. Eu me sinto maravilhoso aqui em Calama principalmente agora que chegou esse trator aqui para fazer o serviço para nós que foi muito importante... desde que cheguei aqui em Calama que não senti mais vontade de sair daqui sei que nesse mundo tem muito lugar tranquilo mas aqui é tudo muito puro... as águas e a mata... sempre gostei muito de entrar na mata... conheço... muitas manias dos bicos e não sou de ter medo deles não já fiquei muitas noites na mutuca esperando por eles é difícil sair pra caçar e voltar sem nada aqui em Calama é todo mundo amigo... eu já sou velho aqui... conheço é todo mundo... falo até com os meninos da escola...

hoje isso aqui tá muito bom tem escola aqui, tem professor muito dos bicos depois que chegou essas igrejas pra cá o povo... ficou com mais fé e isso afasta as brigas e tudo mais que não presta... agora olha nós temos as pontes arrumadas pra andar... antes nós andava era em cima dos tocos pra

num atolar no inverno... agora tá tudo bom... a criançada tudo estuda... na vida tudo é com vontade que vence, acho que tá bom até por demais quando o INCRA loteou tudo muita gente pegou terra, mas até hoje nem os pés botou por aqui mas muitos que realmente queriam as terras vieram e estão por aí até hoje e trabalha, isso é bom pois assim vai crescendo vem chegando gente nova... e vamos ficando mais forte pra pedir as coisas... vai vindo o desenvolvimento isso vai dano emprego pra uns e pra outros... esse trator que chegou pra nós, vai ajudar e muito pois vai ser assim cada um dos associados vai dar o óleo e o trator vai e faz o serviço na terra, então já é uma ajuda e tanto e também uma economia muito das boas...

6. Desde que cheguei aqui que a gente se alimentava da caça... do peixe e matava muita caça e pegava muito peixe por isso tem história para contar porque abaixo de Borba pertinho de Manaus e acima de Taiquatiara entre um rio... nunca vi fartura como eu vi ali de tudo de peixe e de bicho de caça... olha a gente matava uma caça a gente fosse tratar assim na beira do rio a gente não conseguia de tanto peixe que pulava pra fora da água, devido o cheiro do bicho, os peixes ficavam eram tudo doido, era aqueles pintadão... jatuarana... piranha... tava tudo de barba de fora a gente escolhia para matar e comer um peixe daquele... tinha um ferro assim... só de um varão para a gente escolher o peixe que queria comer e escolhia lançava nele e puxava... tinha bicho de casco é uma coisa horrível tartaruga e tracajá tudo em quantidade... chegava em uma praia... assim chagava lá e metia o remo... branquejava de ovo enchia quantos saco quisesse era bonito era bom demais... trabalhei muito na fartura demais mesmo... nós não se preocupava com comida lá e o Rio Branco também à frente do Marmelo era rio rico de peixe, aquilo ali pra gente pescá jogava a linhada assim era rapidinho pra pegar o peixe que quisesse comer a caça do mesmo jeito...
7. Eu sou bem contra o IBAMA esse negócio de pesca e caça ser proibido, foi Deus que deixou para nossa alimentação e eu gosto eu já falei para ele nessas reuniões que faz eu vou lá e digo:
8. - Meu amigo você pode me prender mas eu gosto de matar minha cacinha eu gosto de matar uma paca eu gosto de matar um porcão... eu gosto de comer...

9. Eu mato... eu não vou vender eu vou consumir. Na minha casa eu mato uma caça, pego um peixe ponho no freezer e venho trabalhar... agora isso aqui sim é destruir tirar a mata pra plantar... até lá no fim da mata... agora isso aí sim é destruir... esse povo fica aí derrubando tudo e jogando capim, pra ficá rico pensando só nisso... eu fiz muita coisa que não podia fazer porque eu era obrigado porque não tinha jeito para eu sobreviver eu não sou contratado meus filhos também não... daí que eu sustentei meus filhos e foi para estudar o colégio... a roupa... calçado... tudo... você sabe como é o trampo... hoje graças a Deus que eu tenho dois filhos que são professor só que eles não fizeram a faculdade porque eu não tive condições de dar para eles... quem dera eu ter tido porque é muito bom mas infelizmente eu não dei, então eles estão dando essa aula assim... vai para quatro ano que dão aula... segunda feira vão começar a aula só que é assim... terminou a aula como eles não é de carteira assinada passa aquela temporada sem receber... é assim... mas trabalha direitinho...
10. Eu não gosto de morar em cidade para mim Calama já está grande eu gostei sempre de morar assim na margem do rio ver esse mundão de água limpinha que até dói nos nossos olhos quando o sol tá bem forte é a certeza de que Deus não desampara ninguém... daí tiramos tudo para o nosso sustento a água... falá que num pode tá bebendo por causa de quando tinha o garimpo é por causa no mercúrio mas que nada, nunca vi ninguém aqui morrendo... só sei que bebi e bebo essas águas hoje né com a minha carteira de pescador, pesco pra comer e ainda sobra pra vender e é muito... junto o dinheiro e compro o que está faltando na dispensa num te falei que essa maravilha dá tudo pra nós... gosto muito também de morar aqui porque a gente cria o filho da gente do jeito que a gente quer na cidade você pensa que tá dentro de casa já não tá mais tem filho que corre de pai... tem filho que pode cair na gangue... pode fumar... usar droga é por isso para Calama é bom demais tudo que se planta aqui a gente vende e come muita gente admira eu porque minha casa é daquele jeito mas entra o rico entra o pobre eu não tenho vergonha porque eles vem aí atrás de mim então é assim tenho vinte anos de Calama...

11. Agora tá com dois mês que eu não vou na mata eu fui na mata quando perdeu um rapaz e vieram atrás de mim porque eu ando muito dentro da mata... ele foi dá uma volta pra matar uma caça dentro do Maici... aí ele atirou em um veado e foi atrás ele não tinha costume de andar na mata porque morava em Porto Velho... aí o que aconteceu... pega aqui... pega acolá... deu outro tiro quando ele quis varar rodou e começava rodar cada vez para mais longe já era tarde quando ele foi... aí anoiteceu... no outro dia não chegou e pior não tinha uma faca nem um tesado... aí com dois dias que vieram avisar nós... aí eu fui para lá... andamos... viu os vestígios pelo rastro pegava mas com a chuva não deixa muita pegada... aí a gente pegava aquela terra fofa... veio o corpo de bombeiro de Porto Velho já andava comigo e não queria deixar de jeito nenhum... veio mais outra... com dez dias o cara varou para dentro do Machado um dia antes chegou o exército de Humaitá deu muita gente...
12. Olha lá no rio Marmelo um cara se perdeu foi quebrar castanha... aí tinha um bando de porco do mato então ele atirou num e saiu atrás... também matou três... quando quis voltar não acertou mais e esse daí desapareceu foi dezoito dias não acharam não e pior a gente pegava onde estava quebrado fresquinho com dez dias parece que ele estava se escondendo da gente ele passava no corguinho o rastro dele estava novinho... novinho... a gente gritava parecia mesmo que ele estava se escondendo da gente não conseguimos achar dizem que eu não sei... os antigos dizia que era uma tal de CURUPIRA que guiava ele para afastar da gente... eu não tava nesse dia mas o resto eu tiro da mata olha o CURUPIRA é tipo assim um cristão que nem nós só que o pessoal... o meu pai viu... dizem que ia descendo uma CURUPIRA e agarraram para cá para cima no fio elétrico só que diz que ela não dá muito alta e o calcanhar é para frente virado e também ela judia muito da gente na mata é cabeludo é tipo uma pessoa meu pai viu... muita gente viu meu pai levando... eu não sei mesmo se é muito fácil eu já andei muito na mata e nunca vi e peço a Deus que não veja...
13. Olhe menininha lá no rio Marmelo tem uma história... tem muita gente que pode não acreditá mas essa foi passado... eu saí para ir caçar tinha um vizinho abaixo de nós ele foi caçar paca aí tem uma praia no porto dele... Aí

eu desci de longe eu escutava aquela voz... Eu não entendia aquilo... que eu olhei na praia... ele tinha feito um flutuantezinho para a mulher dele lavar roupa... Aí rapaz aquilo tava branquinho e no caminho subindo no porto... eu lhe juro pela essa invenção de Deus por esse sol que está iluminando nós... Só que eu não entendia aquela voz será que dona Raimunda está doente... peguei a lanterna e fui focar... quando eu foquei quem tava em cima daquele flutuante caia na água e quem tava subindo voltava e quando batia na água saiu tum tum tum para o meio do rio e tudo era BOTO puro e se transformou em gente... aquilo e eu não sei o que foi... fiquei besta de ver aquilo e para baixo tinha outro cara que ficou mais nervoso do que eu que tinha deixado a canoa... quando eu foquei ele desceu e me reconheceu e veio comigo eu vi desde o começo esses BOTOS subindo... Aí essa é a única história de BOTO que eu posso contar assim porque eu nunca vi um BOTO virar gente e naquele dia eu vi aquela arrumação... Mas diz o pessoal que tem essa marmota mesmo e daí pra frente... que esses BOTO viram homem e que fica agradando as moças e quando ela ficam toda encantada e se apaixona eles os BOTO pegam elas e leva pra água pra viver com eles, com certeza elas viram também peixe né... essa arrumação de BOTO saindo da água e da banda de fora virando homem eu vi mas tem mais gente que também viu... esses BOTO é uma história de muito tempo... diz que tem moça que fica até grávida deles aquele meu vizinho da banda de lá me contou que por esses lado daqui mesmo... que tinha uma moça até bonita e quando era de tardinha ela gostava muito de ficar sentada na beira da casa... quando foi lua cheia chegou perto dela dois moços de branco bem rosado e com um chapéu muito chique e alinhado pediu água... no que a moça foi buscá um entrou e encantou ela aí ela pegou barriga... toda tarde ela ficava esperando por ele... ele saía de dentro do rio e vinha andando da água ela sabia que era BOTO mas ela ficava com ele... quando chegou a hora o neném nasceu....é num era neném era um peixe não era um BOTO... só que ninguém viu só ela mesmo... então ela pegou o BOTO e jogou no rio e foi se embora daqui e nunca mais voltou por esses lado...

D. M. M.

Idade: 50 - Feminino Natural de Manicoré/AM Ano da Entrevista: 2009 Localidade: São Sebastião – Porto Velho/RO
--

1. Minha história... minha história não tem nada... o que eu digo é que as vezes eu tô deitada na minha rede porque eu durmo em rede aí... eu perco meu sono aí... fico lembrando das coisa que já passou onde nós morava que era em Ribamar pra banda de Manicoré eu fico recordando essas coisas eu me lembro que eu pescava eu adoro pescar... isso eu gosto desde pequena toda vez a gente subia para a boca do igarapé... mana... a gente pegava tanto do peixe e era bico de pato... tinha de tudo... eu levava aquele monte de peixe e quando chegava em casa eu tratava tudo e eu gostava de pescar... até hoje eu pesco um dia desses eu fui pescar mas nem beliscou a isca... puxa vida...esse ano ainda não pesquei nada... mas ainda tem muitos dia esse ano vou pegar muito do peixe ainda... vou aí pra bera ou até cruzo o rio e jogo meu anzol, ai só sinto a beliscada.
2. Um dia desse a mãe dele que é minha vizinha queria ir pescar quando chegou ao igarapé tinha que cruzar para ir para a rocha do outro lado aí... ela foi subindo até chegar lá... lá tinha um senhor que tava pescando... ela pediu uma carona para cruzar... ele foi e cruzou... ela cruzou e foi pela berada e chegou no igarapé bom de peixe... pescou um pouco e quando foi no final do dia ela pensou: “eu vou embora” aí... veio andando e chegou na beira do igarapé “agora sim como eu vou cruzar?” e ficou lá um pouco andou um pouco de lá para cá... ela veio arrudiu um pouco assim e de longe ela viu um pau grande e muito grosso que cobria toda a água... mas ela nunca tinha visto aquele pau ali... não tem aquele pau e ela ficou... ficou pensando olhando... ela disse:
3. - Não tinha aquele pau lá...
4. Aí... ela foi e cruzou por cima... era ELE a COBRA GRANDE que fez um pau para ela cruzar aí... ela cruzou e foi embora pra casa... depois souberam que era mesmo a COBRA GRANDE porque o pau sumiu de lá... não tinha como sumir era grande demais...

5. Essa história dele e dela, a cobra era minha mãe que contava pra a gente e eu fiquei com isso na minha cabeça minha irmã mais velha que morava lá do outro lado dizia:
6. – Ah! eu não lembro...
7. Ela lembra mais do que eu porque nesse tempo eu era pequena ainda tinha uns dez anos, doze anos por aí... hoje eu tenho setenta e quatro anos fiz agora no dia vinte e sete de fevereiro.
8. Minha mãe contava que tinha uma mulher... ela tava grávida aí... chegou a hora dela ter o nenenzinho, isso de noite, era noite chamaram a parteira... a parteira foi pra lá e quando ela ganhou era duas cobrinhas botaram em uma bacia com água...
9. Quando amanheceu o dia não tinha mais nenhuma dentro da bacia, tinha ido para o rio... se criaram no rio essas duas cobra era um casal... e de vez em quando o pessoal via eles, se aparecia, se mostrando... todo mundo dizia que era o NORATO... o nome dela eu não me lembro maninha... não lembro de jeito nenhum o nome dela já bati a cabeça para lembrar o nome dela mas não lembro não aí... eu sei que se criaram então essa COBRA fêmea era mal sabe e o outro o homem era que acalmava ela era uma boa COBRA macho não fazia mal para ninguém ela alagava canoa alagava barco sabe ela era mal que só... aí quando foi um dia... até um dia desse eu me lembrei mais uma coisinha dela não sei se vou me lembrar agora...
10. Uma vez iam subindo o rio Madeira o Paulo que é filho da minha vizinha que mora atrás da minha casa e um amigo que vinha no meio da canoa tirando a madeira do rio... na outra beira do rio estava ELA a COBRA GRANDE fêmea doida pra tombar a canoa e ELA fazia tudo para conseguir ELE e ELA brigavam mana...brigavam que só entre os dois irmãos ELA queria fazer o mal ELE não deixava...eu sei que terminou que ELE acabou ficando e ELA subiu o rio... eu só sei disso... eu acho que era verdade porque a mamãe contava isso e a gente ouve também... por aqui, então é verdade mesmo, o rio tem disso muito mistério.
11. Tudo isso que a gente ouve está aí nesse rio...o rio é poderoso tem força bota gente pra correr só fica aqui quem o rio deixa o rio é pra nós ribeirinho tão importante como o sol que alumia pra todo mundo... o rio é o nosso

presente todo mundo nós que mora aqui num sai daqui pois onde é que nós encontra um lugar como esse com essa aguaceira toda... você num vê falá que pra lá no Ceará nem chove por isso aqui é tão perfeito pra se morar... num vô tá mentido não quando cheguei aqui ficava pensano cumé que ia ser, mas meu marido pescava e fome nem eu nem os meninos passamos... o peixe e a farinha já encheu muita barriga, fica assim: - olhando um pouco o rio... olha como as água parece que até canta pra nós... é essa pureza que a gente num encontra fácil por aí... a gente pode tá até com raiva que vai passando e a gente volta a se acalma...

12. Gosto daqui... eu vim pra cá depois que me casei antes eu morava do outro lado em Porto Velho... comecei a namorar e meu namorado que virou meu marido morava aqui e lá em Porto Velho... eu sei que a gente começou a namorar e logo nos casamos... o pai dele faleceu e depois a mãe dele... foi nessa época que resolvemos vim de vez para o lado de cá... Sei que nós viemos para cá...eu tive um bucado de filho era difícil criar em Porto Velho e era um bucado de filho para criar... fico pensando como foi que eu consegui criar esses filhos? Jesus!... eu fico pensando nisso... meu Deus naquele tempo não existia aquele negócio de evitar eu não sabia de nada... eu não tô arrependida de ter os meus filhos mas eu não teria tido treze filhos... naquela época nós muié sofria demais pra botá menino pra fora. Quando meu marido chegou aqui nós sofremos um bucado aí... também pensa só era muito menino mais que uma dúzia, só tinha mesmo que dá é muito do trabaio mas quando nós chegou aqui meu marido que já tinha um estudozinho cuidou de aproveitar as oportunidades ele fez uns cursos e deu que passou um bom tempo foi ser enfermeiro aí melhorou um pouquinho...tinha dinheiro certo todo mês...
13. Hoje eu gosto daqui não saio daqui de jeito nenhum... depois que ele começou a pisar na bola queria vender esse terreno... aí eu fiquei braba e não aceitei e já disse logo eu não vou assinar eu morando aqui se meu filho minha filha adoecer eu levo para o outro lado do rio... ele disse que ia vender com nós aqui, o homem queria mesmo era o dinheiro para gastar com a outra... eu disse:
14. - Então vende mas eu não assino... aí ele foi se embora de vez...

15. Foi morar em Porto Velho com a outra mulher... me deixou aqui com os meninos eu já tinha um bucado casado... eu sei que um dia de sexta-feira Santa é isso mesmo ... isso ele foi para a Catedral e acabou morrendo de acidente...todo final de semana ele vinha para esse lado... vinha mas eu não dava a menor importância para ele... sei lá... eu lembrava do tanto que a gente sofreu e lembrava assim dos tempo que ele melhorou um pouquinho tinha passado um pouquinho...
16. Criei meus filhos tudo aqui nunca nenhum ficou com fome era só botá o anzol e jogar na água que o peixe vinha taí meus fios tudo sabe pescá e hoje dá até pra fazer um dinheirinho com a venda dos peixes.
17. Aqui é viver nessa tranquilidade sem tê pressa... tudo acontece conforme é da vontade de Deus quando eu era mais nova tinha muita pressa, mas num precisa isso não falo pros meus filhos e para os netos que a gente não pode é ter preguiça, que tudo se arranja então quer dizer que hoje nessa idade só tenho que dizer mesmo que sou feliz em ter vindo pra cá, viver pertinho desse rio que é uma beleza e criá tudo a minha família aqui, sabendo o que é bonito e gostoso...

M. D. J. P.

Idade: 68 - Feminino Natural de Santarém/PA Ano da Entrevista: 2009 Localidade: São Sebastião – Porto Velho/RO
--

1. Minha vida não foi nada fácil, desde muito novinha era eu que tinha que pegá no pesado trabalhava na roça com meu pai... minha mãe e meus irmão... éramos nove filhos... eu era a sexta... era muito menino quando minha mãe ia pra lavoura eu ficava cuidando dos mais pequenos... outro dia ela ficava e eu ia levá a comida e a água... era assim tudo empregado e ganhava só pelo que fazia... vivia numa pobreza de fazer dó... trabalhava hoje pra comê hoje mesmo... isso era lá no Pará minha mãe conta que as coisas por lá era muito difícil... por isso nem eu nem meus irmãos nunca pensamos em voltar por lá... hoje que eu vejo... só é eu e meu irmão que mora bem ali com uma irmã e os outros dois que mora em Porto Velho com os filhos...
2. Quando eu tinha de oito pra nove anos... nós veio do Pará pra cá... eu ainda lembro de como demorou pra chegá... nós só veio porque um dono de draga já conhecia meu pai trouxe nós... e meu pai tinha visto falá que aqui tinha muito ouro e que se nós viéssemos nós ia fica rico... tudo enganação... o povo pensa que pegá ouro é assim fácil... só sei que quanto mais meu pai trabalhava no fundo do rio mais a dívida parecia maior ainda... só sei que foi por isso que parei aqui... meu pai foi trabalhá nas dragas... minha mãe fiava na pedra lavando roupa e nós embrenhava nessa mata... procurando o que comê... tinha que sair caçando alguma coisa pra comê e ainda trazer pra outros que ficavam em casa... na beira da saia da mãe... por isso minha vida era esperar o sol sair e se embrenhá na mata... era assim... entrava lua e saia lua era isso minha vida... então era viver na mata... e vivia feliz todo dia a mesma coisa... levanta e ir se embora pra mata...
3. Na mata eu vi muita coisa... minha casa num era aqui não... ficava bem mais ali pra baixo... um dia fomos pra mata eu e meus irmão... os mais velhos... quando nós estava lá... já tinha pegado banana era um cacho bem dos grande e nós queria trazer também pupunha acho que era pupunha mesmo...

a cabeça tem hora que esquece... sabe menina... quando meu irmão subiu pra tirar nós ouviu um assobio e um vento muito forte que vinha tocando tudo e quando nós ia pra pegá pupunha o vento empurrava nós... ia de novo e de novo o vento vinha... ficamos tudo morrendo de medo... mais que depressa juntamos as banana assim na saia... nos braços e viemos se embora... morrendo de medo e de susto... nós num sabia o que era aquilo... quando nós chegou tudo correndo... com os olhos tudo arregalado minha mãe quis logo saber o que tinha se passado... contamos tudo... ela ficou apavorada ela nunca tinha visto falá uma coisa assim... então tratou logo de chamar a dona Juana... que Deus a tenha... ela morava assim bem pertinho e nós contou tudo como tinha acontecido... que o vento era muito forte... num sei como é que aquele vento num tocou nós pra bem longe... então a dona Juana ficou escutando... escutando... ela falou que a mata tem o que comê pra todo mundo e que não pode se enfartar nem desperdiçar pois ela num deixa trazê mais do que cabe no bucho... nunca tinha visto falá umas coisas dessas... ela explicou pra nós com uma voz bem mansinha pra vê se nós aprendia e parava de ter tanto do medo... ficamos tudo assustado... ela então contou assim: que há muitos anos atrás... um dia chegou um homem que gostava muito de vestir de branco e que é o MATINTA... mas esse homem num morava por essas bandas de cá não... mas ele chegou aqui gostou do lugar e ficou... só que ele chegou de barco e tirava as frutas da mata e levava pra vendê em Porto Velho e não dava nada pra ninguém se alguém pedia ele não dava só vendia... era um homem de coração ruim... e agora é quem cuida... pois sim esse homem morreu aí na mata... tirando tudo quanto era de fruta... um dia ele entrou na mata e foi juntando tudo quanto era de fruta... mas era tanta da fruta e como não podia carregar... ficou vigiando pra ninguém roubar... e foi passando os dias até que ele morreu vigiando as fruta pra ninguém roubar dele... naquela época quase não tinha gente andando pra lá... era mais mesmo só bicho e então foi os bicho que comeu ele pois ficou só as botinas e o chapéu e as roupa... então desde essa época ele aparece soprano todo mundo que quer tira mais fruta do que pode carregá... ele que vive aí na mata e não gosta mesmo que entra na mata pra tirar... quando teima e continua tirano as fruta sem medo do vento aí ele chega pega a

pessoa dá uma peia e sopra pra bem longe... muita gente sabe dele... só sei que num gosto de lembrá até hoje.... chego a ficá toda arrepiada...

4. Desde esse dia... sabe nunca mais o vento soprou nós... igual com meu pai que foi caçá com mais uns companheiros... eles estavam na tocaia esperando a caça... fica todo mundo bem quieto e calado que é pra num espantar os bichos... no que eles estavam lá chegou um tipo era assim de homem e ficô em pé perto deles e num falo nada só ficô ali e meu pai falô que ele não tinha cara... era tudo branco meu pai e os amigos ficaram tudo sem saber o que fazer... olhava um pro outro e não tinha jeito de fazer alguma coisa... eles tudo ficaram com muito medo e sentindo assim tipo de um arrepio... então meu pai e os outros resolveram vir embora e não trouxe nenhuma caça... pois os bicho num chegava perto de jeito algum nem os cachorro latia... pai contava que ficou tudo um silêncio... os cachorros tudo quietinho deitado e num escutava nenhum uivado de bicho... nem nas folhas do chão passava bicho... ele só lembra que ficou assim todo mundo meio abobado... então quando deram conta olhou um pro outro e ninguém falou nada... vieram embora bem quietinho e até os cachorros... sei que pai ficou foi muito do tempo sem caça... até que um dia ele resolveu voltar a caçá e deu certo ele chegou em casa com um porco do mato... e era dos grandes... foi uma festa e comemos muitos dias...
5. É... agora... você já ouviu falar em HONORATO COBRA GRANDE? o pai contava que ele andava da boca do Madeira até aqui... o lugar mais longe que ele achava era Aliança... lá em Prainha...lá embaixo... era dois irmãos era ele e a irmã... quando a mãe tava nos tempos dela... foi lavá roupa num igarapé... a cobra picou e ela teve duas cobrinhas ELE e ELA... deitaram ela numa bacia com leite e ela teve as cobrinhas... perguntaram dela o que ela queria que fizesse... aí ela disse que jogasse no rio... aí deram leite de peito dela e jogaram no rio... se criou os dois sozinhos no rio... com o passar dos anos eles apareceram... ELE só fazia o bem não fazia mal a ninguém...ELE ia pras festas se transformava em gente dançava... quando dava fé ELE virava COBRA... ia pra dentro da água...honorato é a COBRA GRANDE... agora dizem que ELA estava fazendo o mal... estava atacando as canoa... diz que

ELE matou ela... só sei que nunca vi e nem quero vê... esse rio esconde muita coisa...

6. Quando nós se mudamos pra cá... a casa não era assim... era só de tábuas... a Virgem Maria que protegia nós... pois era tanta da cobra e esses outros bichos que ferra... um irmão meu morreu ofendido de cobra... minha mãe dava banho com erva... mas num teve jeito.. ele foi enterrado bem lá embaixo... quando fiz dezesseis anos casei... casei que nada só fui morá... pois aqui... como que casava...sem dinheiro... era custoso arrumá os papéis... pois bem... mudei com ele pra casa lá embaixo... deitando assim você vê o teto da casa que era de tábuas e chão batido... lá tive meus menino... meu marido também era pescador mais ele bebia muito e caçava muita briga... um dos meus fio foi embora pra Belém... o outro é esse dono do bar do outro lado... e minha filha fica aí bordando e fazendo crochê pra vendê... ela também já casou... meu genro é homem muito bom e trabalhado... tem umas terrinha e planta muita banana... quando o barco chegá leva tudo... meu marido já faz muito tempo que morreu... essa minha filha era pequena ainda... ela é a caçula... então ele se meteu numa briga por causa de dinheiro e o homem acertô ele primeiro.... o povo falou que só viu o corpo dele boiando nas água rio abaixo... nem eu nem nenhum dos meninos viu... mas os companheiros tudo já veio com a notícia... eu nunca vi o corpo só sei que fiquei sozinha pra criá os filhos... voltei pra essa casa aqui que era da mãe... o pai nessa época já tava morto e a mãe durou mas foi pouco tempo... adoeceu que não teve jeito... que Deus a tenha e meu pai também...
7. Eu fiquei aqui com os meninos... mas criei tudo... não dei conta de dá estudo... pra nenhum pois nem eu sei lê... e aqui não tinha nada não era tudo muito difícil... agora depois que já tava grande... veio aprenderam a assiná o nome ela até que lê mais que os outros...mas meus neto tudo já lê... eu voltei aqui pra casa e tô aqui até hoje... não posso te falá que vou morrê aqui... eu queria ficá... vendo o rio e a mata até o fim da minha vida... mas ninguém sabe o que vai acontecer...
8. Você viu... agora já tenho neto e neta grandes... tem um que já me deu ate bisneto e mora tudo aqui...

9. Você já ficou na mata de noite? Oh... minha filha é tão fresquinho... quem vem a primeira vez acha muito mosquito... é que os mosquitos gosta muito eles sabe que é sangue novo... mas depois os mosquito acostuma... agora quando tá dano malária é bom não facilitá... mas é muito gostoso dentro da mata de noite... quando você voltar parece nova e forte... parece que a mata cura nós... aí dentro tem muita erva boa pra chá... a dona Ritinha tem de tudo... tudo que a gente precisa corre até lá e ela arranja as erva...
10. Hoje isso aqui já tá muito evoluído... tem escola... tem postinho... o médico vem com a enfermeira... o moço da SUCAM... muito tempo que não vejo falá que morreu alguém ofendido de cobra ou com malária... mas eu com meus sessenta e oito ano já vi muita coisa nessa vida... muita dor e muita tristeza... era difícil a vida de todo mundo... era muito pobre o dinheiro vinha fácil... mas também ia embora fácil... quem fica com a parte gorda só era os dono das draga que só ficavam no bem bom... as dragas pareciam casas era até bonito de se vê esse rio tudo claro de noite parecia que aí no rio só tinha dia e não noite... mas Deus sabe o que faz... tirou o garimpo e agora vem esse povo com Usina... é triste pensá que a mata vai pra debaixo da água...
11. Hoje não dou conta direito mais de andar o médico falou que é reumatismo pois quando fiquei viúva só ficava dentro da água lavando roupa...mas criei meus filho... do que foi pra Belém não tenho notícia não... mas sinto que está tudo bem... sinto aqui que ainda tá vivo... fico aqui de tarde sentada vem a comadre Zefa e a dona Joaquina e nós fica lembrando de quando nós chegou aqui não era fácil mas nós era tudo amigo ninguém ficava sem comida dividia tudo as caça e o peixe... hoje tem que comprar e ninguém tem pra dar para os amigos...
12. Olha... eu fui muito feliz morando toda minha vida assim... rio e mata... a gente embrenhava na mata cedo e só voltava de novo quando o sol já tava indo se embora... nós comia e bebia o que a mata dava... agora o povo desmata põe capim para o gado... olha a mata era bem ali pertinho da casa, agora pra esse lado de cá só se vê capim plantado... escuto os passarinhos cantando e as mulatas... é uma barulheira só...

CAPÍTULO VI: “NAS ÁGUAS” DA INTERPRETAÇÃO

As entrevistas coletadas durante o trabalho de campo possibilitaram muitos caminhos para interpretação por serem ricas em detalhes, principalmente quando se referem ao cotidiano ribeirinho e aos mecanismos de sobrevivência desenvolvidos pela comunidade.

A interpretação corresponde à abordagem dos significados e valores expressos na fala do narrador, na construção de sua história/narrativa, as quais estão espelhadas na cultura do grupo o qual o narrador faz parte. As experiências individuais são compartilhadas e quando tornam-se coletiva ganham lugar na cultura do grupo. O homem vivencia o espaço, logo espaço vivido, interagindo com sua cultura organizando sua vida.

Nas comunidades ribeirinhas existem várias marcas características de uma cultura, enfocamos os seres encantados por corresponderem uma das representações culturais da cultura ribeirinha, o que não nos impediu de analisar as entrevistas na íntegra. A esses encantados ao fazerem parte da vida e do lugar ribeirinho são atribuídos valores e sentidos.

Para melhor compreensão da cultura ribeirinha, selecionamos nas entrevistas alguns pontos para serem analisados, optamos em fazer recortes destes pontos comuns entre as narrativas que demonstre o lugar da cultura ribeirinha, os seres encantados, o ser ribeirinho, o rio, e perdendo o lugar ribeirinho. Esses são os pontos de análise e interpretação desta dissertação.

Ao trilharmos os caminhos para o desenvolvimento deste trabalho a partir da aplicação de espaço vivido e da história oral, métodos que nos possibilitaram trabalhar, compreender e espacializar as entrevistas. Apresentando a vida ribeirinha na compreensão dos narradores e expondo a relação do narrador com o seu lugar por meio das experiências vivenciadas. Identificamos momentos em que nossos narradores narram tanto suas experiências de vida quanto a de outros.

No caso dos seres encantados há somente uma experiência vivida pelo próprio narrador, as outras situações ocorrem com outras pessoas. Constatamos, principalmente no caso específico dos seres encantados que,

as experiências dentro de um grupo humano se superpõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para os seus pares. (TUAN, 1983:163)

Assim, as experiências individuais compartilhadas tornam-se coletivas no caso específico dos seres encantados são que narradas e afirmadas com todas as características enigmáticas de cada situação. Em todas as narrativas estão presentes experiências que envolvem os seres encantados, porém foi na ligação afetiva com o lugar que melhor desenvolveram a fala. Falando do lugar onde vivem os narradores se identificam como ribeirinho e sentem-se inseridos nesse lugar.

A maior evidência dessa afetividade com o lugar apareceu no momento em que os narradores falam da possibilidade de sair deste lugar. Duas narradoras que terão que sair no ano de 2010 em virtude da construção da Usina Hidrelétrica, demonstraram a dor dessa saída, uma narradora nem pensa nessa possibilidade e o outro, em silêncio, demonstra a tristeza caso isso venha um dia a acontecer.

Assim, podemos perceber que cada narrador de maneiras e situações diferentes sente-se parte do lugar criado e vivido por ele, organizam sua vida e vivenciam esse lugar.

Ao compreendemos o lugar em Geografia, entendemos o que acontece no espaço onde vive o nosso narrador procura respostas além das condições naturais e humanas. Assim, aplicamos uma leitura cultural a partir do menor para o maior, do narrador para a comunidade, de uma comunidade para as comunidades, objetivando interpretar o modo de vida e a cultura ribeirinha.

Com as entrevistas prontas, as discutimos e compreendemos a partir de nosso referencial teórico proposto. Assim, apresentamos um olhar geográfico e cultural sobre as comunidades ribeirinhas, localizadas às margens do Rio Madeira em Porto Velho - RO.

1. O Lugar na Cultura Ribeirinha

Para compreender o lugar é necessário considerar o momento vivido pelo narrador, sua visão, singular do lugar, as emoções, afetividades, esquecimentos, sonho e a subjetividade. Assim, a vida passa a ser representada em um lugar, demonstrando uma organização e cotidianidade própria.

No lugar, encontramos as representações da vida ribeirinha, pois estas são o ponto de ligação entre os narradores e o lugar, é como o sujeito vê e vivencia seu lugar. Por isto, podemos, através das representações, compreender o lugar.

Neste sentido Tuan (1983) aborda a afetividade e segurança que o homem sente para com um lugar, atribuindo a este importância e valor para sua sobrevivência. Compreendemos, ainda, que “a ordem do lugar é fruto do pensamento organizado.” (LIMA, 2008:234). Logo, todo lugar apresenta-se como reflexo da cultura de um grupo, reflete a ordem pensada por este conforme sua vivência. Buscando o afeto e a segurança, o homem cria e organiza seu lugar repleto de sentimentos e valores, situação norteadas por uma cultura.

Uma vez que compreendemos o lugar construído sob a influência da cultura podemos identificar nas entrevistas realizadas durante o trabalho de campo o momento em que o lugar se materializa, isto por meio da fala e expressão do narrador, refletindo as experiências vividas ligando o homem a ele e o sentimento de pertencimento.

Assim, o lugar ribeirinho apresenta-se como uma construção única, singular, carregado de representações, agregando idéias e sentidos produzidos por seus moradores. Foi, pensando assim, que demonstramos como o lugar ribeirinho é representado pelos nossos narradores.

Neste mesmo sentido, após discorrer sobre os lugares das muitas sociedades existentes Frémont (1980:137) aborda o lugar associativo, o qual pode relacionar ao lugar ribeirinho, pois, “os lugares distinguem-se menos por uma função do que por uma associação de funções, que se traduz por uma prática. Aparecem assim tanto mais carregados de valores psicológicos.” Desta forma, o autor nos possibilitou relacionar os lugares dos nossos narradores com os valores atribuídos a ele, identificamos funções sociais e culturais representadas nessa vivência afetiva.

Diante da identificação dessa relação afetiva podemos perceber que tal situação reflete no cotidiano e nas organizações espaciais dos moradores das localidades. Dessa forma, a narradora Dona M. R. D. S. descreve seu lugar demonstrando orgulho,

“eu sou a pessoa mais velha daqui de idade... aqui só é o Pedro que é meu genro que nasceu e se criou aqui já tá com 41... a Paula dali que nasceu e se criou e o Manoel... é só...” (15)

Ser a moradora mais antiga da comunidade oferece a ela, além de orgulho, respeito dos outros moradores, tanto que, no momento que estava sendo realizada a entrevista, muitos moradores passaram em sua casa para cumprimentá-la. A narradora lamenta as mudanças na comunidade que segundo ela ocorreram quando havia saído e na sua volta identificou, principalmente, que havia novos moradores, assim recortamos,

“aqui na cachoeira não tem novidade depois que nós voltamos porque o povo antigo não quer vir de volta... tem mais gente a comunidade tá maior... mas tem mais desunião do que naquela época que tinha menos pessoa...” (Dona M. R. D. S.). (15)

Nesta luta simbólica para viver e construir seu lugar, outra moradora da Cachoeira de Teotônio, Dona M. S. P. afirma que,

“quando eu cheguei aqui só tinha família né... poucos moradores e era família aí... eles impediam outros que chegassem de fora e quisesse fazer alguma coisa trabalhar então assim... era discriminado melhorou muito depois... muito depois de lá para cá até chegar aqui foi 8 anos...” (3)

Fica evidente nas duas falas o conflito existente na comunidade da Cachoeira de Teotônio. De um lado, o reconhecimento das mudanças e consequentemente a perda da união do grupo e do outro, a luta pelo lugar e o direito de moradia, situação advinda do desejo de manter o poder e dominação simbólica sobre o lugar que, segundo Claval (1979:21) “os fatos do poder têm uma dimensão espacial que se relaciona com os elementos por eles incorporados”. E para melhor compreensão dessa relação na comunidade, o mesmo autor afirma que “a definição dos direitos de posse e uso da terra, e de outros bens raros, traduz um esforço coletivo de organização e dá aos que deles se beneficiam mais direitos que a outros” (CLAVAL, 1979:16).

Identificamos que as relações sociais refletem na organização e na estrutura da comunidade da Cachoeira de Teotônio, considerando que as narradoras residem nas extremidades da comunidade, Dona M. R. D. S. e sua família do meio para o final e Dona M. S. P., também com sua família e seu comércio, estão na entrada do Povoado da Cachoeira do Teotônio.

Enquanto Dona M. R. D. S. valoriza a socialização, a união e a interação entre os moradores, Dona M. S. P. deseja o direito de moradia. Para Claval (1979) isso está ligado ao direito a posse e uso da terra, para a narradora ela tem a posse

da terra, logo, o direito de morar. Esses “jogos” de interesses diferenciados enfatizam a existência de um conflito subjetivo no lugar da cultura ribeirinha.

Em meio à disputa subjetiva pelo lugar na Cachoeira de Teotônio podemos compreender que,

“essa cachoeira tem de tudo... tem muita história...” (Dona M. R. D. S.). (26)

Diante da temporalidade presente na fala, interpretamos o lugar criado pela narradora como vivenciado, buscamos em Frémont (1980) o lugar, como um espaço reduzido, vivido e construído, considerando a associação de fatores econômicos, sociais, culturais e políticos. Por isso, a Cachoeira tem muita história e a narradora vivenciou todos os fatores dessa história.

Há uma unanimidade na fala dos narradores quando relatam e descrevem a fartura do lugar. A fartura esta liga ao fato de não passarem fome, pois é possível plantar e pescar à vontade. Na busca de compreender esse pensar coletivo quanto a fartura, percebemos que “a adesão coletiva contribui para o estabelecimento e o reforço do vínculo social” (JODELET, 2001:34).

Neste sentido, as narrativas demonstram uma ligação de satisfação entre narradores e os alimentos obtidos nas localidades, situação acentuada nas falas que alcançam o nível de vínculo social imperceptível, pois, relaciona-se com o cotidiano ribeirinho.

Selecionamos fragmentos das entrevistas que melhor demonstrasse esta situação. Foi possível montar um quadro titulado, a fartura.

FARTURA	
Dona M. R. D. S.	<i>“tinha plantação de tudo...”(16)</i>
Dona M. S. P.	<i>“essas águas dá o de comer...”(10)</i>
Senhor J. T. D. F.	<i>“Desde que cheguei aqui que a gente se alimentava da caça... do peixe e matava muita caça e pegava muito peixe...”(6)</i>
Dona D. M. M.	<i>“era só bota o anzol e jogar na água que o peixe vinha...”(16)</i>
Dona M. D. J. P.	<i>“tinha que sair caçando alguma coisa pra come e ainda trazer pra outros que ficavam em casa...”(2)</i>

Quadro 01: A Fartura

Fonte: Entrevistas realizadas com narradores das comunidades ribeirinhas da Cachoeira do Teotônio, São Sebastião e Distrito de Calama.

Os narradores atribuem valores de gratidão, exaltação e admiração criando, assim, seu lugar e com ele desenvolvendo uma relação subjetiva envolvendo o

sentimento de sobrevivência. Percebemos que o fato de ter acesso ao peixe, principalmente, faz parte de uma relação característica do ribeirinho com a floresta, ao ponto de afirmarem que,

“tudo que se planta dá...” (10), “essas águas dá o de comer...”(10) e, “tinha que sair caçando...” (2).

Logo, relaciona-se a terra, a água e a mata ao lugar. Com um outro olhar da situação, foi possível identificar ainda uma relação não individualista no momento que a narradora diz que,

“ninguém ficava sem comida dividia tudo as caça e o peixe...” (Dona M. D. J. P.). (11)

O lugar da fartura representado no ato de partilhar, uma característica peculiar do modo de vida ribeirinho, identificamos um lugar marcado pela cultura do grupo, uma ordem social que permite o ato de compartilhar.

Descrevendo seu lugar, Dona M. R. D. S. evidencia que na Cachoeira do Teotônio,

“tinha plantação de tudo era mangueira... era laranja... era até pimenta do reino... tinha canela... tudo tinha... o rio já levou tudo... e do povo que tinha muitos já morreu... já morreu quase tudo...”. (16)

Nesta fala, a narradora, além de demonstrar a fartura do lugar com suas mangueiras, laranjeiras, pimenta do reino e canela, apresenta a força do rio na vida da comunidade tanto que este já levou parte do lugar onde havia as plantações, uma força material e outra simbólica, pois da mesma forma que o rio fertiliza naturalmente a terra para plantação ele pode levar embora.

Além da fartura, podemos identificar outra relação que aparece atualmente na fala dos narradores marcado pelo confronto subjetivo entre moradores e instituições governamentais, demonstrando as diferenças dos grupos sociais relacionar-se com o lugar. Assim, comparamos duas situações e momentos da vida, Dona M. R. D. S. por destacar ainda que,

“na época mesmo tinha muito peixe e pouca perseguição era mais no trabalho...”. (17)

E, outra na fala do narrador o Senhor J. T. D. F.

“Eu sou bem contra o IBAMA esse negócio de pescá e caçá ser proibido foi Deus que deixou para nossa alimentação e eu gosto eu já falei para ele nessas reunião...” (7)

Ambos relatam a relação do IBAMA com o grupo, aparentemente uma relação tensa onde a instituição necessita proibir e os moradores das localidades necessitam e gostam de comer o que podem retirar diretamente da natureza. A fala da narradora apresenta-se conformada com a situação, tanto quanto ao fato de hoje ter menos peixe quanto ao fato de haver maior perseguição com aqueles que pescam. Situação preocupante considerando que o Povoado da Cachoeira do Teotônio é formada principalmente por pescadores, e pescar é uma ação representativa do modo de vida ribeirinho.

Considerando as nossas narrativas existe outro ponto em comum nas falas dos moradores que podemos afirmar estar ligado a vivência atual do ribeirinho com o lugar. A questão da ausência de violência urbana, assim, o lugar oferece segurança, torna-se possível viver confortavelmente e sem preocupações. Neste sentido, o Senhor J. T. D. F. afirma, referente ao viver no lugar,

“a gente cria o filho da gente do jeito que a gente quer na cidade você ‘pensa que tá dentro de casa já não tá mais tem filho que corre de pai... tem filho que pode cair na gangue... pode fumar... usar droga é por isso para Calama é bom de mais tudo que se planta aqui a gente vende e come...”. (10)

Para este narrador associamos o fato de viver na Vila de Calama com um lugar idealizado e íntimo (TUAN,1983), pois, para o narrador significa afastar seus filhos da marginalidade social existente em Porto Velho. Pois, o lugar representa proteção contra situações como assalto e principalmente o uso de drogas, considerando a fala do narrador.

O sentimento de segurança atribuído ao lugar é compreensivo quando percebemos e pensamos que o narrador faz parte de um grupo com um modo de vida baseado em uma relação intrínseca desenvolvida entre ele e o lugar, chega a caracterizar uma relação humanística dele para com o lugar. Neste sentido, compreendemos que “o grupo social ribeirinho ao dar significado ao seu espaço está criando seu conceito de natureza.” (SILVA & SOUZA FILHO, 2002:39).

Quando analisamos as três localidades deste estudo, percebemos que cada narrador, a sua maneira, atribui valores e significados ao seu lugar, como a sentimento de segurança exposto da fala do Senhor J. T. D. F. A partir disto entrelaça estes valores criando um modo de vida característico das comunidades ribeirinhas do rio Madeira.

Na busca pela compreensão desta relação do homem com o lugar, destacamos Tuan (1983: 156) com os lugares íntimos que são “tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato”. Logo, não é qualquer lugar e sim aquele em que vivenciamos alguma situação que nos proporciona desenvolver uma relação específica, o contato íntimo. Neste sentido destacamos a fala do Senhor J. T. D. F.

“Eu me sinto maravilhoso aqui em Calama principalmente agora que chegou esse trator aqui para fazer o serviço para nós que foi muito importante...”. (5)

A chegada do trator para o desenvolvimento do trabalho enfatizou a satisfação do narrador para com o lugar, ele já sentia-se maravilhado por morar no Distrito de Calama, com a situação da chegada do trator tudo torna-se admirável e mais fácil. O sentimento de admiração, fortalecido pela chegada do trator e seu benefício, torna-se possível diante da relação íntima do narrador com o lugar.

Outras situações podem ser percebidas quando os narradores atribuem valores ao lugar a partir de uma situação vivida, assim destacamos,

“hoje eu gosto daqui não saio daqui de jeito nenhum... depois que ele começou a pisar na bola queria vender esse terreno... eu não vou assinar eu morando aqui se meu filho minha filha adoecer eu levo para o outro lado do rio...” (Dona D. M. M.). (13)

Neste fragmento, percebemos que “os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo de lugar.” (TUAN, 1983:158). A narradora depara-se com a solidão e as dificuldades da vida e como mãe, cria um sentimento profundo para com o lugar, pois para ela morar em São Sebastião é seguro para criar seus filhos sozinha por ser uma localidade próxima ao centro de Porto Velho o acesso é rápido e fácil, desta forma, se precisar de atendimento médico cruza-se o rio.

Ainda podemos identificar frases soltas referentes à ligação dos narradores com o lugar como esta,

“eu gosto daqui não sei o porquê mas eu gosto daqui...” (Dona M. R. D. S.). (70)

E esta,

“eu fui muito feliz morando toda minha vida assim... rio e mata...” (Dona M. D. J. P.). (12)

As narradoras apresentam uma afetividade com o lugar, no momento que diz gostar do lugar sem ter uma razão em especial, o sentimento gostar torna-se o elo entre a narradora e a Cachoeira de Teotônio, evidencia-se então que as pessoas apresentam um “sentimento que elas têm de pertencer aos lugares frequentados pelo grupo social com o qual se identificam” (DINIZ FILHO, 2009:169). Desta forma, compreendemos que o “gostar daqui” exposto pela narradora está diretamente relacionado com o sentimento de pertencimento ao lugar considerando também sua convivência com as pessoas do mesmo lugar, as quais compartilham o mesmo pensar, agir e viver.

A convivência entre os sujeitos de um mesmo grupo social é possível considerando a semelhança entre estes, no âmbito cultural, são os mesmos princípios e regras que regem os integrantes do grupo, no nosso caso de estudo da comunidade. Neste sentido, vamos expor uma das características específicas da cultura ribeirinha, que está diretamente ligada ao lugar da cultura, os seres encantados.

2. Os Seres Encantados no Lugar Ribeirinho

Em todas as narrativas estão presentes as experiências que envolvem os seres encantados. Esses seres encantados fazem parte da representação das comunidades ribeirinhas do rio Madeira em Porto Velho, por serem,

expressão concreta, quer por manifestação, quer por emanção de uma vontade incontida do aqui e agora, e não admite redução a nenhuma outra forma semelhante. (Gil Filho, 2005:53)

Compreendendo os seres encantados como representação simbólica, logo, estes se manifestam como expressões culturais do grupo tornando-se “concretos” no momento que identificamos suas existências na fala dos narradores das comunidades pesquisadas. A não redução da fala do narrador e a liberdade para expor suas experiências conforme o contexto escolhido pelo mesmo permitiu o aparecimento do Boto, da Cobra-Grande, do Matinta-Perera e do Curupira.

Neste sentido, vamos interpretá-los como elementos constituintes do lugar ribeirinho, considerando as três comunidades pesquisadas. Fragmentamos as narrativas/textos e selecionamos o momento onde aparecem os seres encantados para então iniciarmos as interpretações.

Os seres encantados resultam de experiências vividas, ligadas ao lugar, e resultante de devaneios “nos espelhos das águas”, que conforme Loureiro (1995:38) o devaneio é caracterizado pela “interpenetração das realidades do mundo físico com as do mundo surreal, criando uma zona difusa”.

Nesta zona difusa, encontramos o lugar dos seres encantados, onde o ribeirinho é capaz de mudar a si e o seu mundo, criar e diversificar sua cultura.

Nessa construção e formação da cultura ribeirinha, encontramos e compreendemos os seres encantados como elementos que correspondem à representações deste grupo social, agem orientando as condutas do grupo, mesmo que de forma indireta, ou como afirma Lefebvre (1983:23) “la representación es una etapa, um nível, um momento del conocimiento”, ou seja, em um determinado momento ou etapa da vida dos narradores os seres encantados estavam presentes.

As histórias são compartilhadas entre os membros da comunidade, logo, as experiências individuais tornam-se coletivas socializando e influenciando nas práticas e atitudes dos sujeitos, dando visibilidade aqueles que vivenciaram a história, como o caso do pescador Nildo da comunidade da Cachoeira do Teotônio, todos o conhecem por ter ficado frente a frente com a Cobra-Grande.

O mesmo com o pescador e condutor da voadeira escolar o Tião, da mesma comunidade, que por ser o melhor condutor e conhecedor das águas do rio Madeira inclusive da localização onde a Cobra já enfrentou e saiu de situações que envolveram este encantado.

Durante o trabalho, ouvimos experiências, envolvendo quatro seres encantados, totalizando quatro histórias envolvendo a Cobra-Grande, duas do Boto, duas do Matinta-Perera e por fim uma do Curupira. Na busca pela compreensão da relação do ribeirinho com o espaço vivido por meio dos seres encantados, foi possível elaborar o seguinte quadro:

	Povoado da Cachoeira do Teotônio	Distrito de Calama	São Sebastião
Cobra-Grande	X		x
Curupira		x	
Matinta-Perera	X		x
Boto		x	

Quadro 02: Relação seres encantados por localidade.

Fonte: Resultado obtido nas entrevistas realizadas com narradores das comunidades ribeirinhas da Cachoeira do Teotônio, São Sebastião e Distrito de Calama.

Organizado por Marcela Arantes Ribeiro e Josué da Costa Silva em novembro/2009.

Em todas as localidades pesquisadas foi possível encontrar, sem dificuldades, narradores com experiências com algum dos encantados. Pela visualização do quadro, observamos que as experiências vividas dão sentido ao lugar, assim como Tuan (1983) em sua obra Espaço e Lugar, apresenta o lugar a partir do exemplo do castelo de Kronberg ao qual ganha um sentido e valor pelo fato de Hamlet ter passado um tempo ali.

Assim, mais do que simples materialização o lugar reflete as representações sócio-culturais do homem. Desta forma, nas três localidades, encontramos o lugar dos encantados ribeirinhos.

Os lugares dos seres encantados precisam existir, pois são elementos importantes e fundamentais no complexo do sistema representativo cultural deste grupo social. Esses elementos alimentam a cultura ribeirinha e fazem parte dela, caracterizando parte de um determinado modo de vida.

Por isto, compreendemos que a relação dos encantados presentes nas três localidades pesquisadas e demonstrados no quadro 02 (pág. 128) como específico de cada uma das localidades, percebemos que o lugar da Cobra-Grande e do Matinta-Perera está na Cachoeira do Teotônio e em São Sebastião, já o Boto e o Curupira o lugar está na Vila de Calama. Assim, são localidades que compartilham a mesma formação do espaço ribeirinho, porém seus lugares, aparentemente semelhantes apresentam especificidades culturais.

Entre semelhanças e diferenças, buscamos Diniz Filho (2009: 102) por afirmar que, “o estudo das características que constituem a singularidade dos lugares é uma função exclusiva da geografia, e possui importância em si mesmo”. Diante da singularidade dos lugares ribeirinhos identificamos a existência de diferentes encantados nas localidades, o melhor exemplo é o Curupira presente somente em Calama, ligado a mata e a experiência do narrador, o Senhor J. T. D. F., o qual é caçador e não pescador.

Podemos relacionar os encantados com os elementos da floresta a partir do aparecimento de cada um deles, por corresponderem a uma crença, podem ser facilmente identificados e navegados pelos sentidos e valores ribeirinhos.

Nesse sentido concordamos com Loureiro (1995:84) ao afirmar que “é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o envolve que o homem se afirma no mundo objetivo”. Esse sentido atribuído à natureza está presente no lugar

ribeirinho é onde podem objetivar a Cobra-Grande, o Boto, o Curupira e o Matinta-Perera.

Desta forma, apresentamos o quadro 03 abaixo relacionando os elementos da floresta que envolvem o ribeirinho e os seres encantados representação da cultura ribeirinha.

	Cobra-Grande	Boto	Curupira	Matinta-Perera
rio	X	X		
mata			X	X

Quadro 03: Relação dos elementos da floresta com os seres encantados

Fonte: Resultado obtido nas entrevistas realizadas com narradores das comunidades ribeirinhas da Cachoeira do Teotônio, São Sebastião e Distrito de Calama.

Considerando nossos narradores identificamos o lugar da Cobra-Grande e do Boto como sendo o rio, e do Curupira e Matinta-Perera como sendo a mata. Tal situação é possível em virtude da relação de lugar íntimo (TUAN, 1983) que os narradores/ribeirinhos apresentam com esses dois elementos da floresta. Demonstrando que ainda hoje vivenciam uma cultura diretamente relacionada ao rio e a mata.

Na imensidão da floresta Amazônia, o ribeirinho vivencia a situação de “navegar nos intermináveis e incontáveis rios (aproximadamente 14 mil cursos d’água) provoca a sensação de estar diante ‘do mundo’ e não a de estar diante de um mundo delimitado.” (TUAN: 1995: 61). A sensação de nunca ter um fim, o rio onde navegamos e a abundância de água, bem como uma relação muito próxima, principalmente de sobrevivência, pois é dele que retiram o peixe e este é o principal alimento, o ribeirinho atribuiu maior sentido ao rio no momento em que se torna o lugar de morada da Cobra-Grande e do Boto, mais do que morada é o lugar onde acontecem suas experiências com esses seres encantados.

O Boto e a Cobra-Grande são encantados que estão diretamente ligados ao rio, apresentam-se no plano vivido mostrando um tipo de relação e sentido do ribeirinho com o rio, tornando-se representação cultural do grupo.

Assim como o rio, o ribeirinho vivencia uma estreita relação com a mata que está associada ao extrativismo, a coleta de produtos para sobrevivência. Desta relação, “o caboclo³⁰ humanizou e colocou a natureza à sua medida”. (SOUSA,

³⁰ Considerando Loureiro (2005) o caboclo surgiu da miscigenação cultural entre o branco nordestino com o índio.

2002:80). Pela representação cultural, o ribeirinho humaniza a mata, assim o Curupira e o Matinta-Perera estão presentes na vida e no espaço ribeirinho, nesta perspectiva a mesma autora diz que “a floresta faz parte da vida do caboclo, do ribeirinho e vice-versa”. (SOUSA, 2002: 87). É no viver ribeirinho que encontramos as narrativas envolvendo os seres encantados presentificando este trabalho.

O deslumbramento das histórias dos encantados ribeirinhos é um mistério que não se esgota, pois cada entrevista possibilita múltiplas maneiras de interpretação e quando fazemos o retorno ao narrador, abre caminhos para outras histórias.

Sua legitimação está no lugar criado e vivido pelo ribeirinho, atribuindo sentido e valor nas situações acontecidas, envolvendo os seres encantados. Esse lugar ribeirinho está representado na cultura ribeirinha onde identificamos a manifestação do real com o surreal compondo parte das características de seu modo de vida. Desta forma, as experiências vividas com os seres encantados entrecruzam-se com o cotidiano das comunidades pesquisadas.

Na Nova Geografia Cultural, compreendemos que a realidade não é apenas o que se vê materializado ou construído pelo homem, mas sim desvendar o que não se vê. Nesta perspectiva, compreendemos a fala de Dona D. M. M. onde diz que,

“Minha mãe que contava pra gente cada história e eu fiquei com isso na minha cabeça (...) COBRA fêmea era mal sabe e o outro o homem era que acalmava ela, ele era uma boa COBRA, o macho não fazia mal para ninguém ela alagava canoa alagava barco sabe ela era mal que só...”. (5)

Na fala, há a presença da mãe na transmissão de uma das características da cultura ribeirinha, percebemos logo no início na fala da narradora que foi sua mãe que contou a história, o que favorece a confiança e segurança da narradora para com a história da Cobra-Grande, o fato de ter sua mãe como exemplo ajuda a legitimar, dá sentido e realidade à Cobra-Grande, é um modo de pensar específico do ribeirinho que permeará o imaginário de sua cultura. Logo, a importância e participação das gerações no processo cultural de uma comunidade.

Procuramos em Claval (2007) a melhor maneira para compreender essa relação da transmissão da cultura por gerações, desta forma, o pai e a mãe, principalmente a mãe, são a chave para a permanência de uma cultura, são os primeiros a transmitir e influenciar o sujeito, eles imperam no primeiro momento de vida da criança o que favorece a segurança e confiança nos códigos culturais

transmitidos por estes. Sendo um destes códigos a comunicação oral e gestual, torna-se possível compreender quando a narradora diz que a mãe dela contava e, pelo ato de contar, a mãe transmitiu a cultura do lugar.

Neste mesmo sentido, Laraia (2004) discorre sobre o processo acumulativo da cultura na formação do homem, ou seja, a cultura repassada e revivida de geração a geração reflete o conhecimento e a experiência do grupo onde o sujeito faz parte. Mais uma vez, a presença do ensinamento da família para a cultura, organização do espaço e vivenciado do grupo.

Sabendo da existência da Cobra-Grande, pode-se então explicar o porquê da canoa virar repentinamente, afinal, o rio está calmo e a canoa desaparece, muitas vezes causando a morte daqueles que nela estão.

A particularidade da fala de Dona D. M. M. ao abordar a mãe como principal transmissora da cultura ribeirinha nos possibilitou ainda identificar a existência de uma comunicação social e familiar sob aspectos interindividuais considerando Jodelet (2001:30) ao considerar que “aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento sociais.”

Desta forma, a comunicação entre a narradora e sua mãe possibilitou a permanência de uma das representações da cultura ribeirinha. No momento em que isto acontece, a Cobra-Grande transpõe gerações tornando-se um pensamento social da comunidade, pois da mesma forma que é contada para os filhos, também será para os netos, sobrinhos e amigos.

Percebemos ainda na fala da narradora o duelo entre o bem e o mal, no momento em que são duas cobras uma boa e uma má, assim se irritar a cobra fêmea teria consequências, quando a representação do macho seria um ser encantado do rio apaziguador, a mesma situação podemos identificar na fala de Dona M. D. J. P., onde a narradora diz,

“ELE só fazia o bem não fazia mal a ninguém...ELE ia pras festas se transformava em gente dançava... quando dava fé ELE virava COBRA... ia pra dentro da água...honorato é a COBRA GRANDE... agora dizem que ELA estava fazendo o mal... estava atacando as canoa...”. (5)

Na narrativa da Cobra-Grande, Cascudo (2002:294) considera que “guarda pouquíssima da alma indígena do Brasil. É um conto mítico de alta percentagem mestiça”. Identificamos assim, uma “mestiçagem” cultural e simbólica no modo de vida da narradora com a cultura indígena, possibilitando ainda, uma compreensão

da relação macho versus fêmea envolvendo o bem e o mal respectivamente e a representação social do homem como bom e da mulher como má.

São muitos os cuidados e as observamos sobre a Cobra-Grande, segundo Dona M. R. D. S.,

“uma COBRA... ali na cachoeira do Macaco... de oito horas da noite em diante não desce de canoa fazendo zuada porque... se descer podia se aprontar que ela botava pra comer ela... botava na canoa”. (39)

Para exemplificar a narradora relata que,

“um dia meu cunhado vinha subindo com mais dois... ele dizia assim: (...) - Oh Severino o senhor pare de bater na beira da canoa por que a COBRA tá pra boiar (...) - Luca pelo amor de Deus olha ali no meio do rio (...) pelo amor de Deus pule em terra e pega o cabo da canoa é a COBRA...”. (39)

O detalhe da narrativa demonstra o desespero dos pescadores diante da Cobra e o conhecer do lugar, uma vez que os pescadores sabem que na cachoeira do Macaco é onde este ser encantado reside.

O encontro da Cobra-Grande com os pescadores gera consequência ruim, considerando a narradora Dona M. R. D. S.

“ela sentou a canoa... vinha cheia de mercadoria... o compadre deixou lá no meio da praia e lá eles amanheceram... agora ela não senta de uma vez... senta um pedaço... bóia pra lá outro... senta pra lá... senta mais um pedacinho....”. (47)

Neste fragmento identificamos o encantado como algo ruim, pois destruiu a canoa cheia de mercadoria e de tamanho indescritível, pois não consegue afundar de uma vez, leva tempo e precisa de um rio grande, como o rio Madeira.

Ainda na mesma narrativa, considerando a experiência com a Cobra-Grande, identificamos outro lugar de morada da Cobra, veja que nesta segunda parte da entrevista a narradora diz que,

“no igarapé tinha de primeiro o poço da COBRA... muito tempo... é um paredão assim... no verão aqui fica ruim de peixe... aí nós ia com eles fazer batção do igarapé... aí quando chegava perto do poço da cobra eles dizia assim: - Olha vocês vai com calma não faz zuada mais alta do que isso por causa da COBRA...”(49)

A narradora diz que seu cunhado, certa vez, mostrou-lhe o buraco da Cobra-Grande e enfatiza que,

“estava desse tamanho assim na raiz do pau... ela tinha atacado de noite tava tão apertada que tava a marca na arranhada no pau... ela é a moradeira daqui...” (Dona M. R. D. S.). (54)

Mais uma vez o encantado é apresentado como um ruim e destruidor, pois havia atacado à noite. Logo, os moradores devem não fazer barulho quando navegarem e respeitar o lugar da Cobra-Grande.

Da cachoeira do Macaco para o Igarapé, ou vice versa, seja como e onde for, a Cobra-Grande está presente em muitos lugares do rio Madeira. Pode não ser possível localizar seu ponto de morada, pode-se então dizer que mora no rio Madeira, logo, o rio é o lugar da Cobra-Grande, possível na cultura ribeirinha.

A Cobra-Grande é o encantado com maior quantidade de experiência que identificamos durante o trabalho de campo, podemos compreendê-la como uma representação coletiva, pois “são os modos como os grupos pensam suas relações com os objetos que o afetam” (GIL FILHO, 2005:55). Ou seja, as experiências narradas que envolvem a Cobra-Grande são formas de pensar a relação que o ribeirinho tem com o rio, o rio não é percebido como algo perigoso, pois é a Cobra quem mata os pescadores.

E nesta multiplicidade ouvimos a mais impressionante das histórias. Após o desaparecimento de um rapaz que, teimando com sua mãe, foi pescar na Semana Santa. Não retornando a sua casa, chamaram uma moradora, hoje falecida, para acender a vela, pois esta levaria até o local do corpo, assim,

“quando foi lá pra três horas lembraram que a dona dali era a finada Marcelina e ela vai descobrir onde está o corpo com a vela dentro... só a dona Marcelina...” (...) “colocaram a vela a vela rodou... rodou... e foi saindo chegou lá onde ELA tinha cavado a terra no arrozeiro... rodou no igarapé... foi na canoa... aí pegou rodou de novo... aí já sabia que isso foi COBRA que tinha pego e foi embora...” (Dona M. R. D. S.).(63)

Na busca de explicação para mais uma situação onde a Cobra-Grande é representada como sendo ruim para os moradores uma vez leva embora e alimenta-se do homem, Loureiro (1995:228) compreende que esta construção ocorre,

pelo fato de ser portadora de malefícios e tragédias, apresenta pontos de contato com a tradição cristã que atribui à serpente uma tradição negativa e maldita, seja a serpente que desgraçou Eva e aparece esmagada sob os pés da Virgem; seja da serpente cósmica aterrorizante do Apocalipse.

Longe de abordarmos uma discussão religiosa, objetivamos demonstrar como a Cobra-Grande é representada no grupo. Através dela, os moradores enfrentam prejuízos no momento em que vira a canoa ou desbarranca as margens

do rio. Ela representa tragédias ao levar um pescador a morte deixando tristeza e muitas vezes desespero a família e amigos.

Outro desdobramento da mesma narrativa com a Cobra-Grande está na ação de heroísmo, pois,

“ano passado ELA botou pra cima do Tião vinha com seis alunos... e não teve besteira porque abaixo de Deus é o Tião na terra... pode acontecer alguma coisa com ele se tiver que acontecer mesmo... mas que ele é rápido ele é.... Tião tem coragem e é rápido...”. (48)

A partir do momento que compreendemos que todo grupo social apresenta representações no modo de vivenciar seu lugar, sendo estas compreendidas também como imagem mental conforme Magnani (1986:128) e os componentes dessa imagem seriam “as experiências individuais decorrentes da realidade social em que o ator está imerso”. Quando a narradora apresenta o *Tião* como o melhor entre os melhores, pois, se não fosse ele, algo muito ruim teria acontecido, podemos identificar que a experiência individual vivenciada por *Tião* e contada a Dona Maria Raimunda representa a cultura da comunidade a qual tanto o ator como a narradora fazem parte.

Para o ribeirão, a Cobra-Grande é um ser encantado do rio, sua existência está diretamente ligada ao rio Madeira, logo, o lugar representativo da Cobra, onde deve-se vivenciar com cuidados, considerando o período do ano, o lugar onde o animal habita e os horários e posições para navegar pelo rio. Desta forma, a Cobra-Grande está presente na organização da vida ribeirinha.

Estes seres encantados apresentam peculiaridades que os diferenciam em cada localidade. Observando esta situação podemos perceber as diferenças da Cobra-Grande em duas localidades pesquisadas.

Cobra-Grande de São Sebastião	/ Cobra-Grande da Cachoeira do Teotônio
Duas Cobras	Apenas uma Cobra
Uma boa e a outra má	Má, cruel e perseguidora
Predominante no Rio Madeira	No Rio Madeira e Igarapé
Ataca (fêmea) ou ajuda (macho) independente do local e hora.	Tem hora e local para atacar

Quadro 04: Cobra-Grande e as localidades
Fonte: Entrevistas obtidas durante o trabalho de campo.

São as diferenças identificadas nas narrativas honesto referentes ao mesmo ser encantado que enriquecem o trabalho onde percebemos que a “diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las.” (GEERTZ, 1997:29).

Desta forma, encontramos uma ou duas Cobras-Grandes, diversos locais de morada e diferentes maneiras de ataque. Os narradores reproduziram as narrativas conforme sua experiência vivida em um determinado lugar, independente de ser a mãe contando ou um morador da localidade. As experiências individualizadas envolvendo a Cobra-Grande foram compartilhadas e inseridas na cultura do grupo.

Diante das particularidades culturais em um mesmo grupo, Claval (2007:89) aponta que a cultura “não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida”. A Cobra-Grande será construída conforme a experiência vivida, podendo ajudar a atravessar um igarapé ou comer um pescador, isto dependerá dos acontecimentos e momentos da vida daquele que estiver vivenciando uma determinada situação.

No desejo de livrar-se daquilo que não é bom, no caso a Cobra-Grande, cria-se mecanismo e lógica que fazem parte das representações culturais do grupo. Isto acontece na fala de Dona M. R. D. S., ao relatar um diálogo entre o cunhado e o filho deixa claro que a Cobra não está mais no igarapé,

“Filho... eu vou matar ELA vou quebrar um bocado de garrafa e vou jogar tudo... mas... aí nunca mais nois vai beber água nois pega água do igarapé... ele fez com certeza... ela saiu de lá...” (55)

A certeza de que a cobra não está mais lá fica enfatizada pelo fato de nunca mais ter boiado na boca do igarapé e sua inexistência no lugar permite navegar e pegar água sem dificuldade.

Além da Cobra-Grande há outra narrativa muito comum nas comunidades ribeirinhas, o Boto Cor-de-rosa. Destaca-se parte de uma entrevista:

“quem tava em cima daquele flutuante caía na água e quem tava subindo voltava e quando batia na água saía tum tum tum para o meio do rio, era tudo BOTO puro que se transformou em gente... aquilo e eu não sei o que foi... fiquei besta de ver aquilo (...) porque eu nunca vi um boto virar gente e naquele dia eu vi aquela arrumação...”(Senhor J. T. D. F.). (13)

O lugar do Boto encantado é o rio, assim como a Cobra. Neste sentido, Loureiro (1995:202) afirma que “o verbo emergir confere ao rio a significação de

lugar de onde as coisas aparecem. É das águas que se emerge”. Ou seja, é das águas do rio Madeira que o Boto e a Cobra-Grande emergem.

O Boto tem a capacidade de se transformar em homem e interagir com o ribeirinho. Hoje existem diferentes narrativas que envolvem o Boto, em algumas ele aparece como curandeiro, em outras, como espírito da mata e na mais famosa, como sedutor de mulheres, homem belo e encantador.

Atualmente as narrativas envolvem situações como essa narrada acima, apenas um animal se transformando em pessoa, o que não significa que este ser encantando não faça mais parte do lugar ribeirinho, considerando que a cultura é dinâmica e está em constantes transformações como aborda Claval (2007:87) “as transformações efetuam-se sem que sejam questionados e sem que as pessoas tenham a impressão de viver num mundo mutável”, por isto, compreendemos a diversidade nas narrativas envolvendo o Boto.

O Boto encontra-se entre a realidade, a fantasia e os desejos que se confundem e se fundem no espaço ribeirinho. Segundo Loureiro (1995:209) os botos “podem se transformar, em um momento de epifania humana, em belos rapazes vestidos de branco e grandes sedutores”. Depois de transformado em homem seduz as mulheres e estas encantadas se entregam a ele, resultando em uma gravidez do Boto.

Com este olhar, o autor explica a importância desse encantado para manter a ordem social do grupo, uma vez que a gravidez de uma mulher solteira ou de uma casada não sendo o marido o pai e sim o boto fica justificada e torna-se aceitável no grupo.

Hoje está cada vez mais raro encontrar “filhos de botos”. Acreditamos que seja por instruções e informações que são levadas a estas comunidades por meio da escola ou saúde educativa. Porém, como a cultura é dinâmica e o fato do Boto se transformar em homem faz parte da cultura ribeirinha, as experiências vividas envolvendo esta situação foram ganhando outros relatos, como na narrativa do Senhor J. T. D. F. que presencia o fato dos botos tornarem-se homens.

Podemos perceber que o narrador não detalha a situação, mas afirma e re-afirma ter visto o boto virar gente, coisa que ele nunca tinha visto antes. Ou seja, o Boto/Homem, em novas situações mantém o seu lugar na cultura ribeirinha.

Além dos seres encantados do rio, podemos encontrar outros existentes na mata dentre eles identificamos, durante o trabalho de campo, o Curupira e o Matinta-Perera. Quanto ao Matinta-Perera uma moradora da Cachoeira do Teotônio diz:

“aquele bicho que chama MATINTA que... meu Deus do céu... tinha um que o pessoal dizia que quando estava na beira da praia que escutava ele assubiar podia puxar sua rede e ir embora porque ia apanhar se ele encontrasse... (...) Deu aquele vento... quando ele foi puxar a linha já era tarde de mais... pegou uma peia que ficou doente... ele não fez nada... só via o vento... só o vento...” (Dona M. R. D. S.). (30)

A narradora demonstra desespero ao falar do Matinta-Perera, ficando evidente na expressão “meu Deus do céu”. Este ser é apresentado com muita crueldade, saindo da mata a “floresta esconde olhos que espreitam, que perscrutam, que vigiam” (LOUREIRO,1995:203). O Matinta-Perera, representando os olhos da floresta, observa e analisa aquele que invade seu lugar e na primeira ameaça ataca impiedosamente.

Outro exemplo do ataque do Matinta-Perera está na fala de Dona M. D. J. P.

“meu irmão subiu pra tirar nois ouviu um assobio e um vento muito forte que vinha tocando tudo e quando nois ia pra pegá pupunha o vento empurrava nois”. (3)

A mata esconde seus segredos que afloram como representação daqueles que a vivenciam, seja envolvente ou apavorante, como o Matinta-Perera.

Alguns acreditam ser uma ave que ataca e se transforma em uma senhora idosa atrás de fumo, outros a vêem como um homem, como uma de nossas narradoras,

“um dia chegou um homem que gostava muito de vestir de branco e que é o MATINTA... mas esse homem num morava por essas bandas de cá não... mas ele chegou aqui gostou do lugar e ficou...” (Dona M. D. J. P.). (3)

Essa diversidade existe em virtude das re-leituras e novas vivências. Na narrativa de Dona M. R. D. S, o Matinta-Perera atacou sem haver a possibilidade de o pescador defender-se, no caso desta entrevista, não ficou claro o motivo do ataque, aparentemente foi um pescador de fora da comunidade que desobedeceu às orientações de não pescar em um determinado lugar, o lugar do Matinta-Perera.

Na desobediência, segundo a narradora, o rapaz diz:

“- Eu quero é vê esse bicho me bate...” (33)

A narradora ainda exemplifica os conselhos dados a ele,

“Rapaz é a coisa mais feia que acontece com a gente e a gente não vê... só sente o vento... ele foi nessa praia que fica bonita no verão ele chegou lá... o bicho assobiou...”. (34)

Depois disto, a peia, o castigo pela desobediência e afrontamento ao lugar do Matinta-Perera.

Assim como o Matinta-Perera, encontramos nas narrativas outro encantado que corresponde seu lugar na mata, o Curupira, já na localidade de Vila de Calama. Em situações diferentes, mantêm presente também na cultura ribeirinha

Aquele que desafia a mata e não a respeita é levado pelo Curupira, situação que aparece subjetivamente na fala do Senhor J. T. D. F,

“um cara se perdeu foi quebrar castanha... aí tinha um bando de porco do mato então ele atirou num e saiu atrás... também matou três... quando quis voltar não acertou mais e esse daí desapareceu”. (12)

Veja que não satisfeito somente com a castanha, matou três porcos do mato³¹ considerando que apenas um seria o suficiente tanto que o narrador enfatiza o ato de matar os três e como resultado,

“não acharam não... e pior a gente pegava onde estava quebrado fresquinho”. (12)

E para justificar o desaparecimento e o fato de não encontrar o homem, afirma que,

“parece que ele estava se escondendo da gente ele passava no corquinho o rastro dele estava novinho... novinho... a gente gritava parecia mesmo que ele estava se escondendo da gente não conseguimos achar dizem eu não sei... os antigos dizia que era uma tal de Curupira que guiava ele para afastar da gente...”. (12)

Finalmente, a representação cultural Curupira aparece como justificativa para o desaparecimento e o fato do homem não ser encontrado.

Na tentativa de compreender o porquê do homem não ter sido encontrado, afinal o narrador, Senhor J. T. D. F, conhece muito bem a mata seria quase impossível não encontrar o homem. Desta forma, “procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento³², alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor” (LOUREIRO, 1995:103).

³¹ Animal da espécie *Tayassu tajacu* de pequeno porte, andam em pequenos bandos.

³² Estranhamento na concepção de Loureiro (1995) está ligado com a idéia de distanciamento, relacionando o compreender – não compreender – compreender.

Por desconhecer os elementos existentes na mata, entrelaça o desejo, os sentidos e valores das coisas a sua volta, criam-se explicações para as situações do cotidiano ou não. Sendo assim, o Curupira encontra-se no estranhamento vivenciado pelo narrador, que, nesta situação abordada no fragmento da narrativa, navega instavelmente entre a subjetividade e a objetividade, atribuindo as duas características ao lugar. Por isso, o Curupira está na mata, ou seja, o subjetivo está no objetivo, fazendo parte das representações da cultura ribeirinha.

Na fala do Senhor J. T. D. F. há uma semelhança com a narradora D. M. M. por afirmar que,

“meu pai viu... dizem que ia descendo uma CURUPIRA e agarraram para cá para cima no fio elétrico só que diz que ela não dá muito alta e o calcanhar é para frente virado e também ela judia muito da gente na mata é cabeludo é tipo uma pessoa meu pai viu... muita gente viu meu pai levando... eu não sei mesmo se é muito fácil eu já andei muito na mata e nunca vi e peço a Deus que não veja...”. (12)

A presença do pai na fala do narrador nos permite observar sob um olhar mais amplo, enfocando a cultura, pois esta “só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem” (CLAVAL, 2007:89). Através da compreensão do autor, percebemos tanto a transmissão da cultura como sua dinâmica. Com as relações interindividuais a cultura se transforma, enriquece quando compartilhada com outras experiências semelhantes e difundem quando o pai conta ao filho, mantendo assim a utilidade da cultura para o grupo.

Esse ato de contar do pai para o filho nos possibilitou buscar em Jodelet (2001:31) “as representações como formas de expressão cultural remetem mais ou menos diretamente a tais processos de difusão.” Esses processos para o autor são: os códigos sócios que possibilitam a interpretação das experiências do sujeito em sociedade; os valores e modelos que influenciam um estatuto social; e os símbolos e invariantes que refletem as entidades coletivas, podendo ou não ser interpretados juntos.

Ao contar para o filho, o pai está difundindo a cultura ribeirinha e, conseqüentemente, suas representações. Considerando o processo dos códigos sociais, percebemos que a experiência vivida pelo pai e compartilhada passou a fazer parte do grupo familiar e quando expandida passa a fazer parte da sociedade.

Ao descrever o Curupira - baixa, de calcanhar para trás e peluda – o narrador tenta demonstrar a veracidade do acontecido, tanto, que foi possível descrever o encantado e finaliza agradecendo nunca ter encontrado um. Percebemos que este ser encantado da Amazônica é representado como algo ruim, fazendo o caçador se perder na mata e o corpo não é encontrado. Logo, o Curupira levou embora, uma “morte” sem confirmação, deixando o desaparecimento predominar diante da situação.

Esta representação do Curupira como um encantado ruim e perigoso não é de agora, segundo Wagley (1988:98),

os índio brasileiros de língua tupi consideravam Anhangá um fantasma ou espírito, e também acreditava que ele tomava a forma de animais ou pássaros. Para os índios Tupi, o Curupira era também um demônio da floresta muito temido pelo caçador.

Para este autor, grande parte da cultura ribeirinha tem origem na indígena. Desta forma, podemos encontrar muitas histórias envolvendo as diversas maneiras de representação do Curupira nas comunidades amazônicas. Assim, o Curupira reflete uma das formas de relação do homem com a mata, mais específico do caçador com a mata.

Assim, as narrativas dos seres encantados perduram na vida dos homens e mulheres ribeirinhos caracterizando a cultura desse grupo social. Estão ligados ao rio e a mata por fazerem parte deste meio, a maneira como desenvolverá a existência desses seres é particular por dependerem da experiência vivida de cada sujeito com os encantados. A eles são atribuídos explicações, valores e significações, tem lugar na vida e no espaço ribeirinho e são mecanismos culturais de preservação, continuação e sobrevivência das comunidades.

3. O Rio na Vida Ribeirinha

“Porque eu gosto daqui... eu criei... e criei meus filhos todo na beira do rio olhando para essa água comendo um peixinho feito na hora pega ai agente limpa cozinha... frita... assa é muito gostoso...” (Dona M. R. D. S.). (70)

Neste fragmento, percebemos que “o rio não é meramente espaço físico, móvel, mutante, mas lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência, e sobre o qual

dispõem de grandes conhecimentos acumulados.” (FRAXE, 2004:48). A partir do momento que a mãe cria seus filhos na beira do rio ensinando-os também a fazer dele seu meio de sobrevivência seja a pesca para venda ou para o consumo, faz com que este torne-se parte da vida cotidiana da família.

O rio está presente de várias formas na vida ribeirinha, seja como o lugar da pesca ou como o meio pelo qual transporta coisas e pessoas. Na obra “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário”, Loureiro (1995:202) apresenta o rio como sendo “o lugar onde a água é água por excelência. O rio é de água. O rio está vestido com a pele das águas”. No movimento do rio encontramos o limite dos sonhos, afeição, do querer e aflição.

Para além de um elemento físico e parado, encontramos, no reflexo das águas, um lugar humanizado, vivenciado e produzido para acolher a vida ribeirinha. As águas que formam o rio representam a vida que há nele, os perigos e os seres encantados que estão nas profundezas do rio Madeira. Do rio vem o peixe, principal alimento das comunidades ribeirinhas e de fácil acesso, esta situação faz como este elemento natural torne-se representação social por ser o lugar da pesca, morar próximo ao rio significa não passar fome.

Neste sentido, Dona M. S. P., falando sobre o rio afirma,

“é muita gente que essas águas dá o de comer...” (10)

Sendo o rio o lugar do peixe e este um dos principais elementos da alimentação ribeirinha, a narradora atribuiu ao rio o ato de doar a comida. Logo, uma afetividade de gratidão e agradecimento para com o rio.

O rio ainda é um elemento tão marcante na vida ribeirinha que podemos identificar o tempo amazônico “marcado pelo movimento das águas, das enchentes; as viagens não são contadas por quilômetros percorridos, mas por horas de viagem deitados na rede” (SILVA e NASCIMENTO E SILVA, 2002:69). O movimento das águas do rio funciona como marcado do tempo, como fertilizantes naturais para o solo, seu movimento proporciona o balançar da rede durante as horas de viagens pelos rios da Amazônia.

Identificamos, predominantemente nas narrativas, diferentes experiências envolvendo o rio, destacamos uma, em que a narradora diz:

“o rio já levou uma parte como daqui naquele casarão... o Madeira veio e já comeu tudo...” (Dona M. R. D. S.). (16)

Neste fragmento, percebemos o quanto o rio pode representar pontos opostos. Dá mesma forma que ele oferece o alimento mantendo a sobrevivência do grupo ele desbarranca o lugar levando embora parte de algo que a comunidade construiu ou plantou, “o rio torna-se, portanto, como uma coisa viva da qual tudo pode vir, como de tudo o que é vivo, de tudo o que tem vida”(LOUREIRO, 1995:203). Para a narradora, o rio Madeira representa algo forte e supremo, que se impõe pela força e fúria, precisa ser respeitado, admirado e vivenciado.

Ainda neste sentido, Dona D. M. M. afirma,

“o rio é poderoso tem força bota gente pra correr só fica aqui quem o rio deixa...”. (11)

Isto torna-se possível quando sabemos das alterações do nível da água do rio Madeira, situação que se apresenta como “fator que limita o tamanho das roças, porque a enchente força uma colheita rápida que depende da mão de obra familiar disponível” (SILVA e SOUZA FILHO, 2002:35). A fúria da água quando branda proporciona uma boa colheita, porém em estado oposto pode representar o fim da colheita. Por isto, compreende-se o quanto o rio é poderoso; é como se ele escolhesse quando terá ou não a colheita. Os moradores que não sabem vivenciar o rio deixam a comunidade ficando somente aqueles que o “rio permite”.

O rio apresenta-se como um elemento tão importante na vida ribeirinha que na fala de Dona M. R. D. S., no momento que expõe o fato de ter que sair da Cachoeira por causa da construção de uma Usina Hidrelétrica por Furnas, deixa claro que deseja morar ainda na beira do rio, tanto que, segunda a narradora, quando a empresa procura os moradores para negociar o novo lugar para morarem eles disseram que,

“nóis queremos aqui em cima da pedra para ficar olhando para o rio o tempo todo... seja lá para onde que for mas eu quero ficar assim olhando o rio...” (Dona M. R. D. S.). (68)

Olhar para o rio proporciona calma e reflexão, ou seja, o rio tornou-se um elemento constituinte do espaço e da cultura ribeirinha, estando diretamente ligado com o psicológico dos moradores.

Destacamos a presença deste elemento em todo o processo de vida dos moradores, evidenciamos esta situação na fala de Dona M. R. D. S.,

“Meus filhos nasceram e se criaram no rio...” (20)

E continua falando do rio,

“criei meu filhos bebendo essa água usando... pra tudo... era bebendo... tomar banho e não tenho nenhum aleijado... só de feiúra... não tenho não... e não eram doentio não... criei meus filhos nesse rio...”. (20)

Mais uma vez, percebemos o rio como um elemento representativo na vida de Dona M. R. D. S., a gratidão pela água oferecida por ele a qual, quando necessário, saciam a sede, tomam banho, lavam a roupa, molharem as plantações, como a narradora expõe “para tudo”. Desta forma, o rio é,

local de trabalho, lazer, meio de comunicação e contemplação. Como a comunidade ainda não possui água encanada, é no rio que se banham e pegam água para o consumo de casa. É do rio que tiram o sustento da família, pois a principal atividade produtiva dos moradores é a pesca. (FIGUEIREDO, 2002:112)

Além de registrar a presença do rio nas ações diárias, há um destaque para a relação de gerações na fala da narradora. Seus filhos nascerem e se criaram próximo ao rio. Logo, este fez parte do todo o processo de formação de seus filhos, desde a primeira infância, a segunda infância, a adolescência e a fase adulta (CLAVAL, 2007). Fazendo parte do lugar ribeirinho para esta narradora.

A relação identificada entre os narradores e o rio ultrapassa os limites da materialização, não é apenas um elemento que favorece a sobrevivência do grupo, com o peixe e a água, está presente na organização espacial das comunidades uma vez que as casas são construídas em volta dele. Através dele, os moradores navegam para visitar outras localidades, lugar das representações da cultura ribeirinha, o Boto e a Cobra-Grande. Diante de tudo isto, cria-se uma relação subjetiva do narrador com o rio.

Por isso, ouvimos, durante o trabalho de campo, falas como,

“o rio... gosto... gosto... às vezes eu vou ate lá...”.(67)

E continuam falando do rio,

“gosto de pular na água... de primeiro nós pulava de mais nesse rio era uma bênção... não sei porque condenaram a água do rio...” (Dona M. R. D. S.). (67)

O rio, neste caso, apresenta-se não apenas como um lugar em um ponto determinado, mas como um elemento presente da vida da narradora. O “pular na água” reflete o momento de vivência da narradora com o rio, o sentimento de gostar

ligado a uma brincadeira infantil, “é nas águas do rio que se divertem, crianças e adultos e é através do rio que se comunicam com o mundo exterior” (FIGUEIREDO, 2002:112). Percebemos, então, que o rio é um elemento presente na vida dos moradores das localidades ribeirinhas.

A relação dos narradores com o rio é compreensivo no momento em que pensamos que “quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente.” (TUAN, 1983:21). Mais do que conhecê-lo intimamente, podemos atribuir a ele valores e sentimentos como se fosse humano, ou seja, humanizá-lo.

As águas refletem o viver ribeirinho, um viver que não está limitado à compreensão de morar a beira do rio, mas sim de vivenciar o rio. Desta forma, encontramos falas como esta,

“eu vou ficar feliz só aqui na beira do rio” (12)

E mais,

“eu não sei morar num cantinho e olhar pra um lado e outro e não ter o rio e não é esse negocio de igarapé não... eu gosto de água...” (Dona M. S. P.). (12)

A felicidade apresenta-se como um sentimento ligado à situação de morar na beira do rio. Por isso, identificamos que “na frente de cada localidade, situada à beira do Rio Madeira existe sempre um banco de madeira que permite aos moradores observarem o rio” (FIGUEIREDO, 2002:112). Desta forma, os moradores, em especial nossa narradora, sentam-se em frente ao rio, e olhando para ele conversam, trocando relações e decisões para o grupo, quando necessário, um ponto de encontro dos moradores com a presença do rio.

A afetividade com o rio faz presente em vários momentos da fala dos narradores, como neste caso onde a narradora justifica o porquê de morar na beira do rio,

“mais é pra nós que gostamos de água... do seu barulho... fico parada hora e hora só escudando esse chuá... chuá das águas...” (Dona M. S. P.). (9)

Assim, morar na beira do rio para a narradora não significa somente um meio de satisfazer suas necessidades de alimentação, ele torna-se um lugar que é atribuído sentimento e afetividade para aqueles que vivem na comunidade.

Percebemos então que “para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem” (SILVA e SOUZA FILHO, 2002:27). Ou seja, mais uma vez o rio não é um elemento estático, um simples “fornecedor” de alimento, mas sim um elemento presente e característico de um modo de vida ribeirinha.

Assim, percebemos que os narradores “tendo visivelmente a presença do rio e da floresta, mesmo mantendo uma relação estreita de vida e de trabalho, o caboclo amazônico vê maravilhas nas coisas” (SOUZA, 2002:86). Mais do que um simples elemento físico no espaço ribeirinho, o rio está presente na vida do ribeirinho, sendo atribuídos representações no momento em que vêem, sentem e expressam coisas maravilhosas e subjetivas referente a ele.

4. Perdendo o Lugar ribeirinho

A situação vivida pelos moradores do Povoado da Cachoeira de Teotônio nos instigou a compreender o valor do lugar vivido, também, por outro olhar. Abordamos a situação onde o narrador precisa sair de seu lugar, enfocando o caso dos narradores do Povoado da Cachoeira de Teotônio que são obrigados a saírem.

É no deslocar que acontece um corte profundo e significativo, no momento que são levados a vivenciarem um novo lugar buscando re-construir suas representações e re-criar seu lugar e re-organizar modo de vida, seja do grupo, seja no individual, ou coletivo.

Isto ocorre porque “os seres humanos são os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar com um lugar” (TUAN, 1983:15). Logo, movido pelo sentimento de lar ligado a um determinado lugar onde vivem, o sentimento de partida significa mais do que simplesmente mudar, podendo ser compreendido como a perda de parte do próprio ser. É um laço de afetividade entre o ribeirinho e o lugar, reforçado pela sensação de pertencimento deste último.

Sentindo a perda do lugar em que vivem, terão que adaptar-se e criar um novo lugar. Cada narrador apresenta motivos que os ligam ao lugar e os motivos que não desejam sair e os ligam nele. Mudar e reconstruir seu lugar, sua vida, suas relações é um situação que foi possível identificar nas narrativas as quais apresentamos neste momento da dissertação.

Segundo Frémont (1980) quando analisa os lugares constata que estes possuem classificações e dentre estas habitar seria uma delas e estaria relacionado a sensação de sentir bem e principalmente a segurança, ter onde dormir e se proteger de qualquer situação.

Diante das possibilidades apresentada pelo autor acima, de compreensão da relação do morador com o habitar e considerando ainda, as narrativas obtidas durante o trabalho de campo, passamos a perceber que o morar, habitar, residir, estão voltados para a intimidade do morador com as coisas existentes e vivida no lugar, pelas imagens e sonhos daquele que a habita e compartilhados com aqueles do mesmo grupo social.

Isto ocorre, pois as pessoas têm a capacidade de desenvolver uma relação de sentimento para com os seus ambientes circundantes. O habitar é um lugar vivido que representa uma parte do espaço e está repleto de valores e simbologias, sendo um dos principais a segurança. Esse sentimento de segurança é o maior exemplo de lugar vivido, pois além de conhecer o lugar, os narradores se familiarizam com ele.

Desta forma, sair deste lugar não é tão simples, está envolvido de sentimentos e relações espaciais e culturais, envolvendo, as experiências vividas neste por nossos narradores, situação identificada e explícita no caso das narradoras da comunidade da Cachoeira do Teotônio, em que podemos selecionar fragmentos das narrativas que expressam tal situação.

O sentimento de segurança envolvendo o lugar foi melhor expressado por Dona M. R. D. S. ao dizer que

“eu gosto daqui... e muito... não quero abandonar... é muito bom tem segurança... graças a Deus nós anoitece e amanhece tranquilo não tem nada que aperreia nós... Graças a Deus nós temo a paz...”. (70)

O lugar aparece relacionado com o gostar, segurança e paz, e o abandonar este lugar significa, para esta narradora, perder tudo isto. Diante disso, compreendemos que “o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos” (TUAN, 1983:61). Foi estabelecido pela a narradora que o lugar oferece o que ela deseja e procura para sua vida; por isso, sair dele representa sentir a dor da perda, o romper com o já conhecido e enfrentar o desconhecido, e este sentimento doloroso torna-se agravante, pois o sair não é de vontade da narradora.

Neste sentido, Dona M. R. D. S. falando sobre ter que sair da Cachoeira de Teotônio em virtude da construção de uma Usina Hidrelétrica por Furnas no lugar diz enfaticamente,

“não quero sair mas de jeito nenhum se eu sair daqui é porque vão me tirar...” (67)

E continua,

“o pessoal de Furnas diz que nos não temos projeto... temos sim só que o projeto que nós fizemos esta acima do que nós tem aqui porque nós queremos tudo melhor...”.(68)

Percebe-se que com a saída do lugar a comunidade já está precisando reformular suas práticas sociais e culturais, a ação sair gera desdobramentos por passar a fazer parte da experiência do grupo.

A transferência forçada da população afetada provoca a sua desestruturação, na grande maioria das vezes a população é transferida para locais desfavoráveis para a reconstrução de suas vidas e manutenção de seus costumes, fazendo-as mudar seus modos de vida de forma rápida.

Por isto, o Povoado da Cachoeira do Teotônio está se organizando para pedir um local na beira do rio, ou seja, eles desejam permanecer às margens do rio Madeira. Desta forma, a população ribeirinha sofre tanto os impactos diretos quanto os indiretos das mudanças no seu espaço. Indiretamente a mudança força de sua cultura e diretamente a reorganização de seu espaço e suas relações espaciais.

Neste contexto, o grupo está presenciando significativas mudanças, dentre as quais destacam-se a reconstrução das casas; a construção de posto de saúde (antigamente a comunidade precisava se deslocar até Porto Velho para atendimento de primeiros socorros ou procurava curandeiros ou benzedeiras do lugar); o asfalto da estrada; materiais para escola; cursos para inserção no mercado de trabalho como os de bio-jóias. Este último, está presente na fala de Dona M. R. D. S.,

“Tem Furnas ela já deu fruta e deu material pra fazer bio jóias deu pra as mulher e homem que quisesse participar... nossa jóia foi uma vez para São Paulo”. (18)

Com a nova realidade vivida pelos moradores, outras atividades estão sendo inseridas e adaptadas ao grupo, como o caso das bio-jóias, aprender, fazer e vender, essa é uma sequência de ações que não faziam parte da vida do grupo,

com as mudanças que estão acontecendo está havendo uma reorganização no viver dos moradores da comunidade da Cachoeira do Teotônio.

Uma das principais consequências do processo de saída do lugar já está sendo as transformações no perfil das representações sócio-culturais do grupo, pois terão que re-organizar e re-estruturar o espaço e criar um novo lugar, uma vez que o lugar está relacionado à experiência vivida pelos narradores e esta “implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983:10). Romper com a própria vivência significa viver outra.

A maior marca deste processo está na fala dos moradores, mais específico em momentos como este,

“a Cachoeira é pra mim isso aqui é uma grande coisa ontem até chorei eles vieram fazer o meu cadastramento... eu falei pra ele eu vou ficar feliz só aqui na beira do rio a paisagem o mato tudo isso eu gosto então isso que eu acho muito ruim de sair...” (Dona M. S. P.). (12)

O ato de chorar da narradora nos permitiu perceber o quando o lugar é importante para ela, pois, choramos quando estamos tristes. Em sequência reafirma a presença do rio na vida dela, uma vez que morar na beira do rio é um dos fatos que proporciona a felicidade da narradora.

Por isso, compreendemos que os lugares estão repletos de significados e laços afetivos que, quando compartilhados, ganham dimensões inimagináveis. Identificamos sentimentos comuns nas conversas embaixo das árvores e na beira do rio, na canoa quando pescam, quando reúnem para limpar o peixe e entre outras práticas. Por isso, compreendemos que o lugar reflete a vida e as relações sociais do grupo.

Um pouco desta dimensão aparece no momento que Dona M. S. P. diz,

“a paisagem o mato tudo isso eu gosto então isso que eu acho muito ruim de sair eu não sei morar num cantinho e olhar pra um lado e outro e não ter o rio...”.(12)

Por não saber morar em outro lugar, olhar para os lados e não ver o rio, a narradora demonstra a existência de uma cultura com profundas relações com a natureza (LOUREIRO, 1995), ultrapassando a compreensão de algo materializado e refletindo nas águas da cultura ribeirinha.

Os sentimentos “gostar” e “ruim” estão marcados no fragmento acima, dois sentimentos extremos e diretamente ligados ao lugar da narradora. Neste momento, ela apresenta o “gostar” ligado a mata e o rio, estar envolvida por estes elementos a

faz sentir-se bem, sendo desnecessária uma mudança. Porém, há a obrigatoriedade de sair do lugar, neste momento o sentimento “ruim” está associado à situação “ter que sair” e ao mesmo tempo desligar-se do lugar e preparar-se para criar outro.

Sair do lugar significa romper com a ligação do homem com seu lugar, em análise das mudanças ocorridas nas moradias das cidades industrializadas. Frémont (1980:131) conclui que “a ligação psicológica dos homens aos lugares habitados é assim profundamente afectada”, quando sofrem algum tipo de mudanças.

Desta forma, os moradores da comunidade da Cachoeira do Teotônio ao serem obrigados a saírem do lugar rompem com a ligação psicológica – emocional afetando diretamente a cultura e o modo de vida do grupo em questão.

Essa ligação psicológica e emocional pode ser identificada no momento que uma narradora diz:

“Me pego pensando como que vou poder viver pra outro canto... sem ver tudo isso...” (Dona M. S. P.). (19)

A incerteza de viver em outro lugar e a certeza de que não irá mais vivenciar o rio e a mata a sua volta, demonstra um pouco de desespero e conformismo quanto à saída do lugar.

Neste processo de mudança percebemos que o lugar da narradora é “pleno de emoções, de conhecimentos incorporados que nascem da vivência, da observação e do acúmulo da sensibilidade oriunda do lugar” (SILVA, 2007:233), sendo a vivência o maior elo entre a narradora e seu lugar, o qual proporciona tanto o desejo de observação quanto a sensibilidade que possibilita a criação do seu lugar.

Desta forma, compreendemos a complexidade de sair do lugar para além de um ponto materializado, um lugar que representa as experiências e vivências de uma comunidade. Neste sentido, buscamos em Tuan, (1983:163) a compreensão das experiências entre a narradora e o lugar, pois são,

as experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas freqüentemente não estamos sequer conscientes delas.

São por essas experiências íntimas que ouvimos outra narradora dizer que,

“hoje estou feliz agora todo mundo vai sair daqui de qualquer jeito... eu não sei pra onde eu vou e nem sei até onde a água vem...” (Dona M. S. P.).

Afirmando que depois de tanto lutar para garantir um pedacinho de terra para sobreviver a narradora expõe que todos terão que sair, deixando a entender que não adiantou muito lutar pelo seu lugar, pois indiferentemente de ser ou não morador antigo da comunidade terão que sair.

A incerteza e o rio se fazem presentes na vida da narradora, a primeira por não saber para onde vai, e o segundo por não saber o alcance da água. Em meio a tal situação a afirmação de ser feliz no lugar onde vive, logo o desejo de não sair.

Em análise sobre a ligação de agricultores com o solo Tuan (1983) aborda a existência de um sentimento profundo e piedoso pela terra possível em lugares mais isolados e que tente a ser conformista quando algo acontece como é o caso da narrativa de Dona M. R. D. S.,

“mais agora até nossa cachoeira eles querem levar da gente... pois só vai tirando nossas terras... por isso muita gente já foi se embora...”. (16)

Uma vez que o ribeirão humaniza a natureza (LOUREIRO, 1995), ao atribuir valores e sentimentos a cachoeira ao ponto de tornar-se algo que pode ser levado da narradora, ser tirado como as terras. No momento que fala das terras demonstra uma relação de poder, uma vez que alguém de fora da comunidade, ou melhor, no caso do Povoada da Cachoeira do Teotônio é uma empresa para a construção da Usinas Hidrelétrica de Santo Antônio, surge e induz a venda das terras dos moradores.

Por isso ouvimos “vai tirando nossas terras”, considerando que esta situação foi possível uma vez que os interesses pela construção da usina são maiores e mais fortes que os interesses da comunidade.

Sem a pretensão de abrirmos uma discussão sobre esses interesses, apenas evidenciamos que no caso de um conflito entre dois lados, provavelmente o que perderá será o mais fraco. Por isto ouvimos ainda o seguinte desabafo,

“com tanto canto nesse mundão de meu Deus... esse governo tinha que deixar a hidrelétrica vim logo prá cá...”(Dona M. S. P.). (8)

Sendo a narradora integrante de uma comunidade que apresenta uma organização sócio-econômica diferenciada da urbana, principalmente por apresentar uma economia de subsistência, qualquer comercialização está voltada para a pesca, isso no caso da comunidade ribeirinha da Cachoeira do Teotônio.

Não podemos ignorar a entrada, ou como expõe a narradora, a invasão de outros elementos que correspondem a interesses alheios aos da comunidade. Por

isso, em análises sobre os espaços econômicos Frémont (1980:59) afirma que “a investigação do espaço vivido dos homens não pode ignorar o conjunto das forças que o condicionam”. Na situação apresentada pela narradora, são forças externas que estão condicionando uma nova organização do espaço vivido pelos moradores da comunidade ribeirinha da Cachoeira do Teotônio.

Este processo de re-organização se concretizará no ano de 2010 com a mudança definitiva de todos os moradores da comunidade para uma vila construída pela empresa responsável pela construção da Hidrelétrica. Uma vila semelhante à organização espacial de um condomínio fechado da área urbana da Porto Velho. Muito diferente da atual organização do espaço da comunidade.

Sentimentos ligados a atual realidade vivida pelas narradoras da Cachoeira do Teotônio: chorar, sair, abandonar, ruim e ir embora. Identificamos esses sentimentos, pois o lugar dos nossos narradores atingiu o que Tuan (1983:20) chama de realidade concreta, ou seja, “quando nossas experiências com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva”.

Percebemos então que o lugar é parte integrante da vida dos nossos narradores, pois ao terem que quebrar a realidade concreta por motivos externos a comunidade, os moradores também quebraram o sentido e o reflexo de suas experiências com o lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho nos permitiu entrar em um mundo subjetivo da cultura ribeirinha. Buscamos encontrar mecanismos de sobrevivência, organização e explicações de um modo de vida característico dos grupos ribeirinhos do Rio Madeira.

Uma vida desprendida de ambições consumistas com um tempo marcado pela relação subjetiva do ribeirinho com a mata e o rio caracterizando um modo de vida ribeirinho. No balançar de uma rede e nos reflexos das águas, sobrevivem sem o “corre-corre” da vida urbana característica de Porto Velho.

Conseguimos que os nossos narradores tolerassem nossa “invasão” em suas vidas e aceitassem conversar mais de uma vez, compartilhando suas histórias e experiências de vida, nos foi permitido identificar e interpretar sentimentos e desejos entre os narradores e seus lugares. Deste contato surgiu um maior envolvimento dos pesquisadores com a vida ribeirinha, principalmente com aqueles que colaboraram para a realização desta pesquisa.

O maior encanto por este trabalho está na representação dos seres encantados, aliás, no momento da narrativa que os envolvem, foi a partir desse foco que houve os outros desdobramentos, os quais proporcionaram identificar e compreender uma relação subjetiva e cultural entre o ribeirinho e os elementos da natureza. Uma relação que caracteriza a cultura e o espaço ribeirinho, uma vez que o ribeirinho criou, humanizou e atribuiu sentido e valor ao seu lugar vivido.

Desenvolver uma pesquisa na Geografia com este eixo central foi possível por estar fundamentada na perspectiva da Geografia Cultural, em que podemos partir das particularidades e individualidades de cada narrador para compreender a vida e o lugar ribeirinho. Podemos ainda, interpretar e apresentar os seres encantados como representação social e cultural existente e característica deste grupo social que fazem parte e organizam as espacialidades do grupo.

Com o caminhar metodológico escolhido e aplicado não houve dificuldades durante o trabalho de campo e nem impossibilidade de sua realização. Pensando a partir da História Oral, compreendemos o desenvolvimento de uma pesquisa com

entrevistas abertas e espontâneas marcadas pelas experiências vividas de cada narrador.

Com a metodologia Espaço Vivido, podemos observar e abranger tudo que envolve o narrador, perceber, além de sua fala, as relações sociais presentes no grupo onde está inserido. As duas metodologias foram utilizadas simultaneamente o que possibilitou o resultado alcançado.

As “águas” do rio Madeira refletiram, neste trabalho, através da fala dos narradores uma cultura composta de representações, significados, valores e visão de mundo correspondente a uma vida ribeirinha que foram expressadas nas cinco narrativas e espacializadas neste trabalho por meio da compreensão do lugar a partir dos próprios narradores.

Enfatizamos para esta pesquisa os seres encantados como representação da cultura do grupo ligando o homem ao seu lugar. Foi neste sentido que as narrativas ribeirinhas nortearam nossos pontos de interpretação. Identificamos o Boto, a Cobra-Grande, o Curupira e o Matinta-Perera como elementos que inter-relacionam subjetivamente o ribeirinho ao rio e à mata.

Com a pesquisa podemos perceber que a representação dos seres encantados fazem parte do lugar ribeirinho e a partir dessa compreensão que selecionamos outros pontos comuns nas entrevistas: o lugar da cultura ribeirinha; o rio; e, perdendo o lugar ribeirinho.

Todos envolvendo o *lugar* e as experiências dos narradores. A maior complexidade da pesquisa está no fato de termos que “navegar” pela subjetividade de uma cultura e modo de vida diferente do nosso, o lugar vivido pelo ribeirinho envolvendo relações de gratidão, satisfação e felicidade, apresenta uma dinâmica de vida marcada pela presença do rio em suas vidas.

Através deste trabalho, desejamos demonstrar uma relação afetiva do ribeirinho para com seu lugar espacializando suas experiências de vida por meio de sua fala. Ao apresentarmos o lugar do ribeirinho sendo interpretador e compreendido por sua cultura com uma organização e relações espaciais característica do grupo estamos possibilitando compreender um modo de vida marcado por simbolismos subjetivos que nos permitem dizer que o espaço ribeirinho é tão complexo e simbólico como todos os outros espaço de qualquer outro grupo social.

Estão tão próximos e ao mesmo tempo tão longe do centro da cidade. Não vivem isolados, frequentam tranquilamente Porto Velho, porém vivenciam esse modo de vida ribeirinho, onde, interpretando as “águas do rio” e percebemos um elemento vivo, humanizado e representativo na vida de nossos narradores.

Para interpretarmos teoricamente esta relação homem e natureza, buscamos principalmente com geógrafos na corrente da Geografia Cultural e antropólogos conceitos que nos orientasse para tal compreensão.

Procuramos demonstrar que na subjetividade do espaço ribeirinho podemos encontrar significados, representações e valores que norteiam, orientam e mantém a ordem da vida ribeirinha e sobrevivência do grupo. Essas relações quase imperceptíveis para aqueles que não fazem parte do grupo são de extrema importância no contexto social, cultural e espacial daqueles que a vivenciam.

Compreendemos que tanto a cultura quanto o espaço são dinâmicos e conseqüentemente as relações envolvendo o homem e seu lugar também serão, neste sentido, o lugar passa por constantes re-construções, ganhando novas leituras de suas representações, passando por re-significados, entre os novos e velhos simbolismos a dinâmica da vida vai acontecendo.

Pensando assim, tentamos apresentar neste trabalho o atual espaço simbólico ribeirinho, o que nos proporcionou compreender o ribeirinho atualmente como formador e componente de um grupo social específico, identificando-se como tal no seu dia a dia.

Durante o desenvolvimento desse trabalho vivenciamos situações que nos possibilitará ampliar discussões futuras, assim, o desejo e a busca para melhor compreender as situações que envolvem “luta simbólica”, “dominação simbólica”, “disputa subjetiva” e “confronto subjetivo” deixa caminhos ainda a serem navegados nos “rios” formando novos conhecimentos.

Ser ribeirinho significa ir além da concepção de morada na beira do rio, representa viver e reconhecer-se como tal, uma vida marcada pela relação homem, rio e mata, uma interação sócio-cultural refletida nas representações ribeirinhas sociais e culturais.

Durante o desenvolvimento desse trabalho vivenciamos situações que nos possibilitará ampliar discussões em futuros **trabalhos**

Esta relação envolvente vem construindo, reconstruindo e dinamizando pouco mais de um século esse viver ribeirinho, a partir das representações vivenciadas, tanto individualmente como no coletivo, a presença e o envolvimento socioeconômico e cultural com o rio e a mata registram como compreender o modo de vida ribeirinho, correspondendo uma visão além da característica de morar a beira do rio ou igarapé, o que seria insignificante minimizar esse modo de vida somente pela moradia e não representativo diante da pluralidade do viver Amazônico.

Portanto, há uma inviabilidade de fazer generalizações, considerando as muitas localidades ribeirinhas, por mais semelhante que sejam suas construções espaciais são únicas dentre muitas influências. Essa situação movimenta espacialmente e cronologicamente o homem e no mundo. Evidenciando estas diferença deixa-se em aberto uma nova reflexão para a diversidade sócio-étnica-cultural dos seres humanos.

Desta forma, registramos que este trabalho não teve a pretensão de ser uma visão unilateral e determinista da vida e espaço ribeirinho, acreditamos que através desta dissertação apenas apresentamos uma maneira de compreender as relações de três grupos ribeirinhos do Rio Madeira, Vila de Calama, Localidade de São Sebastião e Povoado da Cachoeira do Teotônio e, a partir deste trabalho, esperamos abrir novas leituras envolvendo a geografia cultural e a vida ribeirinha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Nair Gurgel do. **Encantos do Rio Madeira – Histórias Ribeirinhas**. São Carlos, Pedro & João, 2009.
- BARBOSA, Fabíola Holanda. **Experiência e Memória: A palavra contada e a palavra cantada de um nordestino da Amazônia**. Tese de doutorado: USP, São Paulo, 2006.
- BERQUE, Augustin. Paisaisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba, UFPR, 2008.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: Um Século (3)**. Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EduERJ, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 2ª Edição. São Paulo, Global, 2002.
- CENTRAIS ELÉTRICAS S.A - FURNAS. Disponível em www.furnas.com.br. Acesso em 02/02/2010.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Revista das Revistas: Estudos Avançados, Vol. 11 – nº 5, ano 1991. Disponível em www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf. Acesso em 17 de maio de 2009.
- CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____. Campo e Perspectiva da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: Um Século (3)**. Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EduERJ, 2002.
- _____. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. 3ª Edição. Florianópolis, Editora da UFSC, 2007.
- _____. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EduERJ, 1998.
- _____ & JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EduERJ, 2000.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo, NUPAUB/USP, 1994.
- DINIZ FILHO, Luis Lopes. **Fundamentos Epistemológico da Geografia**. Coleção Metodologia do Ensino de História e Geografia, vol. 06. Curitiba, IBPEX, 2009.
- ELIADE, Mircea, **Mito e Realidade**. 5ª Edição. São Paulo, Perspectiva S.A, 1998.
- FIGUEIREDO, Expedita Fátima Gomes de. Aspectos do Cotidiano nas Comunidades Ribeirinhas. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fátima Gomes de, SOUZA, Lucileide Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). **Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho, EDUFRO, 2002.

- FRAXE, Terezinha J. P. **Cultura Cabocla – Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo, Annablume, 2004.
- FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Trad. Antônio Gonçalves. Reivão & Antônio G. Mendes. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.
- GALLAIS, Jean. Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: Um século (3)**. Coleção Geografia Cultural. Rio de Janeiro, EduERJ, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo, Copgright, 1989.
- _____. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Tradução Vera Ribeiro. Revisão Técnica Maria Claudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- _____. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelune. Petrópolis, Vozes, 1997.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural: Estrutura e Primado das representações. In: **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ Nº 19-20. P. 51-59, JAN/DEZ DE 2005.
- _____. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba, IBPEX, 2008.
- _____. **Geografia Cultural: estrutura e primado das representações**. In: Revista Espaço e Cultura. Vol. 03, número 19/20. Rio de Janeiro/RJ, UERJ, NEOEC, 1996, p. 51-59.
- _____. Geografia da Religião: Reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, Salete, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero, 1994.
- HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, Mobilidade e Multiterritorialidade numa Perspectiva Geográfico-Cutural Integradora. In: SERPA, Angelo (org). **Espaços Culturais: Vivências, Imaginação e Representações**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 02/06/2009.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro, EDVERJ, 2001.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 17ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. **La Presencia y La Ausencia: Contribución a la teoria de lás representaciones**. Cidade do México, Fundo de Cultura Económica do México, 1983.
- LEÓN, Mário A. Rodríguez. A Invasão e Evangelização na América Latina. In: DUSSEL, Enrique (org.). **500 anos de História da Igreja na América Latina**. São Paulo, Paulus, 1992.
- LIMA, Dário de Araújo. **O Juízo reflexionante Kantiano e a Natureza Humana de Representar no Lugar**. In: SERPA, Angelo (org). **Espaços Culturais: Vivências, Imaginação e Representações**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- LINTON, Ralph. **O Homem: Uma Introdução à Antropologia**. Tradução de Lavínia Vilela. 12ª Edição. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.
- _____. **A Arte como encantaria da linguagem**. São Paulo, Escrituras, 2008.
- MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho. Paisagem Cultural. In: KOZEL. Salette, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- MAGALHÃES, Elisa Pestana. **Lendas do Brasil**. São Paulo: Girassol. 2004.
- MAGNANI, José Guilherme C. Discurso e Representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In CARDOSO, Ruth C. L (org). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- MARTINS, Élvio Rodrigues, **Geografia e Ontologia: O Fundamento Geográfico do Ser**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 21, pp. 33 - 51, 2007.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A Ilha encantada: Medicina e Xamanismo numa Comunidade de Pescadores**. Coleção Igarapé. Belém, UFPA, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Edição. São Paulo, Loyola, 2005.
- MELLO, Anísio. **Histórias e Lendas da Amazônia**. Série Estórias e Lendas. Ilustração J. Lanzellotti. São Paulo, Literart, 1960.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. 7ª edição. Petrópolis, Vozes, 2000.
- NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças S. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo, Terceira Margem, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo, Livraria Pioneira, 1976.
- PANKOW, Gisela. **O Homem e seu Espaço Vivido: Análises literárias**. Tradução: Flávia Cristina de Souza Nascimento. Campinas, Papirus, 1998.
- SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e Espaço Mundos – A Semiótica da Espacialização na Geografia Cultura Humanista e cultural?. In: KOZEL. Salette, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo, Hucitec, 1996.
- _____. **Espaço e Método**. 4ª Edição. São Paulo, Nobel, 1997.
- SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da fatura**. Tese, Universidade de São Paulo – USP, Doutorado em Geografia Humana, São Paulo, 2002.
- SARAIVA, Adriano Lopes. O olhar, o ouvir e o escrever como etapas da pesquisa com populações tradicionais ribeirinhas. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fátima Gomes de, SOUZA, Lucileide Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). **Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho, EDUFRO, 2002.
- _____. **Festejos e Religiosidade Popular: o festejo em comunidades ribeirinhas de Porto Velho – RO**. Dissertação, Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Mestrado em Desenvolvimento Regional, Porto Velho, 2007.
- SILVA, Amizael Gomes da. **Conhecer Rondônia**. Porto Velho, ABG, 1999.
- SILVA, Armando Corrêa da. **Geografia e Lugar Social**. São Paulo, Contexto, 1991.

- SILVA, Antônio Carlos Galvão da. **O Seringal no Município de Lábrea: O Espaço Vivido e a Resistência de um Tempo**. Dissertação, Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Mestrado em Geografia, Porto Velho, 2008.
- SILVA, Garcilenil do Lago. **Educação na Amazônia Colonial: Contribuição à história da Educação Brasileira**. Manaus, UFAM, 1985.
- SILVA, Josué da Costa. **Cuniã: Mito e Lugar**. Dissertação, Universidade de São Paulo – USP. Mestrado em Geografia Humana, São Paulo, 1994.
- _____.e SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. O viver Ribeirinho. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fática Gomes de, SOUZA, Lucileyde Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). **Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho, EDUFRO, 2002.
- _____.e NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. Os relatos orais e a pesquisa com Populações Ribeirinhas. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fática Gomes de, SOUZA, Lucileyde Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). **Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho, EDUFRO, 2002.
- _____. O Mito e as Crenças como constituintes do Espaço Ribeirinho na formação do Modo de vida Amazônico. In: KOZEL. Salete, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- SILVA, Laura Maria Caetano da & LEITE, Alex Sandro. Mito e Memória: uma forma de representação da identidade social em Jequié/Bahia - Brasil. In: Lemos, Maria Tereza Toribio & BAHIA, Luiz Henrique (orgs). **Percursos da Memória: construções do imaginário nacional**. Rio de Janeiro, UERJ, NUSEG, 2000.
- SOUSA, Domingas Luciene Feitosa. **Espaço Vivido e Mapas Mentais em Escola Ribeirinha**. Dissertação, Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Mestrado em Geografia, Porto Velho, 2009.
- SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Navegar é preciso: Barqueiros do Madeira, cultura, resistência e sustentabilidade**. Dissertação, Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Mestrado em Desenvolvimento Regional, Porto Velho, 2004.
- _____. Amazônia: uma poética do imaginário. In: SILVA, Josué da Costa Silva, SOUZA, Mariluce Paes de, FIGUEIREDO, Expedita Fática Gomes de, SOUZA, Lucileyde Feitosa & PEREIRA, Wilma Suely Batista (orgs). **Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho, EDUFRO, 2002.
- THOMPSON, John. B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas**. 6ª ed. Petrópolis, Vozes, 1995.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro, Difel, , 1980.
- _____. **Lugar e Espaço**. São Paulo, Difel, 1983.
- WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica. Estudos do homem nos trópicos**. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3ª Edição. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1988.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Introdução e Organização H.H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução de Waltensir Dutra. 5ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.